
3 1761 07047163 6

A. DE S. S. COSTA LOBO

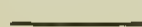
AFFONSO
DE
ALBUQUERQUE

DRAMA HISTORICO

EM VERSO

LISBOA — Imprensa Nacional — 1886

AFFONSO DE ALBUQUERQUE



DRAMA HISTORICO EM VERSO

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Memorias de um soldado da India .... 1 vol.

Oito satiras de Juvenal, trasladadas em verso, com introducções e notas......... 2 vol.

A. DE S. S. COSTA LOBO

AFFONSO

DE

ALBUQUERQUE

DRAMA HISTORICO

EM VERSO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1886


LIBRARY
MAR 6 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

A seu irmão

Francisco de S. Costa Lobo

Off.

O auctor.

AO LEITOR

Affonso de Albuquerque é um dos personagens mais notaveis da nossa historia. É um d'aquelles homens, que raros apparecem sobre a terra, e que a vista descobre, atravez dos seculos, como pincaros remontados acima do nivel da humanidade. Da familia dos grandes conquistadores e dos grandes politicos, os seus congeneres chamam-se Alexandre, Cesar, Frederico, Napoleão.

A nenhum d'estes é elle inferior, quer na vastidão das concepções, quer no lustre das

façanhas. E os seus feitos são tanto mais admiraveis, que elle não cingia o diadema, nem meneava o sceptro do poder absoluto; mas estava subordinado aos caprichos de um monarcha, incapaz de comprehender os seus altos designios.

De mais, se bem que investido da dignidade de governador e capitão-mór da India, era elle, em virtude dos privilegios proprios da fidalguia que o rodeava, constantemente contrariado pelos seus subordinados.

Em lucta com o rei, em lucta com os seus capitães, dispondo de uma pequena força militar, coagido a occupar-se das mais insignificantes minucias do commercio e da administração, vivendo á mercê da fortuna, sem provimento assegurado de mantimentos, de armas, de navios, elle, todavia, avassallou os mares do oriente desde Ormuz até Malaca; e fundou aquelle imperio indiano, que os seus successores do seculo XVI pouco mais

fizeram que manter, e que os dois seculos seguintes viram desabar, mais corroido pela podridão dos proprios vicios, que derrocado pelo embate das armas inimigas.

Mas esses vicios, de que o oriente eivou os nossos compatriotas, tinham sido devidamente apreciados por Affonso de Albuquerque. Elle previra os seus effeitos, e á sua virulencia contrapunha um regimen de severa administração e rigorosa disciplina: — o unico capaz de consolidar e perpetuar as conquistas; — aquelle mesmo regimen a que o imperio de Roma deveu a sua longa duração, e uma influencia social que o tempo ainda não extinguiu.

Esse regimen, que elle tenazmente sustentou contra a turbulencia e soltura dos seus capitães e soldados, contra a fraqueza versatil do rei, e contra as intrigas de aulicos e invejosos, occasionou-lhe, como elle proprio o confessava, mais tormentos que todos os

seus trabalhos de guerreiro. E, por fim, a inquebrantavel rigidez valeu-lhe uma demissão humilhante, que, provavelmente, lhe apressou a morte. Depois d'elle, a licença grassou ás soltas pela India.

Um genio tão extraordinario prende irresistivelmente a attenção da posteridade. A admiração, que elle inspira, traduz-se na curiosidade de saber, não sómente os seus feitos, mas toda a compleição do seu caracter.

Sente-se o desejo de o conhecer intimamente, como nós conhecemos um nosso contemporaneo; de observar, para assim dizer, com nossos olhos o seu procedimento; de viver mentalmente a sua vida, tomar parte nas suas anciedades, escutar-lhe os pensamentos, julgar os seus motivos, tratal-o e conversal-o, como o trataram e conversaram os seus familiares e os seus adversarios.

E, mais ainda, o nosso espirito não fica satisfeito, senão quando desnuda o coração d'esses homens superiores, e consegue penetrar nos mais intimos recessos da sua alma. Precisâmos, não só resuscital-os e contemplal-os laborando na sua obra, senão que almejámos por arrancar-lhe do peito a confissão d'aquelles secretos pensamentos, que foram os motores da sua vida, e que os seus contemporaneos talvez nem sequer rastrearam.

A estes desejos do nosso espirito a narração historica não póde dar senão uma satisfação muito imperfeita. Investigadora rigorosa dos factos e das relações que os entrelaçam, sujeita aos dictames da razão critica, confrangida nos seus julgamentos pelos testemunhos da auctoridade e dos diplomas, a Musa da Historia, sob pena de perder os seus creditos de veracidade, não póde devassar aquelles segredos, que, inconsciente

ou sobrepensado, o coração humano encerra em profundezas impenetraveis á luz do dia.

A faculdade de desvendar esses mysteriosos arcanos pertence áquellas Musas da Imaginação, que, dos elementos que lhes são ministrados pelos actos externos, têem o condão de recompor a alma que os origina.

Esse condão ellas o possuem, porque ao conhecimento da vida do individuo, que em todo o caso é indispensavel, ellas juntam o conhecimento de todas as variedades da natureza humana, e dos modos por que cada uma se manifesta exteriormente.

Porém não lhes pergunteis pela formação syllogistica das suas criações; porque não obtereis uma resposta satisfactoria. Não que essas criações não sejam reaes e verdadeiras; mas porque o processo, por que ellas se realisam, não é o processo da analyse logica.

As criações artisticas nascem de uma com-

prehensão synthetica e intuitiva, e não da concatenação de raciocinios. A prova de que ellas são reaes e verdadeiras está em que ellas respiram, palpitam, fallam ao nosso entendimento e movem os nossos affectos. A differença que, nas obras da imaginação, vae da mentira á verdade, é a que vae de uma chimera a um ser vivente.

É por isso que, fascinado pelo grande vulto de Affonso de Albuquerque, e desejando revocal-o á vida, o auctor escolheu para ritual da evocação a fórma dramatica.

Esta fórma é aquella que mais palpavelmente reproduz o viver das gerações extinctas. Por via d'ella, sobre um tablado que a phantasia facilmente transforma em scena do mundo real, os homens do passado se nos antolham redivivos em corpo e alma, e ahi os contemplâmos embebidos nas cogitações que os desvelaram, agitando-se sob o agui-

lhão das paixões, empenhados na sua obra, e caminhando ao seu destino.

Mas, se no drama os personagens, os seus feitos, e a sua epocha revivem com mais relevo e individualidade de que em nenhum outro genero de criação litteraria, por outro lado a natureza da composição dramatica não permitte uma representação circumstanciada da vida inteira d'esses personagens.

O dominio do escriptor dramatico é circumscripto pela brevidade reclamada pela attenção do espectador, e ainda mais circumscripto pela unidade da acção que lhe serve de argumento.

A acção dramatica não póde ser senão uma unica.

Esta unidade não deriva a sua razão de ser dos preceitos de Aristoteles, mas da natureza de toda a realisação artistica.

O dramatista tem a liberdade de escolher, de entre as aventuras do seu protogonista,

aquella que melhor diga ao seu proposito, mas não póde escolher senão uma. E, quando elle tem por alvo a reproducção de um personagem historico, deve procurar na sua vida aquella occurrencia que, pelo violento abalo com que lhe revolveu a alma, seja a mais apropriada para trazer á luz os seus mais profundos sentimentos, e assim revelar o seu caracter em toda a plenitude.

Tratando-se de um capitão como Affonso de Albuquerque, o qual é quasi exclusivamente conhecido pelos seus feitos de guerra, pareceria, á primeira vista, natural o escolher para entrecho dramatico alguma das suas famosas conquistas. Porém o auctor é da opinião d'aquelles que julgam que as batalhas e o apparato bellico não se amoldam ás condições do theatro contemporaneo. O publico dos nossos dias não é dotado d'aquella ingenua simplicidade, que faz com que as corridas e botes de armas de alguns mal-

geitosos comparsas em um estreito tablado sejam engrandecidos pela imaginação ás proporções de complicadas evoluções e sangrentos combates de um numeroso exercito sobre vasto campo de batalha. E, em qualquer caso, não é nas batalhas que se revela, em todos os seus intrincados meandros, o genio de um homem que foi não só um grande capitão, mas tambem um grande estadista.

O fim do enredo dramatico não é tanto o de reproduzir o caracter publico, e, para assim dizer, ostensivo do protogonista, como o de desvendar o seu caracter intimo, no qual está a razão e a chave de todo o seu procedimento exterior. A concepção do drama é inteiramente opposta á concepção que da historia fazia o esculptural chronista dos feitos de Albuquerque.

João de Barros confessa que o seu intento de historiador foi sómente o escrever a guerra que os portuguezes fizeram aos infieis, e

omittir as desavenças que os portuguezes tiveram entre si, *para não macular uma escriptura de tão illustres feitos com odios, invejas, cubiças, e outras coisas de tão mau nome, de que assim os vencedores, como os vencidos, podiam perder muita parte dos seus meritos; porque ácerca dos varões de prudencia, quando hão de julgar meritos da vida alheia, mais olho têem ao discurso de como se houve em os negocios entre os amigos, que ao pelejar com os inimigos, porque n'esta parte se vê a fortuna, e na primeira a virtude.*

Ora, é não sómente a virtude, mas tambem o odio, a inveja, a cubiça e as outras qualidades de bom ou mau nome, que a mascara da Melpomene dramatica é destinada a personificar.

Procurando, pois, na vida de Affonso de Albuquerque uma acção que fosse a mais accommodada á manifestação impressiva do

seu caracter, o auctor julgou encontral-a em um successo, que deu grande brado no seu tempo, mas cujas razões determinantes têem permanecido envolvidas em mysterio. Referimo-nos á execução na forca de um cavalleiro, natural de Alemquer, chamado Ruy Dias, pelo crime de ter sido encontrado na camara da nau de Affonso de Albuquerque em companhia de uma moura, captivada na primeira tomada de Goa.

Sobre os pormenores d'este successo variam muito os chronistas; mas o caso, em summa, foi o seguinte.

Quando em maio de 1510 Albuquerque foi forçado pelo rei de Bijapur, que os nossos chamavam o Hidalcão, a abandonar a cidade de Goa, de que se havia apossado em fevereiro do mesmo anno, mandou elle, antes de se retirar á esquadra, degollar os principaes mussulmanos da cidade, e recolheu comsigo na sua nau as mulheres e filhas d'elles.

Por ser então a força do inverno n'aquellas regiões, Albuquerque não pôde saír a barra, e foi detido no rio de Goa até á entrada de agosto.

Foi durante a sua estada n'esse rio, onde a frota padeceu muitas fomes e assaltos incessantes do inimigo, que se deu o acontecimento referido. Ruy Dias, um cavalleiro de boa linhagem, foi encontrado na camara da nau de Albuquerque em companhia de uma das donzellas captivadas em Goa. Após um processo summario, o governador condemnou-o, por sentença, a morrer pela forca. Quando o condemnado era levado á execução, varios fidalgos, seus amigos, se amotinaram, arrancaram-no ao executor da justiça, e vieram, em som de revolta, á nau de Albuquerque a protestar contra o que elles diziam ser uma exorbitancia dos poderes que lhe conferia o seu regimento de governador.

Agora dêmos a palavra a João de Barros:

«Chegados á borda da nau, onde Affonso de Albuquerque os veiu receber, sabendo que íam com aquelle impeto, começaram a dizer; —que poderes tinha elle para mandar enforcar aquelle homem por tal caso? e mais sendo homem de sangue que, havendo de morrer por algum delicto, não havia de ser por tão vil morte? Affonso de Albuquerque, como tinha já sabido o que elles deixavam feito, e as palavras que diziam eram conformes á força, dissimuladamente lhes respondeu que, se elles queriam ver os poderes que tinha para fazer aquella justiça, que de boa vontade elle lh'os mostraria, que subissem para cima. Os capitães, parecendo-lhes que a mostra dos poderes havia de ser a alçada, que lhe el-rei dera por suas patentes, emquanto governasse a India, subiram; mas, como foram na tolda, um a um os mandou metter na bomba, estando na bocca da escotilha com a espada na mão, nua; e di-

zendo que aquelles eram os poderes que lhes havia de mostrar, e taes lhe dava o seu officio de capitão contra os desobedientes, e que impediam a justiça de el-rei seu senhor. Feita esta prisão . . . mandou tirar o culpado d'onde o tinham, e foi levado em um batel por bordo de todas as naus com pregões que denunciavam seu crime, té que por derradeiro o enforcaram. E, segundo alguns familiares de Affonso de Albuquerque depois disseram, posto que o culpado merecesse a morte pelo modo que teve em commetter o crime, mais o chegou á morte a pouca reverencia dos capitães, que a indignação do caso, e mais se quiz mostrar na execução d'ella obedecido que piedoso. Mas comtudo a mais da gente da frota ficou escandalisada d'este feito, por elle Affonso de Albuquerque ser a *parte offendida e o julgador, e mais em caso d'aquella qualidade,* e em logar e tempo que tudo eram trabalhos: mas ainda era a fome

tamanha que vieram a quatro onças de biscoito por dia, e em algumas naus se comiam ratos.»

Quando lemos na historia da India, e na do proprio Affonso de Albuquerque, tantos outros feitos, não já de sanguinolenta justiça, mas de ferina vingança, não se comprehende porque esta execução judicial, a consideral-a só por si, fosse tão soada e malsinada por todos os chronistas.

Aquelles mesmos, que rara vez se occupam de outra cousa que não sejam as proezas militares, ou os actos do monarcha e os successos da côrte, não se esquecem de relatar este acontecimento, que, sob o ponto de vista d'onde elles encaravam a historia, devêra ser por elles considerado como indigno de menção. Não só o facto é relatado por Gaspar Correia, Castanheda, João de Barros e o segundo Albuquerque, os quaes escreveram

os feitos da India; mas até Damião de Goes e Jeronymo Osorio o julgaram assás momentoso para lhe darem cabida na sua historia do reinado de el-rei D. Manuel. E, por fim, Camões, no grande monumento das nossas glorias nacionaes, consagra cinco das estancias, cantadas pela prophetica nympha, a estigmatisar a sentença de Albuquerque, isto é, um numero de versos igual áquelle que dedicou a celebrar as suas victorias.

Mais estâncias cantára esta Sirena
Em honra do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe uma ira que o condemna,
Posto que a fama sua o mundo cerque.
. . . .
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa
Que a fraca humanidade e amor desculpa.
. . . .
Se o peito, ou de cioso ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Co'os seus uma ira insana não refreia,
Põe na fama alva nodoa negra e feia.

Dir-se-hia que o poeta pensava que a deshonra d'este procedimento murchára todas as gloriosas palmas, de que a victoria tinha coroado a fronte do grande capitão.

Afigura-se-nos que a nomeada do successo, e as iras que elle suscitou contra Affonso de Albuquerque, não são explicaveis, se, alem das circumstancias que nos foram conservadas pela escriptura, não tivesse havido outras, que a tradição ainda conservava vivas no tempo de Camões. Para que a execução de um simples cavalleiro impressionasse tão profundamente a imaginação dos seus contemporaneos, e que essa impressão se prolongasse durante um seculo inteiro, é permittido suppor que houvesse outras causas, alem das que os historiadores mencionam. Deviam ter existido n'estes amores do cavalleiro christão e da captiva moura circumstancias excepcionaes, que excitassem vivamente a commiseração dos portuguezes. Não po-

diam ser d'aquelles amores vulgares em que a lascivia se pasce na torpeza.

Se esta triste aventura se tivesse dado em Portugal, e não na India, quem sabe se ella não seria ainda hoje lembrada em alguns d'esses romances ou trovas populares, em que se tem conservado a memoria da ardente paixão que obrigou o destemido cavalleiro a escalar as muralhas da alcaçova para roubar a bella moura, que se consumia de languidez na aborrecida clausura?

As palavras de João de Barros fazem crer que o *monstro de olhos verdes,* como lhe chamava o Iago, que o ciume não fôra de todo alheio á resolução de Affonso de Albuquerque. Camões não se pronuncia decididamente por esse motivo, mas considera-o possivel.

Talvez tambem que os dotes pessoaes do cavalleiro, e que a formosura e nobreza de sangue da captiva, concorressem para immortalisar o tragico desfecho d'estes amores.

A mussulmana, por amor de quem Ruy Dias foi levado ao cadafalso, não era, como diz Camões, que recorre aos mais violentos contrastes para afeiar a crueldade da execução; a moura não era uma *escrava, vil, lasciva, e escura*. É o proprio Affonso de Albuquerque que, em uma das suas cartas, informa o rei, de que essas mouras captivadas em Goa eram alvas, formosas, e honestas: e d'estas mesmas elle enviou algumas á Rainha para suas criadas.

Escrava era ella na verdade, mas escrava pela sorte da guerra. N'aquelles tempos o captiveiro era a escravidão. Nos serralhos da Africa e do oriente havia nobres damas, e até princezas, que recebiam de joelhos as ordens da sultana; assim como nas enxovias havia fidalgos e principes de sangue real, que serviam ao seu senhor nos mais baixos misteres.

Por seu lado, tambem os christãos acor-

rentavam ao banco das gallés os Seids e os Emires, e vendiam no mercado as suas mulheres e filhas.

Posto que o enredo d'este drama seja entretecido das desventuras do amor de Ruy Dias, não foi o intento do auctor juntar mais uma descripção d'esta paixão a quantas já superabundam no theatro moderno. O enredo não faz aqui outro officio senão o de offerecer ensejo apropriado á apresentação de Affonso de Albuquerque e dos conquistadores da India. Este drama aspira a ser uma pintura historica.

No caracter de *Affonso de Albuquerque* foram reproduzidos fielmente todos os lineamentos que lhe assigna a historia. Á imaginação não se permittiu aqui outro emprego senão o de encher os vazios das linhas com os toques, as sombras e o colorido, que dessem vida e expressão a toda a physionomia.

Emquanto aos outros personagens, cujos nomes se encontram nas nossas chronicas, é o seu caracter tão pouco conhecido, em virtude das funcções secundarias que desempenhavam na India, que não houve escrupulo em assignar a cada um a individualidade e situação, que mais conviessem ao desenvolvimento dramatico, e melhor personificassem os costumes e sentimentos dos homens d'esta epocha.

Que homens eram elles, esses primeiros conquistadores da India? D'onde lhes provinham os altos espiritos, que se abalançavam a tão heroicos commettimentos? Em que fragua era forjada a intrepidez da sua alma? Como adquiriam elles a tempera, que os tornava indifferentes á peste, ás fomes, aos naufragios, aos ardores equatoriaes e aos frios do pólo austral? D'onde procedia, n'uma palavra, a sua fortaleza physica e moral?

A fortaleza physica procedia das durezas de uma vida pobre, curtida nos trabalhos da guerra e do mar, nas montarias venatorias, e outros exercicios fragueiros que arremedam a imagem e os perigos da guerra.

A fortaleza moral procedia de tres sentimentos, que estavam, por assim dizer, encarnados na substancia da sua alma: — sentimentos sobre que não havia discussão, nem duvidas, nem restricções; — sentimentos irreflexivos, espontaneos, indefectiveis. Esses tres sentimentos eram a fé religiosa, a honra de cavalleiro e a lealdade ao rei.

Todavia é necessario não suppor que elles entendiam os dictames da fé, da honra e da lealdade, precisamente como nós hoje os entendemos. As palavras são ainda as mesmas, mas já não exprimem exactamente as mesmas idéas. De não se fazer esta distincção procedem tantos juizos erroneos sobre os costumes do passado.

A fé dos nossos antepassados não era sómente um acto de razão e de consciencia: era mais do que isso, era uma milicia armada e posta em campo contra o tremendo poder do inimigo tradicional, o mahometismo.

Hoje em dia que o islam, esphacelando-se na putrefacção gerada pelos seus dogmas, é a fabula e o desprezo das nações da Europa, custa-nos a realisar o pensamento de que, ainda na primeira metade do seculo XVI, era, a juizo humano, uma questão muito duvidosa, qual a religião que havia de finalmente prevalecer no mundo, — se a religião do evangelho, se a religião do Coran. Foi só depois do meiado d'esse seculo que a declinação do mahometismo se tornou visivel; porque até então, entre fluxos e refluxos, a sua onda invasora tinha constantemente avançado.

Durante o periodo mais critico, a peninsula hispanica foi a guarda avançada da Europa contra as armas islamitas. Para o portuguez,

e para o castelhano, o triumpho da cruz não era sómente o triumpho de um dogma religioso; era tambem o triumpho da sua raça e da sua nação, a reconquista da sua terra, a restauração da sua liberdade, a castidade do seu lar domestico, a segurança da sua lavoura e da sua industria, e, por fim, a gloria da victoria, e o prazer da dominação e da revindicta.

Da natureza d'este sentimento se impregnava toda a sua educação, por elle se regulava a sua vida, por elle se determinavam as suas ambições, por elle se moldavam os seus affectos. D'elle derivava tambem todo o codigo das ordens de cavallaria.

Vestindo o manto, e cingindo a espada, o cavalleiro consagrava-se á missão de prostrar no pó da ignominia o estandarte do islam, e libertar o mundo do jugo infame. Por isso a honra do cavalleiro compunha-se de valor indomito e abnegação incondicional na defeza e propagação da fé.

A lealdade ao rei era um sentimento não menos arreigado que o sentimento da honra. A patria considerava-se então encarnada no monarcha. O desleal ao rei era traidor á sua patria.

Constante na fé como o infante D. Fernando, destemido como Geraldo Sem-Pavor, leal como Martim de Freitas, tal era o conjuncto das qualidades do consummado cavalleiro.

Muitos actos de rapina e crueldade, que hoje destruiriam o caracter do que nós chamâmos um *cavalheiro*, eram nodoas, sim, porém não nodoas indeleveis no escudo do cavalleiro. Mas o *cavalheiro* é um ente que vive ao abrigo das leis, no meio de uma sociedade policiada, e n'uma orbita de obrigações perfeitamente definida; ao passo que o cavalleiro, filho de uma geração rude e turbulenta, jogava a sua vida nas fortalezas da Africa, ou nas plagas orientaes, ou nas mal-cosidas pranchas de uma caravella; — frequentemen-

te entregue a si proprio, desprendido de todos os vinculos civis e domesticos, e não tendo outra lei senão a que elle se impunha a si proprio.

É certo que o ideal da cavallaria excluia toda a baixeza e ruindade. Se bem que raros, existiram modelos d'esses finos quilates. No personagem de *Ruy Dias* eu procurei encarnar esse ideal do cavalleiro.

Os personagens de *D. João de Lima, Fernão Peres, Pero de Alpoim, Ayres da Silva, Bernardim Freire, Manuel de Lacerda*, são destinados a representar differentes gradações do typo commum da fidalguia da India d'esta epocha, em que o valor e a lealdade não tinham ainda desluzido, mas que já se mesclavam com muitos dos vicios de que o Oriente inficionou a gente portugueza.

O mesmo zêlo pela fé, que armava o braço do cavalleiro, era o que inflammava o espirito

do missionario em anhelos pela conversão dos infieis e dos gentios. O padre era o companheiro inseparavel do navegante e do conquistador. De *Frei Domingos de Sousa,* que foi o confessor de Affonso de Albuquerque, fiz eu o interprete religioso d'essas crenças que, por tantos seculos, foram o sangue e o alento da nação portugueza.

O fidalgo e o padre são, depois do rei, as duas figuras mais proeminentes da sociedade medieva. Mas, no principio do seculo XVI, havia já emergido da sombra, em que por muito tempo occultára o seu engrandecimento, uma outra entidade, que começava a rivalisar com aquellas em importancia real, se bem que os seus ademanes exteriores continuavam a ser humildes. Essa entidade era o *lettrado* ou *legista.*

O lettrado, filho do povo, foi o conselheiro dos monarchas na sua prolongada lucta contra

os privilegios do clero e da nobreza. E essa missão elle a soube cumprir com habilidade e bom exito.

Se no desempenho das funcções, que mais propriamente lhe incumbiam, —as funcções judiciaes e administrativas— elle foi igualmente prestante no continente do reino, não vem a proposito o inquiril-o. Mas, na India, podemos affoitamente dizel-o sem receio de desmentido, o legista falhou miseravelmente no cumprimento das suas obrigações.

Não tivemos, pois, duvida alguma em attribuir a *Diogo Pereira,* como representante d'esta classe na India, o caracter de um intrigante ambicioso, desprendido de todos os vinculos de consciencia.

João Ramires, sua mulher *Thereza,* e os *Alabardeiros,* de que aquelle era o capitão, são destinados a personificar os filhos da classe plebeia, que os deslumbramentos da

India arrancavam ao cultivo do seu torrão natal.

Em face dos representantes da sociedade portugueza, pedia o argumento que se contrapuzessem os seus adversarios. O gentio e o mussulmano, isto é, o indio indigena e o indio adventicio, foram as duas raças contra quem os portuguezes luctaram no Indostão. Em *Timoja,* capitão que muito figura nas nossas chronicas, procurou-se desenhar o typo do indio: e em *Kumal-Khan,* ou *Camalcão* como os nossos lhe chamavam, foram esboçados alguns leves traços da physionomia do mussulmano.

Mas o inimigo verdadeiramente formidavel dos portuguezes não era, nem o soldado indio, nem o soldado mussulmano: era o genio do Oriente, que se compraz em quebrantar com o fogo dos deleites os caracteres mais rigidos.

O anjo malefico dos portuguezes era aquelle espirito de seducção, de entorpecimento, de sensualidade, com que o Oriente tem embriagado e finalmente corrompido os seus conquistadores.

Esse espirito mavioso, fascinador e fatal, tentámos corporifical-o na captiva moura, a quem se deu o nome de *Fátima.*

Estes são os personagens que se movem no primeiro plano do drama.

No segundo plano, e nas longinquas perspectivas do horisonte, foi o desejo do auctor que a vista se dilatasse pelos mares e praias do Oriente até Portugal, e áquellas regiões da Europa, onde, como na India, se debatia o imperio entre o christão e o islamita.

A unidade de pensamento, a concentração da acção, o encadeamento das peripecias, que são condições impreteriveis da arte dramatica, e a estreiteza de limites que ella as-

signa ás suas producções, permittem, e creio até que reclamam, uma ampla liberdade da imaginação, não emquanto aos factos fundamentaes, e ao caracter dos homens conhecidos, mas em relação á disposição, agrupamento, e individuação das circumstancias accidentaes, e dos personagens secundarios. O drama não é uma narrativa. Uma obra de arte não póde adstringir-se á precisão de uma taboada de datas, nem aos rigores de uma critica micrographica.

Ninguem estranhe, portanto, que a acção principal fosse transferida do Rio de Goa, onde ella passou em 1510, para o castello de Goa em 1514. Ninguem tão pouco esmiuce nos dialogos dos personagens a correcção chronologica dos successos mencionados.

O que o auctor procurou foi a verdade generica, a qual não póde ser formulada sem alguma inexactidão nos incidentes; mas a qual é o resultado definitivo e proficuo da

lição historica, e aquella que, sobretudo, merece a attenção do philosopho e do moralista.

O que elle pretendeu foi fazer reviver Affonso de Albuquerque, e os homens da sua epocha, na plenitude das suas elevadas aspirações e da sua ardente actividade, com os seus modos de pensar e de sentir, com os seus habitos, os seus costumes, os seus preconceitos, as suas paixões, as suas virtudes e os seus vicios.

O proposito é difficultoso, e elle não se lisonjeia de o ter conseguido. Mas tem por tanto tempo vivido em espirito na sociedade d'esses arrojados navegantes, que alguma cousa se lhe pegou do seu denodo, e que as apprehensões do naufragio não o demovem de aventurar o seu baixel em mares tempestuosos e aparcellados.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

DRAMA HISTORICO EM VERSO

PERSONAGENS

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, governador da India
RUY DIAS, joven cavalleiro.
AYRES DA SILVA, joven fidalgo.
BERNARDIM FREIRE, joven fidalgo.
MANUEL DE LACERDA, joven fidalgo.
D. JOÃO DE LIMA, fidalgo e capitão.
FERNÃO PERES DE ANDRADE, fidalgo e capitão.
FREI DOMINGOS DE SOUSA, frade dominicano.
PERO DE ALPOIM, fidalgo, ouvidor da India.
DIOGO PEREIRA, escrivão do crime.
JOÃO RAMIRES, capitão dos alabardeiros.
DIOGO MENDES DE VASCONCELLOS, capitão da armada do reino.
ANTONIO DA SILVEIRA, mancebo mui juvenil, chegado n'essa armada.

TIMOJA, general indio ao serviço de Portugal.
KUMAL-KHAN, embaixador do Hidalcão.
HASSAN, eunucho.
1.º FIDALGO.
2.º FIDALGO.
1.º ALABARDEIRO.
2.º ALABARDEIRO.
FÁTIMA, captiva moura.
THEREZA, mulher de João Ramires.

FIDALGOS, PAGENS, SOLDADOS,
MOUROS DA COMITIVA DE KUMAL-KHAN.
MOURAS CAPTIVAS, FRADES E PADRES,
O MESTRE DOS CALAFATES, O PILOTO-MÓR,
IRMÃOS DA MISERICORDIA DE GOA, POVO DE GOA.

CASTELLO DE GOA—1514

O tempo da acção é de quatro dias. O I acto passa-se na tarde, e o II acto na noite, do primeiro dia. Entre o II e o III acto suppõe-se o intervallo de um dia. O III e o IV acto tomam o terceiro dia. O V acto a manhã do quarto dia.

ACTO PRIMEIRO

OS CONQUISTADORES DA INDIA

O theatro representa a Casa de Armas do Caste'lo de Goa: — uma vasta salla de architectura indica, ornamentada com todo o barbarico esplendor d'essa architectura. De um e outro lado corre uma columnata, cujos capiteis são adornados de figuras inteiras de elephantes, tigres e adibes: o entablamento é insculpido de baixos relevos, representando os idolos monstruosos da India. Das columnas pendem peças de armadura portugueza, — capacetes, couraças, espadas, adargas: á base encostam-se cabides com lanças, piques e alabardas. — O fundo da scena é formado por uma columnata igual, de sorte que os intercolumnios dão passo para o adarve do castello, onde se vêem peças de artilheria, assestadas na muralha, e montes de pelouros empilhados. Além do adarve avista-se, na distancia, parte da cidade de Goa, e o rio com a esquadra portugueza fundeada. — Sobre o entablamento interior d'esta parte da columnata estão sobrepostas, em parte conspicua, as armas de Portugal da epoca de El-Rei D. Manuel, e a cruz da Ordem de Christo. — Para o lado direito e fundo do palco ha cadeiras e mesas. Sobre uma d'estas um jogo de xadrez; sobre outra um alaude. Em outras, alguns mappas geographicos e livros. — Na bocca do palco, do lado direito, um grande globo geographico terrestre sobre elevado pedestal; e do outro lado, em correspondencia, uma esphera armillar. — De um e outro lado tocheiras com suas tochas de cera. — É ao pôr do sol.

SCENA I

TIMOJA, tez fusca, trajo militar oriental. PRIMEIRO e SEGUNDO ALABARDEIROS. O primeiro alabardeiro está postado do lado direito da scena, e o segundo alabardeiro do lado esquerdo, fazendo cada um sentinella a um dos intercolumnios, que se suppõem dar communicação reservada, o da direita para a salla da ceia, o da esquerda para os aposentos de Affonso de Albuquerque.

TIMOJA, depois de ter fallado baixo alguns instantes com o alabardeiro da direita

Vou ao Governador,— dão-me a resposta
«Está a ceiar». Procuro agora est'outro
Diogo Pereira, o escrivão do crime:
«A ceiar».
Comem bem estes portuguezes!
Esfaimados na sua pobre terra,
Vem da India cevar-se na fartura.
Hospedes que não fazem cerimonias...
Hospedes, sim! deixal-os arrogarem-se
Perpetuo senhorio d'esta cidade:
Estrangeiros de tão longinqua patria
Não firmarão o seu dominio em Goa.
Para nosso proveito trabalharam
Em expulsar d'aqui os mussulmanos.
Goa, por fim, ha de voltar aos Indios...

Mas urgente fallar a este Pereira:
Se eu entrasse lá dentro, e o chamasse...
Não! Não quero polluir-me com a vista
E contacto das carnes que elles comem.
Immundas criaturas!
Mas que modo
De o avisar?... Não ha outro remedio.

(Dirige-se á direita para saír pelo intercolumnio guardado pelo alabardeiro.)

PRIMEIRO ALABARDEIRO, cruzando a alabarda diante da entrada

Não se entra sem licença.

TIMOJA

Eu sou Timoja.

PRIMEIRO ALABARDEIRO

Bem vos conheço. A ordem é para todos.

TIMOJA

E a quem hei de eu pedir essa licença?

PRIMEIRO ALABARDEIRO

Ao nosso capitão que está lá dentro.

TIMOJA

Mas se eu não posso entrar, como pedir-lh'a?

PRIMEIRO ALABARDEIRO

Não sei. São ordens.

TIMOJA, á parte

Que boçaes! Que alarves!
Voltarei logo aqui!
(Sae pela esquerda.)

SCENA II

OS DOIS ALABARDEIROS

SEGUNDO ALABARDEIRO, dirigindo-se ao seu camarada

Mui descontente
Se ficou o Moiro.

PRIMEIRO ALABARDEIRO

Elle não é Moiro,
É Indio.

SEGUNDO ALABARDEIRO

Indio ou Moiro, é a mesma coisa.

PRIMEIRO ALABARDEIRO

Não é tal! Moiro é moiro, e o Indio é gentio.

SEGUNDO ALABARDEIRO

Gentio?

PRIMEIRO ALABARDEIRO

Sim, gentio como os caffres.

SEGUNDO ALABARDEIRO

Mas este não é caffre.

PRIMEIRO ALABARDEIRO

Nem é moiro.
O indio é da terra, e os moiros são de fóra.

SEGUNDO ALABARDEIRO

Mas d'onde são elles, os Moiros da India?

PRIMEIRO ALABARDEIRO hesita e murmura, como quem não sabe o que ha de responder. Depois com entono de mestre

Sempre és grande sandeu. São da Moirama.
Indios da India, Moiros da Moirama.

SEGUNDO ALABARDEIRO

A Moirama é na Africa.

PRIMEIRO ALABARDEIRO, um pouco confuso

Não é essa...
A Moirama de cá é n'outras terras...
(Reflectindo.)

Deixa ver... A Tartaria... A Arabia... A Persia.
O Turco é da Tartaria... Ormuz na Persia...
Meca é na Arabia, e ahi nasceu Mafoma.

SEGUNDO ALABARDEIRO

Muito se aprende na India!

PRIMEIRO ALABARDEIRO

És bisonho,
Fresco de Portugal. E não admira
Que sejas ignorante. Em Penacova,
Na tua aldeia, cavavas á enxada,
Guiavas os bois, semeavas o centeio:
Aqui has de ver mundo e cutiladas.
O que sei, aprendi á minha custa.
Em Ormuz me feriram n'esta coxa
Co'uma frecha, que entrou até ao osso.
Fui, no estreito de Meca, pela sêde
Durante um mez inteiro esbrazeado,
E vi muitos dos nossos em delirio
Atirarem se ao mar, gritando —agua! agua!—
Quando foi da tomada de Malaca,
Um elephante, que eu feri na testa,
Me enlaçou com a tromba, e pelos ares
Ao rio me enviou... Mas felizmente
Só no caso parti uma costella...

(Ouve-se dentro uma grande algazarra de gargalhadas, e fechar-se uma porta com estrondo. Os dois alabardeiros tomam, cada qual, o seu posto. Pelo

intercolumnio direito, a que postado o 1.º alabardeiro, entra Diogo Pereira n'um estado de grande exaltação concentrada.)

SCENA III

OS MESMOS. DIOGO PEREIRA, trajo de lettrado, garnacha e barrete redondo preto. Depois TIMOJA.

DIOGO PEREIRA volta-se para o lado por onde entrou, e, vendo que ninguem o seguiu, dá largas aos impetos da sua raiva

Insolentes! Brutaes! Raça bastarda!
Covardes! que insultaes um desvalido,
Os vossos brazões são uma mentira!
Eu sou um ruim villão, nobres fidalgos?
Sim! Sou mesquinho, e não cinjo uma espada!
Vós sois ricos, felizes, poderosos,
Espesinhae o pobre homem do povo!
Mas esqueceis que a vibora calcada
Lança de si mortifero veneno:
E a astucia é o dardo envenenado
Dos fracos que rastejam pela terra.
Não vos dão alvarás de moradia
O saber que, atravez do rosto humano,
Penetra da alma os intimos arcanos;
Nem um peito, senhor dos seus affectos,
Nem a prudencia que domina os homens,

E os leva á conclusão premeditada.
Se alto vos collocou o nascimento,
Mais que o acaso da sorte póde o engenho.
Sabereis algum dia que a vingança
Não se conta entre os vossos privilegios.

(Timoja entra da esquerda.)

TIMOJA

Feliz encontro, meu Diogo Pereira.
Tenho que vos dizer... Mas affrontado
Me pareceis?

DIOGO PEREIRA

Effeitos d'esta calma!
Que ardor! A vossa terra é um brazeiro!
Terra de jacarés e de macacos!

TIMOJA, com ironia

É por isso que vós, os portuguezes,
Resolvestes aqui fazer assento.

DIOGO PEREIRA, irritado

Tu tambem! Tu me fazes teu palhaço?

TIMOJA

Mas que pontoso estaes, meu caro amigo!
Bebestes, porventura, em demasia?
Ou deram-vos o fôro de fidalgo?

DIOGO PEREIRA

Meu honrado Timoja, perdoae-me.
Vós não sois brahmane, nem eu fidalgo.
Vós sudra, e eu villão; na sua patria
Cada um de nós pertence á casta infame.

TIMOJA, á parte

O impudente escrivão tem a ousadia
De igualar a sua á minha casta!

DIOGO PEREIRA

Os opprimidos, que entre si guerreiam,
De grilhões mais pesados se acorrentam.
Só a união dará aos desherdados
Força para luctar contra os soberbos.

TIMOJA

Ora bem, que fallaes como assisado!
Maltratar um amigo no momento
Que elle vem dar-vos provas do seu zelo!
Maguar um coração affectuoso!...

DIOGO PEREIRA

Que quereis, pois, de mim, meu bom amigo?

TIMOJA

Alviçaras! Que trago alegres novas...
Mas vem gente. Busquemos outro sitio.

(Saem pela esquerda.)

SCENA IV

D. JOÃO DE LIMA, FERNÃO PERES DE ANDRADE. Entram da direita pelo intercolumnio guardado pela sentinella.

D. JOÃO DE LIMA

Estas ceias para mim são muito longas...

(Continuando uma conversação interrompida.)

Mas dizia eu, senhor, que é vergonhoso
Que nesta fortaleza. onde hoje pousam
Cavalleiros christãos, ahi se guardem
Em cerrado aposento aquellas mouras.

FERNÃO PERES

Que mal vêdes ahi? São as captivas,
Que o Governador diz foram pedidas
Pela rainha; e agora elle as educa
Para servirem bem a Sua Alteza.

D. JOÃO DE LIMA

Ao seu anjo da guarda as encommendo...
Sabe Vossa Mercê o que me lembra?
Quando o Turco tomou Constantinopla.
— No proprio anno foi em que eu nascido,
Porque já completei os meus sessenta...

FERNÃO PERES

Mas não os pareceis, senhor.

D. JOÃO DE LIMA, *cortejando com formalidade*

Primores
Da vossa cortezia.
Mas tenho ouvido
Contar que quando, por peccados nossos,
O grão-turco tomou Constantinopla,
—Que opprobrio para toda a christandade!—
O malvado encerrou, —Deus o confunda—
Muitas virgens christans no seu serralho.
(Fallando-lhe ao ouvido.)
Aqui em Goa talvez que em represalias...

FERNÃO PERES, *sorrindo-se*

Oh! Senhor Dom João! Não é possivel.
Que maldizente estaes...
(Apontando para o jogo do xadrez.)
Continuaremos
O jogo interrompido?

D. JOÃO DE LIMA

A vosso gosto.
(Sentam-se á mesa a jogar o xadrez.)
(Ouve-se dentro um ruido de vozearias e risadas. Entra da direita Ruy Dias, seguido de Ayres da Silva, Bernardim Freire e Manuel de Lacerda, que procuram detel-o e reconduzil-o á salla da ceia. Lacerda traz na mão um copo de vinho.)

SCENA V

OS MESMOS. RUY DIAS, AYRES DA SILVA, BERNARDIM FREIRE, MANUEL DE LACERDA. Depois DIOGO PEREIRA.

RUY DIAS

Não! Não posso aturar este arruido,
Da folia aborreço os desconcertos.

BERNARDIM FREIRE

Que mudança tem feito este Ruy Dias!
Tornou-se agora abstracto e pensativo.
Estaes doente? Deveis fallar ao physico.

RUY DIAS

Conheceis vós algum physico da alma?

MANUEL DE LACERDA

Conheço um muito bom, meu choradoilos.

RUY DIAS

Qual?

MANUEL DE LACERDA

Um pichel de vinho de Alcobaça.

(Bebe.)

AYRES DA SILVA

Melhor vos inculco eu — cartas e dados.

BERNARDIM FREIRE

Grande remedio o amor. Ao namorado
Cada dia da semana é um domingo.

(Toma de cima da mesa o alaude, e toca alguns arpejos.)

RUY DIAS

Uso a vossa receita, Ayres da Silva.
Quero, antes que outro o faça, despojar-vos
Dos escravos e presas que tomastes,
Este verão, na costa de Cambaya.
Vamos.

(Senta-se.)

Mas tendes vós cartas e dados?

AYRES DA SILVA, tirando do seio um baralho de cartas e uns dados

Trago sempre commigo esses petrechos.

(Senta-se em frente de Ruy Dias, e jogam ora as cartas, ora os dados.)

MANUEL DE LACERDA, a Bernardim Freire

E a respeito das mouras prisioneiras...
Já conseguistes ver de alguma o rosto?

BERNARDIM FREIRE

De nenhuma. São moiras encantadas...
Mas suspeito que ha outrem mais ditoso
Que eu.

MANUEL DE LACERDA

Sim?... Contae-me o que sabeis.

BERNARDIM FREIRE

Foi hontem.
Passava eu alta noite na Ribeira,
Quando, ao dobrar a esquina, vejo um vulto,
Estacado ante o muro do Castello.
Sentiu-me, — rebuçou-se, — e apoz momentos
Alongou-se com passos apressados.
Tambem me pareceu que, lá em cima,
De golpe se fechava a gelosia
Da estancia, onde pousam as cativas.
Segui prestes no alcance do embuçado,
Que ora parava, ora de mim fugia.
Eu, por gracejo, lhe ía cantando a trova:
(Canta.)
Que formosa caravella!
Quem fosse o capitão d'ella!

(Ao ouvir este canto, Ruy Dias sobresalta-se, e pára no jogo.)

AYRES DA SILVA, a Ruy Dias

Que vos distrae? Continuae o jogo!
É de dez xerafins esta parada.
(Continuam jogando.)

BERNARDIM FREIRE, a Lacerda

Não sei como, furtou-se-me da vista,
E ignoro quem fosse o namorado.

(Durante as ultimas palavras de Bernardim Freire, Diogo Pereira tem-se approximado sorrateiramente dos dois interlocutores, para escutar o que elles dizem. Bernardim Freire, ao terminar, volta-se, e dá de rosto com elle.)

Oh! Diogo Pereira!

(Diogo Pereira procura disfarçar.)

Ora dizei-nos
Porque assomado ha pouco nos fugistes?
De certo não tomastes em má parte
Os folguedos de gente bem ceiada.

DIOGO PEREIRA, com fingida humildade

Oh! De modo nenhum. Sei que aos fidalgos
Sempre foi o motejo permittido
Com tal gente, como eu, de baixa sorte.

BERNARDIM FREIRE

Não foi intenção nossa o humilhar-vos.

MANUEL DE LACERDA, com arrogancia

Ninguem nunca humilhado co'a verdade.
(A Diogo Pereira.)

De raça sois villão; e onde a offensa
Em vos tratar por tal?

DIOGO PEREIRA

Eu não a encontro...
Em vós que, de linhagem nobillissima,
Me daes a mim a inestimavel honra
De me sentar comvosco á mesma ceia!
Senhores, beneficios d'esta marca
Difficeis de pagar, mas eu procuro
Retribuil-os segundo as minhas forças.

(Deixando transparecer a vaidade.)

E, por isso, fui eu que, a vosso rogo,
Redigi os capitulos que enviastes,
Contra o Governador, a Sua Alteza.

BERNARDIM FREIRE

É verdade. Essa graça vos devemos.

MANUEL DE LACERDA

Vamos agora ver quaes os effeitos
Do vosso arrazoado: —pois se affirma
Que, esta manhan, de Portugal a armada
Foi vista navegando para terra,
E amanhan lançará ferro no rio.

BERNARDIM FREIRE

Novo governador ella nos traga!

MANUEL DE LACERDA, a Diogo Pereira

Que pensaes vós?

DIOGO PEREIRA

Não sei, mas asseguro-vos
Que carreguei com formidavel peso
As culpas contra Affonso de Albuquerque!
E, quando o resultado da missiva
Não seja, por desgraça, o desejado,
Os argumentos, deducção e estylo
Não deslustram a vossa assignatura.

BERNARDIM FREIRE, a Diogo Pereira

Não duvido. Homem sois de muitas letras,
E para mais do que escrivão do crime.

MANUEL DE LACERDA, a Diogo Pereira

Ouvidor da India? Como achaes o cargo?

DIOGO PEREIRA, com affectada modestia

Encareceis a minha pouquidade.

MANUEL DE LACERDA

Haveis de lá chegar com nosso auxilio.

(Continuam conversando.)

SCENA VI

OS MESMOS. FIDALGOS, que vêm da salla da ceia. Entram uns após outros, isoladamente e em grupos, e dispersam-se na scena, uns conversando, outros sentam-se a jogar, alguns leem, examinam os mappas geographicos, outros saem a passear no adarve, etc. Indios negros servem-lhes doces, fructas e vinho. JOÃO RAMIRES. Depois THEREZA, que veste ao modo de uma camponeza de Portugal. No decurso d'esta scena anoitece, e as tochas são accesas pelos indios.

PRIMEIRO FIDALGO, a um grupo

Senhores, eu as vi distinctamente.
—A noite de luar, o mar de leite,
No castello da proa eu vigiava,
Carregado de somno e estonteado,
Quando as vi. Eram duas as sereias,
Sobre o mar té aos peitos levantadas,
—Os cabellos dourados penteando;—
Cantavam, —e tão meigo era o seu canto,
Que baqueei no chão com um desmaio.

SEGUNDO FIDALGO, a outro grupo

Em Narsinga eu presenciei o facto.
A viuva era joven e formosa,
De ricas joias e sedas enfeitada.

—Risonha despediu-se dos parentes.
Ergueu as mãos ao ceu, fechou os olhos,
E de salto deitou-se na fogueira!
—Fiquei horrorisado!— Toda a viuva
Que, á morte do marido, se não queima,
Cá n'esta terra fica deshonrada.

JOÃO RAMIRES, bebendo copo sobre copo de vinho

Mau pezar venha ao cozinheiro mouro!
Que não posso dar cabo d'esta sêde.

RUY DIAS, levantando-se do jogo, a Ayres da Silva

Não, não quero de todo esvalijar-vos,
Hoje apostada contra vós a sorte.

AYRES DA SILVA

Mais outro lanço.

RUY DIAS

Mas se os perdeis todos!
Amanhan havereis vossa desforra.

(Approximam-se de Bernardim Freire, Manuel de Lacerda e Diogo Pereira, que se tem conservado juntos em conversação.)

BERNARDIM FREIRE, a Ruy Dias

Quem ganhou?

RUY DIAS

Fui eu.

BERNARDIM FREIRE

E muito?

RUY DIAS

É verdade.
Ganhei duzentos xerafins em ouro,
Um terçado de Ormuz, um Jau escravo,
E mais... não sei que.

AYRES DA SILVA

Duas jarras da China
E uma colcha de seda de Cambaya.

RUY DIAS

Hoje galerno me soprava o vento.

(Á parte.)

Bom agoiro me seja.

(Alto.)

Mas vós outros
Que conversação tinheis co'este escriba,
Bacharel em degredos e calumnias?

DIOGO PEREIRA, a Ruy Dias

Oh! Senhor! Eu não sei por que motivo
Sois sempre contra mim. Que vos hei feito?
Só com desdens pagaes o meu affecto.

RUY DIAS

Ao vosso affecto ou odio indifferente
De todo me confesso. Um grande hypocrita
Vos julgo, e francamente vos declaro
A minha aversão.

AYRES DA SILVA, a Ruy Dias

Sois com elle injusto.
Grande escolar nas aulas de Lisboa,
Igual o dizem a qualquer lettrado
Que em París estudasse, ou em Bolonha.

RUY DIAS

Lettrado de trapaças! Não são estes
Os que hão de descobrir a ignorada arte
De tomar as alturas de leste a oeste,
Para apontar o rumo aos navegantes.

DIOGO PEREIRA

Apontâmos o rumo aos opprimidos.

AYRES DA SILVA, a Diogo Pereira

Bem respondido! E assim o praticastes
Em escrever a nota dos capitulos
Que Bernardim, Lacerda e eu mandâmos
A el-rei contra Affonso de Albuquerque.

RUY DIAS

Oh! Foi d'elle a escriptura dos capitulos!
Isso sim! Em maldades e enredos
Não achareis ninguem mais jubilado.
É habil nos ardís!... Que maravilha
O raposo saber de raposias!

(Todos se riem.)

DIOGO PEREIRA, á parte, olhando para Ruy Dias

Ri-te, insolente! Ufana-te, soberbo!
Em breve eu trocarei teu riso em lagrimas.

(Continuam conversando.)

D. JOÃO DE LIMA, a Fernão Peres

Xaque ao rei.

(Fernão Peres muda uma peça no taboleiro do xadrez.)

Xaque mate.

FERNÃO PERES

Não ha duvida.

(Levantam-se.)

Facil victoria houvestes... E em verdade,
Eu para vós não sou digno adversario.

D. JOÃO DE LIMA

Foi o acaso, um capricho da fortuna.

PRIMEIRO FIDALGO, a D. João de Lima

Não negareis, Senhor Dom João de Lima,
Que aqui melhor a vida do que em Ceuta.

D. JOÃO DE LIMA

Á fé que sim. Nas fortalezas de Africa
Não se ceiam opiparos banquetes,
—Victualhas custam sangue em cavalgadas. .

PRIMEIRO FIDALGO

Que feliz descoberta esta da India!

(Acena a um indio.)

Negro, mais vinho... Enche, enche que trasborde

(Levanta o copo em menção de brinde, e descob: e-se da gorra.)

Senhores, brindo ao alto e poderoso
Nosso Rei e Senhor, a quem devemos
A entrada e a conquista d'este Oriente.

CORO DE FIDALGOS

Viva el-rei Dom Manuel!

PRIMEIRO FIDALGO, enchendo de novo o copo

E agora brindo
Ao capitão que descobriu a India!

CORO DE FIDALGOS

Vida e ventura a Dom Vasco da Gama.

RUY DIAS, continuando a conversação com Ayres da Silva, Freire e Lacerda

Não faço ostentações de bizarria:
Mas, quando o que allegaes seja verdade,
Denunciar é officio que eu detesto.
—E perdestes tambem vosso trabalho:
Não são as vossas queixas que destroem
A valia que as victorias de Albuquerque
Lhe devem ter na côrte grangeado.

AYRES DA SILVA

São contra elle todos os fidalgos
Que, por desgosto, abandonaram a India.

RUY DIAS

Mas elle é protegido da Rainha.

BERNARDIM FREIRE

E nós o somos do Barão de Alvito.

RUY DIAS

Mais que o Barão de Alvito vale o Conde
De Villa-Nova, que é seu grande amigo...
—Mas seja como for, o que eu dizia
É que o dever da honra...

SEGUNDO FIDALGO, acercando-se d'elles com alvoroço

Sabeis a nova?
Chegaram do Hidalcão embaixadores.

(Varios Fidalgos se approximam para ouvir.)

E, segundo se diz, elles nos trazem
Proposições de paz.— Emfim o Mouro
Já de Goa expulsar-nos desespera.

MANUEL DE LACERDA

Poderemos, então, d'aqui mover-nos,
Correr o mar á caça dos arabios,
Os navios saquear-lhes, e queimal-os...

JOÃO RAMIRES, escandecido do muito vinho que tem bebido, a Lacerda

Oh! por mercê, não mais, senhor fidalgo,
Que me escaldaes o peito com desejos!

(Bebe. Durante o seguinte monologo, elle vai progressivamente exaltando-se, e perdendo a consciencia do logar onde está. Os Fidalgos rodeiam-no, e seguem os seus desatinos com riso e signaes de grande divertimento.)

Rompe a manhan. Da gavea ouve-se o grito
Do gageiro: —«Uma véla pela proa»—
—A que rumo navega?— «Ao noroeste».
—Vae para Meca, e ha de ser de Mouros.—

—Mestre, dae todo o panno.—Iça os traquetes.—
—A postos cavalleiros, homens d'armas!—
—Bombardeiros, a carga aos basiliscos!—
—Bésteiros, guarnecei as amuradas!—
O vento sopra rijo e pela popa,
Alarga a véla grande e a latina...
Que ligeira a correr a nossa proa!
É garça real sobre a ralé voando.—
Nasce o sol, ri o ceu, scintilla a vaga,
Já vejo reluzir ao longe a vela...
Ella foge de nós... Perto e mais perto...
Huihá! Huihá! É certo, é nau de Mouros,
Que eu já n'ella lubrigo alvos turbantes.

(Cada vez mais estonteado, acompanha as suas palavras de gestos e movimentos correspondentes.)

De joelhos! Confiteor Deo! —Se a morte
Me levar, entrarei no paraizo.
Absolvição me deu o santo frade;
«Aos infieis», —clamou—, «ganhae martyrio».—
Aborda! Aborda! Sanctiago e a elles!
Saltar-lhes dentro, e menear a lança!
—Vens para mim, valente? Apara o golpe!
—Caíste.— Agora tu!... Reganha os dentes...
Perneia, que já não mordes. —Outro acode:
Amigo, a Belzebú darás recados!...
Quem me quebrou a lança? Fóra a espada!
Foste tu? Ora pede ao teu Mafoma
Que te venha soldar cabeça aos hombros.—
Sangue! Sangue me apague o ardor da sêde!

Que nem um só escape dos malditos,
Da nossa santa fé são inimigos...

(A Thereza, que entra n'este momento, e vem para elle.)

Mulher, não me enternecem os teus choros,
Gritos, visagens, supplicas, gemidos,
Has de morrer!...

THEREZA

Credo! Perdeste o sizo?
Marido da minha alma! Não conheces
Já a tua Thereza?... É bruxaria!

JOÃO RAMIRES, que tem gradualmente caído em si, áparte

Ai que é minha mulher! E eu que a tomava
Por uma moura... O vinho é traiçoeiro...

THEREZA, que se recuperou do susto, em tom azedo

Tu aqui feito um bobo, e eu lá em baixo
Á tua espera, com a ceia posta!

JOÃO RAMIRES, com modo acariciador

Não ha que amofinar-te. Estes fidalgos
Deram-me hoje de ceiar.

THEREZA

E eu á tua espera!
Has de ser toda a vida um paroleiro?...

JOÃO RAMIRES

Tá! Por nada roncaes como o mar bravo!
E deante estes senhores... Que vergonha!

THEREZA, aos Fidalgos

Oh! Perdoae-me, nobres cavalleiros!
Mas se soubesseis!... Que mofina a minha!

(Em lagrimas.)

Triste mulher em terra de gentios...
Quem me puzesse em Portugal est'hora!
Porque á India vim eu por esses mares?

PRIMEIRO FIDALGO, a Ramires

Oh! oh! Ramires! Tu assim maltratas
Tua mulher!

SEGUNDO FIDALGO

És no desprimor um tartaro!

PRIMEIRO FIDALGO

O proprio Tamerlão em carne e osso!

(Riso dos circumstantes.)

JOÃO RAMIRES

Estão de mim judeando estes senhores!

(A Thereza.)

Vamos lá, oh! mulher dos meus peccados!...
(Com sobresalto.)
Eis o Senhor Governador que chega!

SCENA VII

OS MESMOS. AFFONSO DE ALBUQUERQUE, de compridas barbas brancas, na idade representa um homem de cerca de sessenta annos. Entra da esquerda, precedido de dois pagens com tochas accesas, e acompanhado de TIMOJA e PERO DE ALPOIM. THEREZA adianta-se ao seu encontro.

THEREZA, cumprimentando

Senhor Governador, uma criada
De Vossa Senhoria.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Boa Thereza,
Que relação me dás das tuas captivas?

THEREZA

Mui tristes. Mas já se não queixam tanto
Da sua prisão.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Procura o confortal-as.
Frei Domingos me diz ter esperanças

De em breve as converter á fé de Christo.
E, logo que o baptismo receberem,
Serão enviadas a Sua Alteza a Rainha.

(A Ramires.)

Ramires, um dos teus alabardeiros
Hontem, me informam, que espancou um mouro?

JOÃO RAMIRES

Eu, meu senhor...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Averiguae quem seja.
Ha de emfim aprender a differença
Entre um mouro de paz e um mouro em guerra.

(A Pero de Alpoim.)

Ouvidor da India, inquiri do caso,
E dae-me conta do que for sabido.

(Ramires e Thereza saem. Albuquerque adianta-se para os Fidalgos.)

Sêde em boa hora, senhores.

(Os Fidalgos cortejam, levantando a gorra, mas conservam-se cobertos.)

Eu desejo
Communicar-vos decisões, que espero
Vos sejam bem acceitas.

D. JOÃO DE LIMA, á parte para outro Fidalgo

Bem acceitas!
Para isso elle as devêra ter primeiro
Comnosco consultado.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Fernão Peres,
Vós sois o capitão, que hei escolhido,
Da frota enviada a descobrir a China.

FERNÃO PERES

As mãos beijo de Vossa Senhoria.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, a um dos circumstantes

Gomes de Lemos, vós o nomeado
Para ir de embaixador ao schah da Persia.
Do secretario Gaspar Correia
Recebereis o vosso regimento,
E a carta ao rei da Persia endereçada.

(A outro Fidalgo.)

A Siam vos mando, Antonio de Miranda.

(A cada despacho que elle annuncia, ouvem-se murmurios de descontentamento em differentes grupos de fidalgos.)

A Dom João de Lima, descontente
Commigo, porque julga os seus avisos

São por mim sem rasão desattendidos,
Dou a capitania da nau Cysne.

D. JOÃO DE LIMA, com guindada solemnidade

Graças pela mercê. Mas se, em conselho,
Raras vezes me inclino á vossa parte,
Servir El-Rei e o Estado é meu empenho.
(Sorriso de Albuquerque.)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Vós, Antonio de Abreu, fareis viagem
Para as ilhas Molucas: e o roteiro
D'essa navegação, eu o encarrego
A Francisco Serrão, que irá comvosco.
(A outro dos circumstantes.)
Fernão de Magalhães, muito me peza
Que vos queiraes já retirar da India:
Porém, se persistis n'esse proposito,
Chega ámanhan de Portugal a armada,
Podereis n'ella regressar ao reino.

AYRES DA SILVA

Assim, Governador, certa a noticia
De que a armada do reino se acha á vista?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Posso-vos, senhor, dar essa certeza.

AYRES DA SILVA

Entre ella a salvamento, e que me traga
O despacho do meu requerimento.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Com El-Rei tendes vós requerimentos?

AYRES DA SILVA

Julgava que o sabieis. A meus serviços
Quem fez inda mercê? Não vós, por certo.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

El-Rei fará justiça.

AYRES DA SILVA

Assim o espero.

BERNARDIM FREIRE

Esperar é a sorte do soldado
Que cumpre o seu dever, mas não se abaixa
A lisongeiro.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, a Bernardim Freire

Fallaes como um Seneca.

(Riso de alguns Fidalgos.)

MANUEL DE LACERDA, á parte, a outro Fidalgo

Presume de gracioso, e é insipido.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Tambem vós murmuraes, senhor Lacerda?

MANUEL DE LACERDA

Oh! não, Governador... Eu não me admiro
Que esta armada vos traga a recompensa
Que já vos anda muito retardada...
Duque de Goa... Não fòra em demasia.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Prodigo dispensaes as graças regias.
—Eu, a essa bemquerença que vos devo,
Respondo, lamentando o azedume
Com que todos os dias vos accusam,
Perante mim, de Goa os moradores.

(Apontando para Timoja.)

D'este honrado Indio escutae as queixas.

TIMOJA

Queixas! Eu? Não, senhor. Queixas nenhumas.
Um brioso e galhardo cavalleiro!

(Faz uma profunda çalema a Manuel de Lacerda.)

Lastimam-se outros, mas não eu.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, a Timoja

Notorios
Os males que padece a vossa gente...
Por culpa minha.

MANUEL DE LACERDA, a Albuquerque

Mas, senhor, espanto
Nos causa a todos nós o vosso zelo.
O que são elles? Mouros e gentios.
E, por amor de uma infiel gentalha,
Do soldado tolheis a liberdade!

TIMOJA, a Lacerda

Gentio eu sou, e humilde vos imploro
O consentir de mim uma pergunta.
Tenho ouvido prégar os vossos padres:
Mentem elles, ou dizem a verdade?
Não ha na vossa fé estes preceitos:
Não roubarás,—Não matarás, e est'outro
—A mulher não cubices do teu proximo?

MANUEL DE LACERDA, enfurecido

Tu me affrontas a mim!— Por um gentio
O brazão dos Lacerdas insultado!

(Leva a mão á espada.)

Damnado cão, que ladras á minha honra,
Uivaste agora o ultimo latido.

(Com a espada já meio desembainhada corre sobre Timoja. Albuquerque interpõe-se entre elles.)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, a Lacerda

Atraz!... Recuae... Ou na paixão de Christo
Juro de vos fazer arrependido.

(Lacerda retrocede cabisbaixo.)

Se n'esta terra não guardaes justiça,
Fortalezas não ha que nos defendam!...
Em honesta pobreza, e trabalhosa,
Portugal educado desde o berço:
Mal de nós! Se em cobiça e tyrannia
Os antigos costumes se derrancam!

(Ouve-se um tiro de canhão, e um floreio de trombetas e tambores.)

A hora de recolher...

(Despedindo-os.)

Que Deus vos guarde,
Senhores.

(Saem todos.)

SCENA VIII

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, só

Turbulentos... Mas ardidos,
E fortes nos perigos... E é com elles
Que eu hei de rematar os meus designios.

(Contempla com attenção meditativa o globo geographico.)

Goa, — Malaca, — Aden, — Ormuz, — as chaves
Do oceano, — os emporios do commercio:
— O dominio dos mares do Oriente!...
Desde as costas da China ás praias da Africa,
Das ourelas da Arabia ao Polo Antarctico,
Preste toda a bandeira e navegante
Vassallagem ás Quinas portuguezas.
— Cerrado o golpho persico, em suas aguas
Não surgirá um só baixel estranho.
— O Nilo, desviado do seu curso,
Verterá seus caudaes no Mar Vermelho:
Nos campos que o seu limo fecundava,
Ahi virão poisar a Fome e a Sêde!
— Nos bazares do Cairo cresce a herva:
Alexandria chora a sua ruina:
Perguntará Veneza aos mercadores,
Porque volvem em lastro as vossas urcas?
— Do Mar Mediterraneo para o Atlantico
A primazia do mundo se desloca;
E o sceptro do poder e da sciencia,
Que outr'ora pertenceu á Grecia e a Roma,
Passará para a gente que domina
As vastas regiões do Novo Mundo
E as povoações sem conto d'esta Asia.
— Sobre Meca e Medina o fogo e o sangue
Vingarão os ultrages que o islamita
Tem infligido á triste Christandade.
Da nefanda impostura os sanctuarios
Volvidos em destroços fumegantes!
Abrazado o sepulchro. onde encerrados

Os ossos de Mahomet!
E d'entre as ruinas
O vento espalhará pelo deserto
As cinzas do sacrilego propheta!
Oh! Que brado de assombro pelo universo!
Queimaram em Medina os portuguezes
O corpo do propheta mussulmano!
—Da China e do Japão vastos imperios,
Até hoje nas trevas escondidos,
Ao mundo eu franquearei as maravilhas.
— O incognito oceano, que se estende
Para além das Molucas, devassado,
E em todo o ambito o globo é conhecido...
Phantasias? Não! Tudo eu acabára,
Mas dêem-me a certeza do commando.
A certeza... nos ventos e nas ondas,
Nos soes do oriente, nos pelouros turcos!...
Não! Não é essa a morte que eu receio.
Sereno a contemplei alçando a fouce,
Na furia dos tufões e dos combates:
Mas a morte da inercia e do abandono,
O lento enferrujar da espada ociosa,
O apodrecer da nau varada em terra.
— Ó meu bom amo, Dom João Segundo,
Tu capaz de entender os meus anhelos:
A tua alma, caroavel de façanhas,
Desprezava o cortejo das vaidades.
Mas este!... Paramentos e recamaras;
Danças e saraus; musicos, pintores,
Comediantes, ourives e architectos,

Mais lhe importam, a elle, que as conquistas.
Quem me diz que na armada, que ora chega,
Não vem o successor que elle me envia?...
Posso eu sobreviver a tal deshonra?...
Desprezar contigencias do futuro,
Que mais a alma torturam anciedades
Que a desgraça actual que ella padece.

(Vae para se retirar. Diogo Pereira e Timoja, que tem entrado algum tempo antes, vem ao seu encontro.)

SCENA IX

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, DIOGO PEREIRA, TIMOJA

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Vós inda aqui? Que me quereis?

DIOGO PEREIRA

Pedimos
Venia a Vossa Senhoria. Timoja
Deseja confiar-vos um segredo.

TIMOJA

Não eu.
(A Diogo Pereira.)
Fallae vós.

DIOGO PEREIRA, a Timoja

O segredo é vosso.

TIMOJA, a Diogo Pereira

Não meu! Vós fostes quem me deu rebate.

DIOGO PEREIRA, a Timoja

Vossa foi a vigia e a descoberta.

TIMOJA, a Diogo Pereira

Melhor o sabeis que eu...

DIOGO PEREIRA, a Timoja

Eu não, de certo.

TIMOJA, a Diogo Pereira

Como assim? Pois vós...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Perco a paciencia.
Cessae as vossas rixas, e que falle
Um de vós.
(Silencio de ambos.)
Fallae vós, Diogo Pereira.

DIOGO PEREIRA

Senhor, informação teve o Timoja
De que entrará um homem esta noite
No aposento das Mouras.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

No aposento
Das captivas um homem esta noite!
(A Timoja.)
Seguro estaes do que dizeis?

TIMOJA, com humilde çalema, levando a mão direita á cabeça

Eu juro
Que, a meu pezar, assim fui informado.
Ao quarto da modorra, esta noite,
Um dos vossos soldados acolhido
Será por Fátima, a captiva moura.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Fátima, disseste! Indio, tu mentes.

TIMOJA

Quem sou eu para ousar contradizer-vos,
Meu senhor?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, a Timoja

Pensa bem no que disseste!
A accusação, que fazes, leva á morte.
Da minha casa o forçador nocturno
Pagará com o sangue a felonia.
Mas entre vós a fraude e a dobreza

Sempre em conspiração contra a lizura!
Sabe, pois, que se tentas enganar-me,
Cairás no proprio fojo que excavaste.

(Sae, precedido dos dois pagens.)

SCENA X

TIMOJA, DIOGO PEREIRA

TIMOJA, á parte

Nos impetos colericos d'este homem
Por todo o corpo sinto calafrios.

(A Diogo Pereira.)

Não lhe foi agradavel a noticia,
Diogo Pereira.—Eu tenho a observar-vos
Que sobre mim lançastes todo o odio
Da informação... Não fôra esse o accordo.

DIOGO PEREIRA

Com gran dissabor meu, tomou o acaso
Esse caminho. Bem sabeis que os planos
Sempre na execução padecem falhas.
Mas que receaes? Dissestes a verdade,

(Á parte.)

O que n'elle é prodigio milagroso.

TIMOJA, á parte

Com este portuguez é-me preciso
Mais cautellas usar, do que eu cuidava.
Não é tão innocente como os outros.

DIOGO PEREIRA, á parte

Pensou fazer de mim o seu joguete!
Seria de ver que eu, o escrivão do crime,
De um Canarim caísse nas solápas.
Canarins! Malabares! Guzerates!
Indios do Dekan! Indios de Narsinga!
De vós todos astucias e artimanhas
Não valem a agudeza de um lettrado.

(Vai a Timoja, e dá-lhe um apertado abraço.)

Oh! meu amigo!

TIMOJA, retribuindo-lhe o abraço com igual carinho

Oh! meu querido amigo!

ACTO SEGUNDO

A MOURA CAPTIVA

Aposento das captivas mouras. É uma camara no estylo arabe. No fundo uma janella de sacada, com os batentes cerrados: quando abertos na scena terceira, avista-se o rio e a cidade de Goa. — Do lado direito do palco um almadraque, ou ottomana, com seus coxins, e uma mesa, sobre a qual estão cestos de costura, almofadas de lavrar, rocas e fusos, e alguns livros de oração. D'esse mesmo lado duas portas, e, no recanto do fundo, um oratorio, em cuja portada se vê a pintura do Archanjo, pisando e alanceando o demonio. — Do lado esquerdo tambem duas portas. — É noite. O theatro é illuminado por duas tocheiras.

SCENA I

FREI DOMINGOS DE SOUSA, frade dominicano, no habito da sua ordem. FÁTIMA, tez alva, trajo mourisco. Outras CAPTIVAS MOURAS. THEREZA. Ao erguer do panno, Fátima, Thereza e as Mouras estão ajoelhadas. Frei Domingos em pé no meio d'ellas.

FREI DOMINGOS, orando

Ó Deus, creador e amparo do Universo,
D'estas infieis havei misericordia!
E as trevas, em que jaz a sua alma,
Dissipae com a luz da fé de Christo.
Ó Redemptor, de Deus filho humanado,
A vós se acolhem estas desvalidas!
Vós que, da posse do maligno espirito,
Da Cananêa a filha libertastes,
Livrae estas, meu Deus, das violencias,
Dos maleficios e artes do perverso.
Que ellas sejam o vosso testemunho
N'esta terra oriental, onde até hoje
Só conhecido o culto da mentira:
Que sirva a sua fé á vossa gloria,
E as conduza, por fim, á patria eterna.

(Dirigindo-se ás mouras.)

Vae longa a noite. Filhas, recolhei-vos.
E que a benção de Deus seja comvosco.

(As Mouras e Thereza levantam-se. As Mouras saem pela porta inferior da direita. Fátima e Thereza ficam.)

FÁTIMA, a frei Domingos

Padre meu, quando escuto as vossas predicas
De perdão, caridade e soffrimento,
Do conforto que espera os perseguidos;
Em lagrimas se esvaem meus rancores.
Mas agora, nas trevas, que phantasmas
Surgem perante mim ensanguentados!...
De noite, quer eu durma, quer vigie,
Em torno do meu leito elles vagueiam,
Os que eu vi degollar n'este Castello
Por mandado de Affonso de Albuquerque.

(Afigurando-se-lhe contemplar os phantasmas, que a sua imaginação lhe suscita, vae declinando em desvario.)

Por meu nome me chamam, e me amostram
As feridas de sangue borbulhantes...
A brados clamam: Fátima, vingança!
Vingança dos ferozes assassinos!
Vingança sobre Affonso de Albuquerque,
O impio destruidor dos mussulmanos!
E eu vejo...

(Fitando os olhos, como se realmente visse.)

Como eu vi n'aquelle dia,
De meu pae, oh! tortura excruciante!
A cabeça rolar por sobre a terra!
Vejo o tronco estorcer-se na agonia...
Vejo o livido rosto decepado...
Sangue a escorrer das retalhadas veias...
Cans enlodadas... Hirtos os cabellos!...
Feições que se meneiam convulsivas!...
Olhos sem luz. que para mim se volvem...
Corro a abraçar a veneranda face...
Mas no vasio se agitam os meus labios...

(Em completo delirio)

Espectros pavorosos...

(Apontando com a mão.)

São aquelles!
Os que os meus olhos viram degollados!
Defrontam-me... Eis que mudos me contemplam!
Já murmuram tremendas ameaças!...
Oh! medonha visão!
Padre, vingança!
Dos meus eu vingarei o assassinato!
Olhae! Já meditei a vossa morte...
Por minhas proprias mãos... Arrependi-me.
Não receieis, outra ha de ser a victima.
Depois eu morrerei tambem...

(Desatando em pranto.)

Sim, Padre,
Eu desejo morrer.

THEREZA, tomando as mãos de Fátima

Oh! Pobre Fátima!
Que desvairo, senhora! Como escaldam
As vossas mãos!

(Apalpa-lhe a testa.)

E a testa? Ardeis em febre!

(A Frei Domingos.)

Padre, ás suas palavras não deis tento.
O delirio da febre a desatina.

(A Fátima.)

Descanso haveis mister. Vinde. O descanso
Vos ha de melhorar.

FREI DOMINGOS

E a vossa mente
Cerrae a essas funebres imagens.
A angustia, combalindo a natureza,
Desvirtua a rasão e os sentidos:
E as illusões, que evoca a phantasía,
Vestem-se de corporea realidade.
Furtae-vos ás memorias dolorosas.
Auxiliae os esforços da vossa alma,
Que instinctiva refoge dos tormentos.
Em orações eu velarei a noite,
A supplicar que os anjos vos orvalhem
O refrigerio de um tranquillo somno.

(Fátima e Thereza saem.)

SCENA II

FREI DOMINGOS DE SOUSA. Depois HASSAN

FREI DOMINGOS, só

Cada dia da vida mais baixâmos
Nas lugubres masmorras da miseria!
Quanto mais se prolonga a existencia,
Mais se descem degraus das gemonias!
Inda se o coração endurecesse
Co'as dores que o alanceiam de contínuo:
Se uns a outros os pezares se destruissem,
Como entre si as feras se devoram!
Mas não! O fel recresce, e é sempre amargo!
Sempre o espinho se crava em carne viva!
Pobre mulher! Que cumulo de dores
Te coube no quinhão da desventura!
Quem póde não chorar o teu destino?
A vida é para ti um mar de angustias,
Soltas todas as suas tempestades.
Da guerra as duras leis te condemnaram
A victima innocente do holocausto,
Expiatorio dos crimes avoengos.
Terrivel pensamento! O maleficio,
—Um só— por um só homem perpetrado,
Arreiga-se, vigora, fructifica,
De geração em geração se alastra,
É immortal! E em cada hora dos seculos

As miserias humanas multiplica.
—Na Arabia um impostor, ha nove seculos,
De Deus se proclamou por enviado:
Quem vale a enumerar os infortunios.
Que d'essa impiedade originaram?
—Os opprobrios de Christo, e dos seus santos?
Os estragos da fé e dos costumes?
Sacrilegios, tormentos e martyrios?
Que ruinas de imperios e cidades!
Que destroços de sciencia e de riqueza!
—Guerras, devastações, carnificinas,
Incendios, pilhagens e deshonras,
A maldicção, a raiva e a vingança
Inextinguiveis atravez dos tempos!
Tanto póde na terra um maleficio!
Abençoados os que o Islam combatem,
—O monstro vomitado dos abysmos,
Onde a Mentira forja os seus flagellos.
Da Cruz campeador, guerreiro indomito,
Portugal tem luctado desde o berço
Contra o islamita. Ó meu Deus, não esqueças,
Na tua misericordia, os soffrimentos
Dos portuguezes pela tua causa.
Prenuncios tremendos se me antolham
Dos males que os ameaçam n'este Oriente...
—Vilezas de cobiça, tyrannias,
Crueldades, luxuria...

(Chama á porta superior da direita.)

Hassan!... Hassan!

(Entra Hassan, estremunhado do somno.)

HASSAN

Senhor?

FREI DOMINGOS

Dormieis?

HASSAN

O escravo nunca dorme
Do seu senhor para o serviço.

FREI DOMINGOS

Eunucho,
A linguagem fallaste do Evangelho,
Que nos manda velar porque ignorâmos
A hora do advento do Senhor.—Ditoso
O servo que elle encontra vigiando!
—Outra vez vos recordo as minhas ordens:
A homem nenhum entrada n'esta casa
Consentireis: e toda a tentativa
Para esse fim, deveis participar-m'a.
—E agora, pelo que vos diz respeito,
Ainda reluctaes contra o baptismo?

(Pausa.)

Mais resistente sois que o outro eunucho,
De quem a historia vos contei:—o eunucho
Da rainha da Ethiopia... Verdade
Que a esse o doutrinou um San-Philippe.
—Boa noite.— Executae o que vos disse.

(Sae pela esquerda.)

SCENA III

HASSAN. Depois RUY DIAS

HASSAN, só

Este fakir christão é gracioso
Com as suas cenreiras evangelicas.
—Mas começa a enfastiar.—Todos os dias!—
É demais. Já me enfada a cantilena.
Se as importunações me continúa,
Não me contenho, e vou da minha parte
Prégar-lhe a religião mahometana.
Com textos do Alcorão o desespéro,
E pago-lhe os sermões com melhoria...
—A homem nenhum aqui se dê entrada:—
Pela porta a nenhum, meu santanario,
Mas eu não tenho a guarda das janellas...
Não deve elle tardar.

(Apaga uma das luzes.)

Porque viria
O Timoja inquirir-me sobre o caso?...
Elle arma algum desastre ao namorado...
Bom cuidado me dá! Que lá se avenham...

(Tira a bolsa, e conta o dinheiro.)

Dez pardaus do Timoja... D'este trinta,
E inda o mais que elle agora me promette...
Eil-o ahi chega!

(Apaga a outra luz. A scena fica por alguns momentos ás escuras. Ruy Dias entra abrindo os baten-

tes da sacada, por onde penetra o luar, que illumina o palco até ao fim d'esta e das seguintes scenas.)

RUY DIAS

Estaes só?

HASSAN

Só. Mas por pouco
Encontraveis aqui o Frei Domingos.
Por vossa causa estava em grande susto.
E tambem receiava que ao subirdes
A esse balcão, a corda se rompesse
E caisseis lá em baixo... Oh! que desgraça!
—Vêde quanto por vós tenho soffrido!...
Não fallo já no risco a que me exponho
Em vos deixar entrar n'este aposento...

RUY DIAS

A tua paga ahi tens.
(Dá-lhe uma bolsa.)
E retira-te.

HASSAN, depois de ter contado o dinheiro da bolsa, á parte

Dez portuguezes d'oiro! Este fidalgo
É generoso! Dóe-me a consciencia
De o ter ao Timoja atraiçoado...
Sempre um rebate lhe darei.
(Alto.)

Mancebo.
Pensae no que fazeis! Quão perigosa
A vossa estada aqui! Ainda é tempo!
Deixae este logar.

RUY DIAS

Não me importunes,
E vae-te.

HASSAN

Meu senhor...

RUY DIAS

Sae n'este instante!
Se temes por ti, temes sem motivo!
A tua cella é lá dentro.

(Aponta para a direita.)

Tu dormes,
E ignoras o que passa n'esta quadra.
(Hassan sae.)

SCENA IV

RUY DIAS. Depois FÁTIMA

RUY DIAS, só

Emfim, chegaste, oh! almejada noite!
Chegaste! Não és sonho mentiroso!
Não! Eu vélo! És a noite da ventura!
E eu a poderei ver de face a face...

Murmurar-lhe ao ouvido os meus suspiros...
Em meus braços... aqui...—Póde em meu peito,
Sem estalar, caber a caudalosa
Enchente de prazer?— Flor que recendes
As fragrancias da Arabia incandescente.
Não romperá minha alma arrebatada,
Ao respirar-te, o seu terreno involucro?
Abraçada ao incenso, a braza ardente
Expira, suffocada de perfumes...
Toda a força vital do meu espirito,
Eu a sinto esvair-se em um deliquio
De amor...

(Entra Fátima, denotando no gesto e na voz um estado de grande sobreexcitação mental.)

FÁTIMA

Assim tiveste a ousadia
De penetrar de noite n'esta casa!
E não duvidas affrontar as iras
Do teu governador!

RUY DIAS

As suas iras
A quem, na tua presença, lembrariam?

FÁTIMA

Mas quem és tu para luctar com elle?
A quem governa exercitos e armadas,
Pódes tu disputar uma captiva?

RUY DIAS, com tristeza

Alto subiu Affonso de Albuquerque,
Por um soldado obscuro eu me conheço...

(Em accesso de enthusiasmo.)

Mas, por ti sublimado, o meu esforço
Será talvez bemquisto da fortuna...
Pois que? um homem porque cinge a c'rôa,
Porque dá fidalguias e commendas,
Diz: —Vae tu grangear-me senhorios.—
E este vae erigir padrões aonde
Mysterio e escuridão tinham assento!...
Não poderei tambem eu do Universo
Desvendar regiões desconhecidas?
—Á minha patria eu darei, quem sabe?
Um novo mundo...

FÁTIMA, approxima-se de Ruy Dias,
fita-o com um olhar de desvario, e falla em voz abafada

Em prova do teu brio,
És tu capaz de derramar o sangue?
Tu és um cavalleiro destemido...
Não tens medo de Affonso de Albuquerque?

RUY DIAS

Essas tuas palavras tenebrosas
Que pensamento encerram?—O de um crime?
—A ti meu braço e coração dedico;
Mas não me ordenes feito de deshonra.

FÁTIMA

Vae, homem apoucado! Ora conheço
E desprézo a tua alma pusillanime.

RUY DIAS

Cavalleiro eu tenho por arma a espada,
E não o cris traiçoeiro do Malayo.
Prova-me em qualquer lance aventuroso,
Onde a vida se perde sem desdouro...

FÁTIMA

De fingidos escrupulos recobres
O medo com que foges dos perigos!

RUY DIAS

O medo não domina no meu peito.
—Quando foi conquistada esta cidade,
Quem primeiro mostrou sobre as muralhas
O peito aos inimigos...

FÁTIMA

Assassino!
E vens tu avivar-me taes lembranças!
Quem és tu? Companheiro e irmão d'aquelles,
Que encerram os sequazes do propheta
Nos seus templos, e ahi os queimam vivos!
Vós sois os que folgaes com os gemidos,

—Carnes rasgadas,— rostos retalhados
Dos fieis torturados em martyrio...
Vós os que eu vi, oh! hediondos tigres!
Rugindo, na matança encarniçados,
Dilacerar vencidos mussulmanos!
Corsarios, que viveis de sangue e roubos...
Justiça! Em ti farei justiça!

(Tira um punhal do seio, e com elle ameaça a Ruy Dias.)

RUY DIAS

Fere!
Em mim sacia o teu rancor! E vinga-te,
Em mim, de quanto mal has padecido!

FÁTIMA

Sim, morrerás!

(Vae para ferir, mas de repente suspende o braço e fica como que petrificada.)

Oh! coração rebelde!
No momento supremo eu desfalleço!...
Uma nuvem me tolda a vista...

(Deixa escapar o punhal, vacilla e vae para cair, mas Ruy Dias a colhe nos braços.)

RUY DIAS

Ó Fátima!
Repousa sobre mim... Que nos importam
Os flagicios que grassam pelo mundo?
Fomos nós o conselho do fanatico,
Ou da crueza o inexoravel braço?

—Entre os povos vizinhos da aurora
E os que habitam regiões confins da noite,
Arrojou a Discordia eterno facho.
Que o Levante e o Poente se espedacem!
Porventura é culpada a branda Alcyone
Da refrega entre os vendavaes raivosos!
—O amor é do universo a lei suprema,
E um cantico de amor a natureza.

(Leva-a á entrada da varanda, d'onde se avistam o rio e as suas margens.)

Que amor respira o céu que nos abriga!
—Os astros, que refulgem nas alturas,
As aves, que gorgeiam nas palmeiras,
A flor que nos envia os seus perfumes,
De amor, e para amar, foram nascidas...
Repousa sobre mim...

(Durante as ultimas palavras de Ruy Dias, Affonso de Albuquerque tem entrado da esquerda.)

SCENA V

OS MESMOS. AFFONSO DE ALBUQUERQUE

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Cortar me péza
Vossos colloquios, senhor Ruy Dias.
Vós galanteaes finezas a uma escrava!...
Baixo desceram vossos pensamentos.

RUY DIAS, depois de alguns momentos de silencio,
e demonstrando na voz,
que no seu intimo se travou uma renhida lucta

De Ruy Dias a mulher não é escrava...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, em tom zombeteiro

D'esta vida arrenego! Pois devéras!
Por mulher escolhestes uma moura!
Na mesquita será o matrimonio,
E com as cerimonias do moçafo?
Dos cacizes houvestes já dispensa?

RUY DIAS

Senhor, á fé christan...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

A convertestes
Vós! Que vergonha para Frei Domingos!
Annos ha que o bom frade sua ás bagadas
Com essa infiel, e ella renitente.
Mas vós a convertestes n'um momento.
—Sempre o démo prégou melhor que o frade.

RUY DIAS, exasperado da ironia

Guardae vossas insulsas truanices
Para aquelles a quem aprazem momos.
O cargo que exerceis, e vossos annos
Vos impõem gravidade.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Dou-vos graças
Do aviso.—Grave me quereis, vou sel-o.
Infamador da casa de teu amo!
Tu a teu capitão soldado trédo!
Christão com uma infiel réu do peccado!
De momos o truão ha de ensinar-te
Que não é lupanar a sua pousada.

RUY DIAS

Calumniador e hypocrita!... Se guardas
Memoria alguma da honra portugueza,
Arranca d'essa espada.

(Desembainha a sua espada.)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, sacando a sua espada com impeto

Miseravel!
Da vida te faz tedio a propria infamia?
A ponto vens,—terás o livramento.

(Cruzam as espadas, e esgrimem por alguns momentos.)

UMA VOZ, dentro

Arruido! Arruido! Arma! Arma! Dae rebate!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, suspendendo o combate

É a rolda. Aguardemos que ella passe.

UMA VOZ, dentro

Arruido! Atalaia, dae rebate!

(Ouve-se tocar um sino a rebate. Entra João Ramires, seguido de dois soldados com fachos accesos.)

SCENA VI

OS MESMOS. JOÃO RAMIRES e dois soldados. Depois PERO DE ALPOIM e Fidalgos, THEREZA e as Mouras.

JOÃO RAMIRES, entrando da esquerda

Oh! lá! Quem vive? Portugal ou Mouro?

(Reconhece Affonso de Albuquerque.)

É o senhor Governador!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Eu mesmo.
Eu comvosco tambem faço vigia.

(Á parte.)

Malpeccado! Sanctiago me perdôe!
Não ia agora eu, campeão de liça,
Pleitear reptos com um dos meus soldados!

(Embainha a espada.)

FÁTIMA, á parte

O refece embainha a sua espada.

(A Affonso de Albuquerque.)

Sabia eu que se aninha no teu peito
A malvadez feroz; — que das serpentes
É teu sangue adubado na peçonha.
Agora sei tambem que és um covarde.

(Lança os braços ao collo de Ruy Dias, e recosta a cabeça no seu hombro. Albuquerque contempla-os com um sobrecenho de rancor. A este tempo têem assomado á porta inferior do lado direito Thereza e as Mouras, e, a uma das portas do lado esquerdo, Pero de Alpoim e outros Fidalgos.)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Pero d'Alpoim! Aqui d'el-rei justiça!

(Pero de Alpoim adianta-se.)

Ouvidor da India! Crêde os vossos olhos!
De noite, sob meu tecto, eis um soldado
Christão nos braços de uma escrava moura!

(Thereza corre a separar Fátima de Ruy Dias.)

PERO DE ALPOIM, a Ruy Dias, ao qual tira a espada que elle ainda conserva desembainhada

Estae preso, traidor!

(Reconhecendo-o.)

Sois vós, Ruy Dias!
Oh! mancebo infeliz, o que fizestes!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, aos Fidalgos

Acercae-vos, senhores: que a verdade
D'este feito não seja escurecida.
Accusam de severo o meu governo:
N'este crime attentae.—Nem dos meus lares
A torpeza recua acobardada.
—Quereis que á lei vivamos da mourisma?
Virá de Portugal a mocidade
Á India amollecer-se nas delicias;
E, esquecendo dos avós o exemplo,
Comsigo levará á nossa patria
As devassas solturas d'este Oriente!
Nunca! Emquanto eu na India tiver o mando!

(A Pero de Alpoim.)

Pero de Alpoim, ao réu formae a culpa.
No processo segui com inteireza
A boa Ordenação do nosso reino.

ACTO III

O CAVALLEIRO

Um pateo do castello de Goa, cercado de torres e lanços de muralha. — Á direita do palco uma escadaria conduz a uma porta, que se suppõe abrir para a salla do conselho. D'esse lado tambem, na parte cimeira, uma arcada que dá para o interior. No primeiro plano da scena uma mesa e um banco de pedra. — No fundo, em uma das torres, uma porta baixa. Em seguida, a fachada de uma mesquita, convertida em igreja christã, onde, em seus nichos, se vêem as imagens em corpo inteiro, de S. Thiago, com esta inscripção, bem visivel — *Santiago, patrono das Espanhas,* — e a de S. Thomé, com a inscripção — *São Thomé, Apostolo da India,* — e as imagens de outros santos; em frente d'essa fachada, uma cruz de pedra em seu poial. Ainda no fundo, uma porta barrada de ferro, e por cima uma janella gradeada, — figurando a portada de um carcere. — Á esquerda um caminho descoberto, que se perde no interior.

SCENA I

JOÃO RAMIRES, PRIMEIRO ALABARDEIRO postado de sentinella á entrada do caminho da esquerda.

ALABARDEIRO

Peço-vos, capitão, que, antes da noite,
Na guarda me mandeis render.—Casado
Eu sou, bem o sabeis...

JOÃO RAMIRES

Oh! mulherengo!
Uma só noite...

ALABARDEIRO

Não!... O caso é outro.
—É que minha mulher é uma indiana,
Uma d'estas brutinhas sem mais tento
Que uma creança... Em casa só, receio
Que a vá tentar algum bargante.

JOÃO RAMIRES

N'ella
Tens pouca confiança!

ALABARDEIRO

Confiança!
Nenhuma, capitão:—mesmo nenhuma.

Cuida Vossa Mercê que é a senhora
Thereza, sua mulher... Isso é que é moça!
Juizo, aquella! Estas indias de Goa, eu creio
Não têm alma de Deus, nem por baptismo.

JOÃO RAMIRES

Então porque casaste?

ALABARDEIRO

Por tontice.
Mas o Governador sempre a tentar-nos
Com terras e palmares distribuidos
A quem com ellas casava...

(Suspirando.)

Em má hora
Me deixei encalhar n'aquelle baixo.

JOÃO RAMIRES

Casaste por negocio, e agora o pagas.

(Entra lentamente pelo caminho da esquerda Diogo Pereira. Vem acompanhado por um indio, que o abriga sob o sombreiro de estado, usual na India, e seguido de outros dois indios, sobraçando grossos livros de legislação. Diogo Pereira vem lendo o volume das Ordenações Manuelinas. Chegado ao meio do palco despede com um gesto o indio do sombreiro, o qual sae.)

SCENA II

OS MESMOS, DIOGO PEREIRA. Depois PERO DE ALPOIM.

DIOGO PEREIRA, lendo

«Qualquer christão, que houver ajuntamento carnal com alguma moura, ou com qualquer outra infiel, morra por ello.»

(Fecha o livro.)

Das suas Ordenações no livro quinto
El-rei Dom Manuel assim o manda.
—E assim o havereis, nobres senhores.
Já o tempo passou que a fidalguia
Impune escarnecia as leis e o throno.
O sceptro derruiu-vos a prosapia,
Quando, em nome da lei, alçou em Evora
O duque de Bragança ao cadafalso.
Vós doestaes a sciencia dos lettrados!
Insultos e desdens não nos abalam:
Obscuros servidores da realeza,
Cavâmos surdamente a vossa ruina.
Fomos nós que afiámos o cutello
Que cerceou a cabeça ao vosso chefe.
Broncos! Já deverieis ter percebido
Que um desembargador val mais que um duque.

(João Ramires deixa o alabardeiro e acerca-se de Diogo Pereira. O alabardeiro continúa, durante esta e as subsequentes scenas, fazendo sentinella no caminho da esquerda, da entrada para dentro, mas

de sorte que só de tempos a tempos, e por breve espaço, apparece em scena.)

JOÃO RAMIRES, a Diogo Pereira

Deus vos salve, senhor. Podeis dizer-me
Se é hoje que a sentença é proferida?

DIOGO PEREIRA

Vae o conselho reunir-se agora:
O Governador não tarda.

JOÃO RAMIRES

E a sorte
Do nosso Ruy Dias, qual será?

DIOGO PEREIRA

Ignoro.

JOÃO RAMIRES

A seu favor, segundo tenho ouvido,
Se inclinam quasi todos os fidalgos.

DIOGO PEREIRA

Sim... póde ser. Mas quem lavra a sentença,
É o Governador.

JOÃO RAMIRES

Deve ser longo
Hoje o conselho.

DIOGO PEREIRA

Longo? Não, mui curto.
É só para a leitura da sentença.
E que noticias me daes do preso?

JOÃO RAMIRES

Muito senhor de si, muito tranquillo.
Pediu-me que chamasse o Frei Domingos,

(Apontando para o carcere.)

Que com elle lá dentro é encerrado.
—Mas vós deveis saber, será possivel
Que a sentença se dê contra os desejos
Dos capitães e dos fidalgos?

DIOGO PEREIRA

Na India
Do rei todo o poder é delegado
Ao seu Governador, que, por direito,
É senhor de baraço e de cutello.
Só elle, e a seu sabor, dá o castigo.

JOÃO RAMIRES

Só elle, e a seu sabor! Faço-me hereje!
Bom direito esse! É como se nós fossemos
Captivos apresados pelo turco!

DIOGO PEREIRA, irritado

Deixae-me em paz... Desejo do processo
Meditar sobre alguns articulados.

(Tira do braçado de um dos indios um grosso folio, que pousa sobre o banco de pedra.)

Pero d'Alpoim é ouvidor: mas elle

É militar, e não jurisconsulto,
E eu tenho que fazer todo o trabalho.

(João Ramires retira-se para o fundo do theatro.)
(Aos indios.)

Negros, ide pôr lá dentro esses livros.

(Os indios saem pela porta da salla do conselho.)
(Fallando comsigo.)

Pero d'Alpoim é ouvidor da India...
Porque?... porque é fidalgo. Esta nobreza
Té nos rouba os empregos de lettrado.
—Refinado ignorante!— Nem vislumbres
De latim!—Um só dia achava pouco
Para o processo,—que mais largos prasos
Pedia a Ordenação. Eu, percebendo
Que no Governador havia pressa,
—Elle é homem que sempre anda apressado,—
Segundo o meu costume nos apertos,
Ao direito romano me soccorro.

(Senta-se no banco de pedra, folheia o folio e lê para si.)

A minha glosa ao texto é engenhosa...

(Solta um frouxo de riso.)

Mas é certo que a lei diz outra cousa...

(Solta outra risada.)

Mas quem me ha de emendar? Conhecem elles
Finuras da hermeneutica juridica?
—E o duque de Vizeu?— Não foi primeiro

Pelo rei, que Deus haja, apunhalado,
E processado só depois de morto?
Na justiça não deve haver delongas.

(Pero de Alpoim entra da esquerda; traz na mão um caderno de autos. Dirige-se a Diogo Pereira, o qual se levanta, e descobre-se com humilde respeito.)

PERO DE ALPOIM

Difficil decifrar a vossa letra,
É pessima a escripta d'estes autos...
A cada passo tendes o mau gosto
De intrometter vossos latins... Entremos,
O Governador chega, e é preciso
Ter os autos conclusos á sentença.

(Pero de Alpoim e Diogo Pereira saem pela porta da salla do conselho.)

SCENA III

AFFONSO DE ALBUQUERQUE e TIMOJA, que vêm em conversação pelo caminho da esquerda. Dois pagens precedem Affonso de Albuquerque, e vão postar-se á porta da salla do conselho. JOÃO RAMIRES.

TIMOJA, a Albuquerque

Senhor, de Goa os indios se arreceiam
Que Vossa Senhoria resolvesse
Largar esta cidade aos mussulmanos.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, a Ramires

Ramires, sabeis onde é Frei Domingos?

JOÃO RAMIRES, apontando para o carcere

Ali dentro, fechado com Ruy Dias.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Chamae-o... Não, deixae-o estar. Mas quando
Elle sair, lhe direis da minha parte
Que alguns doentes das naus, hontem chegadas,
Reclamam com urgencia os sacramentos.

(Ramires inclina-se, e retira-se para o fundo do theatro.)

(A Timoja.)

Mas d'onde esses receios?

TIMOJA

Diz-se primeiro
Que o enviado do Hidalcão vos obrigára
A libertar as mouras prisioneiras.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Obrigar-me... Pediu-me, —ouvis?— pediu-me
Que lhe entregasse Fátima, e só essa,
Por ser com o Hidalcão aparentada.

E eu consenti, movido pelo escandalo,
Que ante-hontem succedeu n'este castello.

TIMOJA

Na India são os visos de fraqueza
Mais damnosos que a propria realidade.
—Mas tambem se murmura que esta armada
Vos trouxe de el-rei ordem soberana
Que ao Hidalcão abandonasseis Goa.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Onde fostes colher essas noticias?

TIMOJA

Pelas ruas as publicam os fidalgos...
E outras que não ouso dizer.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Dizei-as,
Que assim vos mando eu.

TIMOJA

Elles apregoam
Que na côrte triumpham vossos emulos;
—Que ante el-rei abalado vosso credito;
—E que as proximas naus trarão do reino
O vosso successor.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Que el-rei o mande,
Esse meu successor.—Velho e cansado,
Tempo é já de acolher-me a algum retiro.
Jornaleiro, que suou durante a calma,
Sobre o cabo da enxada se recosta:
Mas eu, nem um momento de descanso!
O dia e a noite levo em dura faina.
—Dizem, pois, que de el-rei perdi a graça?

TIMOJA

Assim o ouvi.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

E mostram-se arrogantes?

TIMOJA

Affirmam que, perdido o valimento,
Acabou-se o respeito que vos tinham...
E não consentirão nenhum castigo
Em Ruy Dias...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, com ira

Insolentes!

(Reportando-se.)

Bem... Paciencia...
Eu buscarei careal-os com bons termos,
São avisados, e talvez me escutem.

TIMOJA

Não o creio, senhor. Quanto a Soberba
É cortejada, em tanto mais se ufana.
—Mas que será de nós? De nós, os indios,
Quando vós nos deixardes, e nos falte
A vossa protecção contra os desmandos,
Que a custo refreaes?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Igual arrimo
Vos deve o successor que me mandarem.

TIMOJA

Para mim assombroso... incomprehensivel
Que Vossa Senhoria se sujeite
A ordens que o deshonram, e expedidas
D'alem dos mares, só porque as assigna
Uma firma de rei!... Quanto na India
É mais feliz a sorte do guerreiro!
O valor da sua espada é a medida
Do seu poder.—O capitão heroico
Não obedece, funda dynastias:
É uma incarnação da Divindade,
—Deus elle mesmo, e em templos adorado.
Mas vós, de quem a Asia celebra o nome,
Não ousaes dar castigo a um soldado,
Porque do vosso rei temeis as iras!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, depois de alguns momentos de silencio

O que seja lealdade ao rei e á patria,
Não o entendeis vós outros no Oriente...
Se eu erguesse o estandarte da revolta,
Nem um só portuguez me seguiria.

TIMOJA

Mas na India vos surgiram os exercitos.
Os vossos portuguezes,—que tropeços
Vos não oppõem a todas as emprezas?...
E d'ora avante creio que desprezam
A vossa auctoridade...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Cala-te, indio!
Abusas da chaneza com que escuto
Essas tuas torpezas e dislates.
Da minha auctoridade desprezada
Bastará um aceno, que te arranque
A lingua, com que tu me desacatas!

(Timoja curva-se humildemente, e assim se conserva até ao desapparecimento de Albuquerque, que, precedido dos dois pagens, sae pela porta da salla do conselho.)

TIMOJA

As explosões que lhe suscita a furia,
Mesmo quando se esperam, são medonhas!
Não importa, cravei-lhe fundo a setta,
E a peçonha ha de gangrenar o golpe.

(Sae pela direita.)

SCENA IV

JOÃO RAMIRES. DIOGO MENDES DE VASCONCELLOS, AYRES DA SILVA, BERNARDIM FREIRE, MANUEL DE LACERDA, DOM JOÃO DE LIMA, FERNÃO PERES DE ANDRADE, e outros fidalgos, entram da esquerda. Depois PERO DE ALPOIM.

FERNÃO PERES, a Diogo Mendes

E foi vossa viagem trabalhosa?

DIOGO MENDES

Seis mezes de continuas tempestades.
—Ao Brazil arribámos com mau tempo:
Em seguida, do Cabo nas alturas,
Violento furacão nos accommette,
E tres naus se sumiram na voragem...

D. JOÃO DE LIMA

Tres naus!—E quantos homens?

DIOGO MENDES

Uns seiscentos.

D. JOÃO DE LIMA

É a historia de todas as viagens:
Vae-se o reino afogando n'esses mares.
Em Portugal devem queixar-se os curas
Da escassez dos enterros: o oceano
Dos portuguezes hoje o cemiterio.
Esta derrota da India peior que a peste...
E, a respeito da peste, que noticias?

DIOGO MENDES

Alguns rebates em Thomar.

AYRES DA SILVA

Dizei-me,
Diogo Mendes, o turco continúa
As suas victorias lá na Europa?

DIOGO MENDES

Sempre.
Rhodes em cerco estreito, de maneira
Que o Mar Mediterraneo é coalhado
De mouros.—Em Argel e Tunis cheias
De captivos christãos as enxovias.
A Italia treme do sultão...

D. JOÃO DE LIMA

Vergonha!
Vergonha aos principes christãos, que deixam
Á mercê de Mafoma o Sancto Padre.
Inda vereis cumprida a ameaça
D'aquelle outro sultão, que promettêra
Que os seus cavallos comeriam a aveia
Sobre os altares de San-Pedro em Roma.

BERNARDIM FREIRE, a Diogo Mendes

E nós na Africa?

DIOGO MENDES

Na Africa tomámos
Çafim aos Mouros.

BERNARDIM FREIRE

Çafim! Grande feito!
Estamos, pois, ás portas de Marrocos.
Quem foi o capitão das nossas armas
Contra Çafim?

DIOGO MENDES

Diogo d'Azambuja.
Tambem o rei de Fez pôz cerco a Arzilla,
Mas pelo capitão foi repulsado,
E perseguido até Alcacer-Kibir.

MANUEL DE LACERDA

E na côrte? Fallae da côrte.

DIOGO MENDES

A côrte,
Quando a deixámos, era mui festiva:
Saraus, jogos de cannas, entremezes,
Procissões, touros...

MANUEL DE LACERDA

E porque?

DIOGO MENDES

A rainha
Teve um filho.

D. JOÃO DE LIMA

Mais outro! É já o setimo.
Sua Alteza não fica de pousio.

FERNÃO PERES

Faz muito bem, que assim nos assegura
De não falhar a successão da c'rôa.
Como se chama o infante?

DIOGO MENDES

Dom Henrique.

(Pero de Alpoim apparece á porta da salla do conselho.)

PERO DE ALPOIM, a Ramires

Capitão, conduzi o réu.

(Ramires entra no carcere.)
(Aos fidalgos.)
Senhores,
Pelo Governador sois convidados
A escutar sobre Ruy Dias a sentença.

(Saem todos os fidalgos para a salla do conselho.)

SCENA V

RUY DIAS, FREI DOMINGOS DE SOUSA, JOÃO RAMIRES, que saem do carcere. Depois o ALABARDEIRO.

FREI DOMINGOS, a Ruy Dias

A vossa profissão é de soldado;
E do soldado a liberdade e o sangue
Não lhe pertencem a elle, mas á patria.
Divida a toda a hora reclamavel,
Como estranhar, quando é sollicitada?
Que seja hoje, ámanhã, na India, ou na Africa,
Em naufragio, ou no campo da batalha,
Pela mão do christão ou do gentio,
—O soldado dirá : é meu destino.
Mas, ó meu filho, sois tambem soldado
Do Deus crucificado no Calvario :

Pertenceis á milicia do martyrio.
Dores, affrontamentos, injustiças,
São a vossa ordenança de combate.
Qualquer que seja agora a vossa sorte,
Pensae, que sois christão e cavalleiro.

(Ruy Dias, que tem escutado com serenidade e recolhimento, sóbe a passos lentos a escada, e sae para a salla do conselho.)

JOÃO RAMIRES, a Frei Domingos

Padre, o senhor Governador me ordena
Dizer-vos, que na armada alguns enfermos
Pedem os derradeiros sacramentos.

(Frei Domingos hesita, depois sae apressado pela esquerda.)

JOÃO RAMIRES, só

Pobre Ruy Dias! O coração me agoira
—Não sei porque— o cepo do verdugo.
As palavras do padre em meus ouvidos
Retumbam como a campa de finados.
Pois será elle á morte condemnado,
Um mancebo tão nobre e tão valente?
O padre diz bem:—a vida ou a morte
É um jogo de azar para o soldado.
Assim é... Mas morrer pelo cutello
Do carrasco!... Melhor sorte os da armada,
Que a est'hora arrancam o ultimo suspiro!...
Mas quem me diz a mim que o seu castigo
Será a morte?... Não, não acredito...

(Fica em cogitação por alguns momentos. O alabardeiro approxima-se d'elle.)

ALABARDEIRO

Capitão, eu vos rogo pelas almas
Da vossa obrigação...

JOÃO RAMIRES

Homem, socega!
Has de ir para tua casa antes da noite.
Forte mania!

SCENA VI

JOÃO RAMIRES. AFFONSO DE ALBUQUERQUE, precedido dos dois pagens, entra da porta da salla do conselho; vêm apoz elle os demais Fidalgos, entre os quaes DIOGO MENDES DE VASCONCELLOS, DOM JOÃO DE LIMA, FERNÃO PERES, e tambem DIOGO PEREIRA: todos estes atravessam a scena, e vão saíndo pela esquerda. Por ultimo entram AYRES DA SILVA, BERNARDIM FREIRE, MANUEL DE LACERDA, PERO DE ALPOIM e RUY DIAS.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, voltando-se para os fidalgos

Não esqueçaes, senhores,
Que do Hidalcão vou receber o enviado;
Espero a vossa honrada companhia.

(A Ramires.)

Tenho que vos fallar: acompanhae-me.

(Sae seguido de Ramires.)

(Varios Fidalgos atravessam successivamente a scena, praticando entre si, e saem uns apoz outros.)

DIOGO MENDES, a D. João de Lima

Na verdade parece-me um escarneo
Ter-nos elle a conselho convocado
Para mudos nos ler uma sentença
Tão cruel como esta.

D. JOÃO DE LIMA

É o seu costume.

(Saem.)

(Outros Fidalgos atravessam a scena e saem.)

DIOGO PEREIRA, a um Fidalgo

Este homem tem um coração de bronze!
Pois, senhor, fiz esforços sobrehumanos
Para o dissuadir d'esta sentença!

(Sae.)

(Passam outros Fidalgos. Por fim entram Ayres da Silva, Bernardim Freire, Manuel de Lacerda, Pero de Alpoim e Ruy Dias.)

PERO DE ALPOIM

Ruy Dias, na alma me dóe vossa desgraça.
Não vos farei a injuria de rigores

Da vossa nobre qualidade indignos.
Tambem dizei-me se de mim vos cumpre,
Dentro da minha alçada, algum serviço.

RUY DIAS

Graças, senhor. Enviae-me Frei Domingos.

PERO DE ALPOIM, a Ayres da Silva, Freire e Lacerda

A recepção do embaixador em breve;
Que não falteis vos peço, meus senhores,
Pois o Governador fará reparo
Na vossa ausencia.

MANUEL DE LACERDA

Nós ahi seremos.

(Pero de Alpoim falla alguns instantes com o alabardeiro, e sae.)

SCENA VII

RUY DIAS, AYRES DA SILVA, BERNARDIM FREIRE, MANUEL DE LACERDA.

RUY DIAS

Á forca condemnado! Oh! Ignominia!
—Alçado á forca!— Malfeitor que a terra
Com aversão repelle do seu seio!
Entre a terra e os céus estrangulado,
De Portugal e da India horror e exemplo!

—Da forca penderá o meu cadaver
Para ser o repasto dos abutres!...
Ámanhã... ámanhã, quando alumiado
Pelo esplendor do sol o firmamento,
E a vasta multidão encher a praça,
—Entre as vaias de mouros e gentios—
O baraço á garganta o algoz me estreita,
E me arremessa ás convulsões da morte!
—Altivas esperanças da minha alma,
Anceios fervorosos pela gloria,
Aonde me conduzistes vós?—Á forca.
Da honra e do dever me fiz escravo;
Affligiu-me a desgraça dos vencidos;
Odiei a crueza e a tyrannia... A forca,
A forca é o teu premio, ó insensato!

(Dirigindo-se aos tres amigos, que o escutam consternados.)

N'este exemplo aprendei de mim, senhores!
Se, no saque das naus e das cidades,
Sobre um leito formado dos cadaveres
De seu marido e filhos eu violasse
Uma mulher,—seria cousa de riso,
O folgar do soldado victorioso.
Mas porque eu quiz, com o amor honesto,
Reparar da paixão um desvario,
—Esse é o crime que expiarei na forca.
Lembrae-vos da lição.—Honra e lisura
São embustes que illudem os singelos.
Tornae o coração empedernido...

Rastejae... Applaudi os poderosos...
Calcae o desgraçado... Sêde falsos!
Falsos, ouvi-me bem! Sêde refalsos!
—A forca! Mas dizei-me vós se eu sonho?
Cada qual é mau juiz dos proprios feitos;
—Dizei-me se eu mereço este flagicio?...
Dizei, Ayres da Silva.

AYRES DA SILVA

Não, amigo.
Da forca não mereces o supplicio.
O teu crime é o nosso: é o de todos
Os portuguezes da India, sujeitos
Ao governo odioso de Albuquerque.
Nós soldados do rei, e não amoucos
D'esse velho caduco e orgulhoso.
—Mais ousado que nós, tu desvendaste
A luxuria senil, que o devora:
E elle pretende amedrontar-nos todos
Com a iniqua sentença da tua morte.
—Mas a sentença não será cumprida:
Eu vou já convocar á resistencia
Os brios e a indignação da fidalguia.
Tem confiança, Ruy Dias. Hoje mesmo
Sairás da prisão.

BERNARDIM FREIRE

Muito acertado!
Eu vos sigo na empreza. E vós, Lacerda,
Não faltareis tambem.

MANUEL DE LACERDA, com hesitação

Eu... Sim ...Por certo...
Recordo-vos, porém, que não devemos
Suspeitas provocar com nossa ausencia
Da recepção. É tempo de partirmos.

AYRES DA SILVA

Tendes rasão. Lá fallarei aos nossos,
E o commum proceder ajustaremos.

RUY DIAS

Generoso o impulso, mas inutil.
O impossivel tentaes...

AYRES DA SILVA

Hoje, Ruy Dias,
Livre serás, ou ámanhã conjunctos
Subiremos comtigo ao cadafalso.

(Ayres da Silva, Freire e Lacerda saem pela esquerda.)

SCENA VIII

RUY DIAS, só

Livre serei, mas das prisões do corpo...
—Como, ao findar da vida, o entendimento
Subito se illumina! Este phantastico

Rebuço, de que o mundo se reveste,
Ora roto em pedaços, que hedionda
A nudez, que a meus olhos se descobre!...
—Porque te deixei eu, ó minha patria!
Ó Alemquer, ó terra do meu berço,
Que feliz eu seria em teu regaço,
Nos teus campos, e á beira do teu rio,
E no cume do monte que domina
As lezirias orladas pelo Tejo!
E o meu pobre solar, a minha casa,
Com a escada, e o alpendre, e os dois ulmeiros
Que lhe assombram o pateo da entrada!
—Que lagrimas! Que angustias n'essa casa!...
Que deshonra! Na forca justiçado!...
Do meu nome... eu sou de meus paes o opprobrio!
E foi para grangear-lhes a deshonra
Que abandonei a patria pela India!
Para os matar de dòr e de vergonha
Que os mares me pouparam, e os combates!
Funesto o dia em que aportei á India!
Que não fosse eu da peste fulminado
Na hora em que de Belem larguei a praia!
Que não fosse tragada pelas ondas
A nau, em que sulquei tão longos mares!...
Perdoae, meu Deus! Misera creatura
Em culpar-vos emprégo o breve espaço,
Que do vosso juizo me separa.

(Senta-se no banco de pedra, e absorve-se em meditação. Ouvem-se ao longe os sons de uma musica marcial.)

SCENA IX

RUY DIAS, THEREZA, o ALABARDEIRO. Depois FÁTIMA.

THEREZA, que entra da direita, ao alabardeiro
que apparece á entrada do caminho da esquerda

Agora mesmo, atravessando a praça,
Vi eu tua mulher com dois soldados,
E disse-me ella que ía ver a festa.

ALABARDEIRO

Santo nome de Deus! Com dois soldados!
Vou em casa fechal-a, e volto breve.

(Sae correndo pela esquerda. Thereza vae abrir a porta na torre do fundo, por onde entra Fátima. Thereza, depois, sae pelo caminho da esquerda.)

FÁTIMA, achegando-se apressurada a Ruy Dias

Ruy Dias, foge da morte!

(Ruy Dias, sobresaltado, desperta da meditação.)

Vem commigo!
Por Thereza escondido até á noite,
Aguardarás nos sotãos d'essa Torre;

Na modorra da noite sairemos
Sob a guarda de mouros dedicados;
A manhã nos verá, além da ilha,
Do valente Hidalcão nos senhorios.
Ao Hidalcão me enlaça o mesmo sangue:
Á sua côrte, —a Visapor iremos.

RUY DIAS

Fugir comtigo... Sim... Eu te acompanho...
Sê tu meu guia... A rasão de mim se esvae.

(Fátima dirige-se para a porta da Torre. Ruy Dias segue-a, como fascinado.)

Exorcismos não ha que te esconjurem,
Ó seducção do amor! Encantó magico!

(Fátima sae. Ruy Dias dá alguns passos, quando, de sobresalto, se encontra defronte da Cruz. Estaca, e contempla-a em silencio por alguns instantes.)

Ó Cruz! o teu signal por distinctivo,
Na fonte baptismal, me foi impresso!
Pelos mares vagueei, verti meu sangue,
Por que fosses plantada n'esta terra!
E agora, infiel, me entrego aos que te odeiam!

(Dá mais alguns passos, e fita os olhos na imagem de S. Thiago.)

De Portugal celeste padroeiro,
Cujo nome invocado contra o mouro

Nas batalhas da fé e liberdade,
Que indignação eu leio no teu rosto!

(Percorre com a vista as outras imagens.)

Da minha infamia ó mudas testemunhas,
O vosso torvo olhar me géla o sangue!

FÁTIMA, entrando

Porque me não segues?... Vem sem receio!
A escada e o corredor estão desertos.
Apressa-te. A demora é a tua morte.

RUY DIAS

Fujamos.

(Dá alguns passos, depois pára de subito, como alheado de espirito.)

Infiel! Infiel! Maldicto!
Eu sou um desertor e renegado!
Maldicto n'este mundo e no vindouro!
Em Portugal dirão de mim—o apostata!
Já o inferno me conta entre os precitos!
—Que lagrimas as tuas, ó madre minha!
Quando lá, no casal, te annunciarem:
Passou-se para os mouros o teu filho!...

FÁTIMA, tomando-lhe a mão

Vem! Foge!

RUY DIAS, comsigo mesmo

Desertor e renegado!

FÁTIMA, procurando arrastal-o

Segue-me! O tempo corre... Vem!

RUY DIAS, como que acordando de um pesadelo

Não, Fátima!
Eu a fé de christão e cavalleiro
Não trahirei jamais!

FÁTIMA

Ó desgraçado!
A forca que te espera...

RUY DIAS

Ouve-me, Fátima!
Eu amo-te, e por ti subo ao patibulo:
Queres tu este amor retribuir-me?
Á crença te converte do evangelho.
De que vale a ventura d'este mundo,
Se depois o infinito nos separa?
Frei Domingos é sancto e verdadeiro,
A esse escuta, e busca o seu amparo.
E agora adeus.

(Dirige-se para o carcere.)

FÁTIMA, detendo-o

Assim tu me abandonas?

RUY DIAS

Entre nós se interpõe a fé e a honra!

FÁTIMA

Tem dó de mim! De angustias trespassada,
Já contra o mal não tenho fortaleza!
Por mim salva essa vida, que desprezas...
Tem dó de mim!

RUY DIAS, olhando para a Cruz

Oh! dôr! Oh! Cruz do Golgotha!

(A Fátima.)

O coração por ti me verte sangue,
Infeliz que eu tornei mais desgraçada!
Em deixar-te antecipo as amarguras
Da agonia...

(Beija-a.)

Fátima, eu no céu te espero.

(Foge precipitadamente para o carcere, e fecha a porta sobre si.)

FÁTIMA

Ruy Dias! Ruy Dias!

THEREZA, accorrendo apressada da esquerda

Vamo-nos, senhora!
Alli chega uma guarda de soldados.

SCENA X

FÁTIMA, THEREZA, DIOGO PEREIRA, seguido de uma escolta de soldados armados de piques.

DIOGO PEREIRA, á parte

A moura aqui!... Fugida a sentinella!
Aqui se concertava alguma trama!
Bem fiz eu de acudir com diligencia.
—Mas este carcere não é seguro.

(Ao capitão da escolta.)

Capitão, removei o condemnado
Ás prisões subterraneas do Castello.

———

ACTO QUARTO

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Duas sallas de recepção, cercadas de uma arcaria de estylo arabe, e ornamentadas com a profusão de laçarias e de cores propria d'essa architectura. A salla anterior communica com a posterior sómente por uma larga portada, com dois batentes: estes batentes fecham-se no decurso da scena terceira, de maneira que a segunda salla desappareça da vista do espectador. — Na salla anterior, no primeiro plano á esquerda do palco, uma cadeira de espaldar e uma mesa. Ao longo da parede, de um e outro lado da portada, corre uma banqueta, destinada e convenientemente preparada para supporte de bandeiras e guiões. — Na salla posterior, ao fundo, sobre estrado ricamente alcatifado outra cadeira de espaldar, e, ao lado direito d'esta, um assento mourisco de almofadas.

SCENA I

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, magnificamente trajado, traz bordada sobre o gibão a espada da ordem de S. Thiago. KUMAL-KHAN, tez alva, pomposo vestuario de mussulmano. Fidalgos, pagens, mouros, etc. Ao erguer do panno, Albuquerque e Kumal-Khan conversam de pé sobre o estrado, na salla posterior. Em frente do estrado, do lado direito, um alferes levanta a bandeira de Portugal,—de damasco branco, com o escudo das quinas encimado da Cruz da Ordem de Christo; do lado esquerdo, outro alferes com a bandeira da Ordem de Christo,—uma bandeira branca com a cruz vermelha. Mais adiante dois pagens, com o estoque desembainhado. De um e outro lado, os fidalgos formam alas: junto de cada um está o seu pagem com um guião, onde bordadas as suas armas. Na extremidade anterior das alas a comitiva do Kumal-Khan. Todos estes personagens occupam a salla do fundo. Logo depois de erguido o panno, Albuquerque toma pela mão a Kumal-Khan, desce do estrado, e, através das alas, o conduz para a salla dianteira, onde ficam sós.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Restituir Goa! Jamais!

(Kumal-Khan faz menção de interromper.)

Inabalavel

El-rei de Portugal no seu proposito.

Do imperio oriental tem resolvido
Que seja Goa a cabeça e o baluarte.
Que o Hidalcão, vosso rei, assim o entenda.

KUMAL-KHAN

Indulgencia commigo vos supplico.
Creio, porém, senhor, que dos combates
Contra os principes da India mussulmana
Apenas colhereis esteril gloria:
Quando a India dos gentios vos offerece
Victorias faceis e opulentas prezas.
Talvez do Malabar o senhorio
Vos não contente: mas uma alliança
De guerra contra o reino de Narsinga
Poria em vossas mãos vastos dominios.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Sobre a vossa proposta, mais d'espaço
Vos ouvirei em outra conferencia.
Não desejo avexar-vos com debates
N'este festivo encontro, onde o agazalho
Vos devêra livrar de enfadamentos.
Perdoae estes achaques da velhice.

KUMAL-KHAN

A sombra é grata no ardor do estio,
Ao mareante é grata a monção serena,
(Cortejando.)

Mais grata é a brandura de quem manda.
Inda um momento de attenção vos peço.
Magnanimo vós já me concedestes
O resgate que el-rei me encommendára
Da vossa prisioneira, a nobre Fátima.
Hontem a vi; e, quando eu a esperava
Jubilosa da sua liberdade,
Notei que ella hesitava em deixar Goa...
Hoje sei a rasão do seu enleio,
O successo é notorio na cidade...
O infimo mussulmano, se ultrajado
É na honra de mulher, que lhe pertença,
Só do cumplice a morte o desaffronta.
E Fátima é de illustre jerarchia,
Regio o sangue da sua procedencia:
O rei de Visapor, n'ella ultrajado,
De vós, senhor, reclama um desagravo.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Por minha fé, tereis o desagravo,
E igual á villania. O criminoso,
Ámanhã o vereis pender da forca.
—Mas já muito vos tenho demorado.
Em Goa vos desejo longa estada,
E a toda a hora n'esta Fortaleza
Me será vossa vista deleitosa.

(Albuquerque toma o embaixador pela mão, condul-o para a salla superior, e, por entre as alas, saem ambos pelo fundo, seguidos de alguns fidalgos

e da comitiva do Kumal-Khan. Os outros Fidalgos dispersam-se em grupos pelas duas sallas: os alferes e pagens depõem as bandeiras e guiões na banqueta da salla anterior. Uns e outros vão successivamente despejando o palco durante o decurso das duas scenas seguintes.)

SCENA II

D. JOÃO DE LIMA, AYRES DA SILVA, BERNARDIM FREIRE, MANUEL DE LACERDA, FERNÃO PERES. Elles, e outros Fidalgos, vêm altercando da salla do fundo para a salla dianteira. TIMOJA e DIOGO PEREIRA.

D. JOÃO DE LIMA

Senhores, intentaes uma loucura:
Elle não cede ás vossas ameaças.
Se pretendeis salvar o vosso amigo,
Ao Governador sêde attenciosos.
A palavra discreta acalma as iras.

AYRES DA SILVA

Esse vosso conselho é humildoso!
Eu desdenho baixezas.

D. JOÃO DE LIMA

Desdenhoso
Sois, é certo. Mancebo, já da vida

Percorri mais que em dobro o vosso espaço.
Nas provações, que tenho atravessado,
Immaculada preservei a honra:
Nem feitos, nem palavras, nem um gesto
Amoldei em favor do meu proveito.
Foi sempre a isenção o meu peccado.
Oxalá que possaes na minha idade
Dizer o mesmo!... Desdenhaes baixezas!
Que amisade é a vossa que repugna
A recurvar o collo da soberba?
—Para livrar seu amo da deshonra,
Um cavalleiro, espelho de lealdade,
De corda no pescoço e pés descalços,
Com filhos e mulher...

AYRES DA SILVA

Falta-nos tempo,
Senhor, para escutar vossas historias.
Não nos acompanhaes, é quanto basta.

(D. João de Lima volve as costas, e dirige-se para Timoja.)

Fernão Peres, vireis comnosco?

FERNÃO PERES

O feito
É serio... Perderei a minha viagem
Á China... Muito embora. Sou comvosco.

AYRES DA SILVA

Lacerda, vós, de certo, sois dos nossos.

MANUEL DE LACERDA

Creio que fazeis mal... Dom João de Lima
Tem razão. A meu ver, com desacatos,
Mais do Governador sopraes as iras.

BERNARDIM FREIRE, a Lacerda

Espantaes-me! Um amigo fervoroso
Vos julgava de Ruy Dias.

MANUEL DE LACERDA

Grande amigo
D'elle sou, e serei. Mas não approvo
O vosso proceder.

AYRES DA SILVA

Bem, bem. Aquelles,
A quem não tolhe o medo, que me sigam.

(Sae pela esquerda, acompanhado de Bernardim Freire, Fernão Peres e mais sete Fidalgos.)

SCENA III

MANUEL DE LACERDA, DIOGO PEREIRA, D. JOÃO DE LIMA, TIMOJA. Depois JOÃO RAMIRES e THEREZA. No decurso d'esta scena cerram-se os batentes da porta, que divide as duas sallas, desapparecendo completamente a salla do fundo. A esse tempo, todos os mais personagens, que não sejam os interlocutores d'esta scena, devem ter deixado o palco.

DIOGO PEREIRA, a Lacerda

(Affecta uma seriedade singela, em que, todavia, vislumbra o pico da zombaria.)

Vossa Mercê acceite os meus emboras:
Sisudo vos provastes neste ensejo.
São loucos, que se arriscam por chimeras!
Cavalleiros andantes pouco medram:
Hoje os Magriços mais que nunca magros.
—Muita conta e nenhuma phantasia—
É da sabedoria principio e cabo:
Inda que Salomão diga outra cousa.
Mas eu...

MANUEL DE LACERDA

Cessae a vossa garrulice.
Fallaes muito ancho, mas das vossas letras
Nenhum fructo colhemos nos capitulos
Contra o Governador a el-rei mandados.

N'estas naus successor nós lhe esperavamos:
Mas não vejo que el-rei fosse abalado
Pelas accusações que redigistes.

DIOGO PEREIRA

Devagar. Roma não se fez n'um dia.
Mandaremos agora outro libello.
Infamar, infamar com desassombro!
No infamado fazeis um inimigo,
Mas levantaes por vós o mundo inteiro.
A censoria Virtude, a Inveja rabida,
A nedia Sisudez, e a Hypocrisia,
Em seu proprio interesse, vos applaudem.
Infamar com despejo...
(Continúa em pratica com Lacerda.)

D. JOÃO DE LIMA, a Timoja

Sim, Timoja,
Ao Governador ambos fallaremos:
E mostraremos a esses estouvados,
Que a nossa intercessão em termos graves
Da forca libertou o condemnado.

TIMOJA

Nobre senhor, do vosso valimento,
E da sua efficacia, não duvido.
Mas a minha humildade não se atreve
Com o Governador e os seus mandados:

As minhas rogativas não têem peso
Sobre o animo de Sua Senhoria.

D. JOÃO DE LIMA

Mas eu serei a vosso lado: juntos
Faremos ressoar aos seus ouvidos
A voz de Portugal e a voz da India.

TIMOJA

Escusae-me, senhor.

D. JOÃO DE LIMA

Essa recusa
Indica em vós um genio malfazejo.

TIMOJA

Senhor!

D. JOÃO DE LIMA

Quereis a Ruy Dias castigado,
Pelo odio que votaes aos portuguezes.
Vencei-vos. Expulsae do vosso peito
Pensamentos indignos de um soldado.
Ajudae-me a salvar um camarada,
Que comvosco affrontou os mussulmanos.

TIMOJA

Que injusto sois commigo! Eu, malfazejo!
No meu peito aversão aos portuguezes!

Para vos demonstrar minha lisura,
Bem que em mim nenhum prestimo conheça,
Ás vossas juntarei as minhas supplicas.

D. JOÃO DE LIMA, apertando a mão de Timoja

Agora vos provastes grandioso,
Esse é o proceder de um cavalleiro.

TIMOJA, á parte, desabafando a sua exasperação

Oh! Da estupidez força irresistivel!
Não me constrange—a mim! este maluco
A seguil-o nas suas tonterias!

(Entram da esquerda João Ramires e Thereza. Ouvem-se tiros de canhão.)

MANUEL DE LACERDA

A que são estes tiros, João Ramires?

JOÃO RAMIRES

É uma nau de Portugal. Da armada
Se esgarrára, e julgavam-n'a perdida:
Mas, graças ao Senhor dos Navegantes,
Ella agora no rio lança ferro.

D. JOÃO DE LIMA, a Ramires

Que é do Governador? Sabeis vós d'elle?

JOÃO RAMIRES

Aqui nos ordenou que o esperassemos.

MANUEL DE LACERDA, a Diogo Pereira

Vinde commigo a esta nau do reino.

DIOGO PEREIRA

Senhor, ás vossas ordens.

(Passando junto de Ramires e sua mulher, que parecem estar em viva altercação.)

Desavenças
Na familia?

(A Thereza.)

Arrufos de ciume?

(Diogo Pereira e Lacerda saem pela esquerda.)

THEREZA, dirigindo-se a Diogo Pereira,
emquanto elle vae saíndo

Que lhe importa ao senhor? Grande atrevido!
Na India é petulante este galfarro!...

JOÃO RAMIRES

Cuidado com alcunhas offensivas!

THEREZA

Tambem tu nunca zelas a minha honra.
És sempre contra mim!

JOÃO RAMIRES

De ti me sopram
Sempre as tormentas.

THEREZA

De mim!... É acinte!
Casei-me para ser mortificada.

JOÃO RAMIRES

De ti, sim. Porque fui eu reprehendido
Pelo Governador? Por culpa tua.
Foste tu que desviaste a sentinella
Da porta da cadeia... E vens agora
Com recados para elle d'essa Fátima
Que Satanaz...

THEREZA

João, não rogues pragas.

JOÃO RAMIRES

Pois do Governador não reparaste
Na carranca que fez, quando disseste
Que a Moura lhe pedia que elle a escutasse?
Com o Governador que quer a Moura?
Porque me involves tu n'estes marulhos?

SCENA IV

AFFONSO DE ALBUQUERQUE e PERO DE ALPOIM entram juntos da esquerda. JOÃO RAMIRES e THEREZA. D. JOÃO DE LIMA e TIMOJA, que a principio não são percebidos por Affonso de Albuquerque.

PERO DE ALPOIM, a Albuquerque

Frei Domingos deseja uma audiencia
De Vossa Senhoria.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Onde está elle?

PERO DE ALPOIM

Foi a bórdo da nau recem-chegada.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Introduzi-o aqui logo que volte.
Porém a mais ninguem dareis entrada
N'esta estancia.—A ninguem, quem quer que seja.

(Pero de Alpoim sae pela esquerda.)
(A Ramires.)

Descei aos calabouços do castello,
E examinae se o preso está seguro.

(Ramires sae pela direita.)
(A Thereza.)

Mulher, ide fiar na vossa roca,
E dizei em resposta a essa Moura,
Que logo a chamarei.

(Thereza sae pela direita.)

(A D. João de Lima e Timoja, que se apresentam agora á sua vista.)

Eu ignorava
Vossa presença aqui.

D. JOÃO DE LIMA

Ambos ficâmos
Aguardando por Vossa Senhoria.
Mas talvez que sejâmos importunos...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Nunca o vagar me sobra, e hoje inda menos.
Mas ao respeito, que vos é devido,
Posponho obrigações do meu officio.

D. JOÃO DE LIMA

Não desejo, senhor, o vosso enfado.
Aborreço os rodeios. Em direitura
Sempre o meu caminhar. Confesso a culpa
De não ter acertado com o tempo...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, impacientado

Emfim que pretendeis? Fallae em summa.

D. JOÃO DE LIMA, formalisado e com modo brusco

Pedir-vos o perdão para Ruy Dias:
—Um cavalleiro honrado e valoroso,
E bemquisto de toda a fidalguia.
A sua morte, e a morte pela forca,
Cobriria a todos de tristeza e luto,
E seria um labéo para a nobreza
De Portugal na India...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

O castigo justo
Ao réu do crime, e a mais ninguem, deshonra.

D. JOÃO DE LIMA

Mas será o castigo igual ao crime?
Crime de amores! E com uma escrava!
Quantas, senhor Governador, mas quantas
Forcas no reino e na India bastariam
A punir taes delictos?...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Com assombro
Vos escuto! Assim vós tomaes a parte
Da furtiva luxuria, que devassa
A casa de quem, na India, representa
A pessoa do rei?

D. JOÃO DE LIMA

Não tomo essa parte.
Mas, como Vossa Senhoria o disse,
Na India representaes a realeza.
Ora deixae contar-vos um successo,
Que se deu com el-rei Dom João Segundo.
—Estando el-rei um dia em desembargo
Sobre um feito em que elle era interessado,
Quando foi ao votar sobre a sentença,
Respeitoso o doutor Nuno Gonsalves
Lhe disse, a el-rei: —« Não póde Vossa Alteza
Ser agora presente».— O rei, turvado,
Lhe perguntou: —«Porque?»—«Porque sois parte
No feito»—, replicou o juiz impavido.
E el-rei se retirou...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Que significa
A vossa historia? Que eu sou juiz e parte?
Esse o vosso pensar? Tem a calumnia
Já salpicado a minha integridade?

D. JOÃO DE LIMA, á parte

Que grande o meu descuido... Que imprudencia!
(Alto.)
Não! Não, senhor! O exemplo é mal cabido,
Não sei porque o contei...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, volta as costas a D. João de Lima. e dirige-se a Timoja

E vós, Timoja,
Que quereis?

TIMOJA, muito amedrontado

Implorar vossa clemencia
Em favor do mancebo condemnado.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Para vós a implorae,—que tendes culpas
Que ha muito estão bradando pela forca.

TIMOJA

Senhor! Sois invencivel nas batalhas,
As cidades abraza a vossa colera,
O mar sepulta os vossos inimigos;
Mas as victorias da clemencia offuscam
Victorias alcançadas pelo ferro.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

A clemencia! Incentivo aos criminosos!
Lei quebrada, castigo certo—é este
Do governo o primeiro mandamento.

TIMOJA

Dignae-vos escutar o vosso servo.
Dizem da India as sagradas escripturas,
Que entre os sabios outr'ora houve disputa

Qual o mais poderoso era dos deuses;
E para resolver essa contenda
Ao patriarcha Brighú a devolveram.
Brighú se resolveu ir elle mesmo
Sujeitar os tres deuses a provanças.
Sua primeira visita foi a Brahma,
Ao qual não fez a saudação devida:
Do deus a colera irrompeu terrivel;
Mas reprimiu-a, e, por fim, pacificou-se.
D'alli se dirigiu o patriarcha
Em Kailassa á morada do deus Siva,
A cuja saudação não fez retorno:
Em furia se abrazou a Divindade,
O fogo fusilava-lhe dos olhos,
E contra o sabio ergueu o seu tridente;
Mas Parvati, do deus a boa esposa,
De joelhos lhe pediu misericordia,
E obteve apazigual-o com seus rogos.
Por ultimo, restava ao patriarcha
Ensaiar de Vischnú a paciencia:
Encontrou a este Deus adormecido,
E, ousado, deu-lhe um pontapé no peito.
Despertou Vischnú: mas, ao ver o sabio,
Nenhuma ira mostrou; antes desculpa
Lhe pediu de o não ter comprimentado;
Perguntou se no pé se magoára,
E logo lh'o afagou com suavidade.
Este —exclamou Brighú— o mais pod'roso
Dos deuses, porque vence com as armas
Da generosidade e da clemencia.

—Senhor, de mim por vezes sois queixoso,
E, inda que involuntarias minhas culpas,
Só a vossa clemencia me assegura.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, á parte

A este os males alheios são pretexto
Para melhor grangear os seus negocios.

(A Timoja.)

A vossa lenda é muito divertida.
Mas, quanto a mim, sabei que não applaudo
De Vischnú a paciencia. No seu caso
Eu tirára a vontade ao patriarcha
De tentar outra vez a experiencia.

(Despedindo-os.)

Deus vos guarde, senhores.

(D. João de Lima e Timoja dirigem-se a saír pela esquerda.)

D. JOÃO DE LIMA, a Timoja

Persuado-me
Que o deixâmos de todo convertido.

(Saem.)

SCENA V

AFFONSO DE ALBUQUERQUE só,

Lutar! Sempre lutar! Lutar sem treguas!
Rei e conselho; capitães, soldados;
Naturaes, inimigos, e vencidos;

Na paz, na guerra; em Portugal, na India;
Contra mim na requesta encarniçados!
Pelo rei mal co'a gente, e pela gente
Mal com o rei!... E mal com Deus por ambos!
Da India governador! Nome irrisorio!
D'este vasto Oriente o peso inteiro
Carrega sobre mim! E as minhas ordens
Contestadas por quantos eu govérno!
Até por meu censor este Timoja!
Oh! Se eu cingisse a c'rôa! Oh! por dois annos
De poder fielmente obedecido!
Dois annos! Só dois annos de realeza,
Para assentar do Estado os alicerces.
Sim! Um Estado, e não uma acolheita
De famintos chatins, e aventureiros.
—Um Estado que alargue o poderio
Do estreito Portugal, e dissemine,
Por toda a Asia, a religião de Christo.
Mas quem me entende? Quem me favorece?
Ninguem. Só! Só! No meio de inimigos!
Solitario na terra! Padecendo
A excommunhão da sympathia humana.
Inda se eu confortado da certeza
Que a minha obra seria proseguida!
Mas que! Talvez n'este momento embarque,
Em Belem, vice-rei com regimento
De destruir quanto eu tenho edificado...
Este o tormento!... Se eu largasse o banco
D'esta galé, onde agrilhoado eu rémo!
Oh! Desconcerto da alma em seus desejos!

Mais que o sepulchro, odeio esse repouso:
Do padecer derivo os meus alentos...
—Só o tempo presente nos pertence.
Não o desbaratar. E, no futuro,
Se a Maldade e a Cubiça destroçarem
Esta herança que eu tenho grangeado,
As ruinas bradarão pelo meu nome.
Emquanto houver de Portugal noticia,
O Mundo ha de saber da minha historia.
Juizo do porvir! Esse é inteiro:
Confio a minha memoria á sua guarda.

SCENA VI

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, FREI DOMINGOS
DE SOUSA

FREI DOMINGOS, entrando do lado esquerdo

A graça do Senhor seja comvosco.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Que Deus vos retribua, Frei Domingos.
Vindes da nau? Dae-me noticias d'ella.

FREI DOMINGOS

Vem mui desbaratada. Na viagem
Mais de metade falleceu dos homens:

Dos outros a mór parte vêm doentes.
Morreram sete dos meus doze frades.

(Entrega-lhe um maço de papeis lacrado.)

Aqui entrego a Vossa Senhoria
As provisões d'el-rei sobre o mosteiro
Dominicano, que eu lhe supplicára
A mercê de fundar; e tambem outras
Sobre um recolhimento para freiras
E infieis convertidas...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Frades! Freiras!...
Padre, parece-me inda muito cedo
Para fundar conventos... Frades! Freiras!...
Do que eu preciso agora é de soldados,
De armas e de navios.

FREI DOMINGOS

Nas conquistas
Mais o affecto captiva dos vencidos
Um só frade, que todos os soldados.
Julgaes vós os imperios cimentados
Pelo terror e pela força?—A força,
Quanto mais violenta, mais caduca.
Dominio permanente é só aquelle
Que a intelligencia e o coração acceitam.
Deus sabe que futuro nos aguarda:
Mas sabei que a semente do evangelho,

Que na India semearmos, creará raizes,
Mais que os vossos castellos, duradoiras.
E, por ventura, quando pelo tempo
Varrido todo o rasto da conquista,
Seja o unico padrão dos vossos feitos
A cruz sobre as igrejas levantada.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, lança com desdem sobre a mesa o maço das provisões

As provisões d'el-rei serão cumpridas...
Mas freiras! De que servem na India as freiras?

FREI DOMINGOS

Ignoraes vós do ceu os beneficios
Que grangeia a mulher religiosa?
Perante o altar, de Christo a desposada
Renega a escravidão do lodo abjecto,
Opprobrio e prisão do seu espirito:
Com os anjos contende na pureza;
As suas vozes são canticos e preces;
O jejum e o cilicio os seus deleites;
Nas suas obras revê-se a caridade.
Perguntaes de que servem na India as freiras?
Servem á oração e á penitencia.
Servem a propiciar a Divindade
Ao triumpho das armas portuguezas.
Servem a desarmar a sua colera
Contra os vossos, e contra os meus peccados.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Mas, aqui, onde achaes vós essas freiras?
Onde as ides buscar?

FREI DOMINGOS

Ás infelizes
Que a guerra condemnou ao captiveiro.
O claustro é o refugio da desgraça:
É o asylo sagrado e inviolavel,
Que assegura a fraqueza e a innocencia
Contra o escarneo e as violencias do malvado.
Entre as mouras, de quem me encarregastes
A catechese, uma ha cujas desditas
Só no mosteiro encontram lenitivo.
Fátima...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Fátima! Essa é impossivel.
O Hidalcão me reclama o seu resgate,
E eu já lh'o prometti.

FREI DOMINGOS

Promessa nulla!
Não podeis prometter iniquidades.
Á perdição quereis votar a sua alma?
Não quereis que o baptismo a sanctifique?
E vós, de Christo filho e cavalleiro,
Vós mesmo a mergulhaes por vosso braço
Nas torpezas da crença mussulmana?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Mas, padre, reflecti que da recusa
De novo poderá surgir a guerra.

FREI DOMINGOS

No juizo divino, quanto peza
A guerra a par de uma alma convertida?
Antes, dos ceus caíndo o sol e os astros,
No chaos se espedace o Universo,
Que para Deus perdida uma só alma.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Fátima ainda não é christã... Comtudo
Eu primeiro ouvirei os seus desejos.
Ide, e chamae-a aqui.

(Frei Domingos sae pela direita.)

SCENA VII

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, só

Quanto é difficil,
Nos meandros d'este espesso labyrintho,
Atinar o caminho da verdade!
Decidir sobre a paz ou a conquista;

Estender as missões e as descobertas;
Estrangeiro, reger povos vencidos;
Capitão, soffrear os vencedores;
Com escassos soldados combalidos
Conter, pelo terror das represalias,
O gentio feroz do Oriente immenso...
Onde a bussola e a estrella guiadora
Do espirito engolfado n'este vortice?
Por vezes tortuosos os meus passos.
Mas, se a nau do tufão é açoitada,
Por ventura obrigado o mareante
A singrar do seu rumo em direitura?...
E, todavia, pungem-me incertezas...
Mas, em mim, qual a lei do julgamento?
Será a mesma, a que sujeito o homem
Que vive em quietação no lar domestico?
Essa lei para mim, cujo caminho
Tenebroso e por entre precipicios?
Se eu n'elle fraquejasse, em dó e cinzas
Portugal choraria a sua ruina...
Oh! Dura a condição de quem escravo
Da ambição do renome! Venturosos
Aquelles que, ao torrão patrio arreigados,
Deslisam mansamente pela vida!
Mal de mim! Que escolhi por patrimonio
Tormentas, destruições, carnificinas,
Das armas o furor!... E, agora, o espirito
Só pelo mando me flammeja ainda:
Se lh'o roubam... é tempo de acolher-me
Sob as lages da igreja.

SCENA VIII

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, FREI DOMINGOS DE SOUSA, FÁTIMA

FÁTIMA, a Albuquerque

Sois piedoso
Senhor: que não negaes vossa presença
A uma escrava...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Dizei a vossa escolha:
Seguir o embaixador que vos reclama,
Ou professar a santa lei de Christo.

FÁTIMA, a Frei Domingos

Padre, a vós me confio. Eu abandono
A minha antiga crença e a minha gente.

FREI DOMINGOS

Louvores ao Eterno, que revela
Os milagres da sua misericordia
Na vossa conversão.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, a Frei Domingos

Padre, é a guerra
De novo accesa.

FÁTIMA

A guerra! Oh! Fatal sina!
No meu rasto caminha o infortunio.

(A Albuquerque.)

Senhor, vós, que sois grande e poderoso,
Dos fados quebrantae a crueldade.
Perdoae a Ruy Dias. Elle innocente,
Eu só a criminosa. Da vossa ira
Sobre mim só descarregae os golpes.
O supplicio, a que vós o condemnastes,
Em mim o executae. Se vós soubesseis
O meu padecer! Para mim a morte
É o fim do penar! É o repouso.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, a Frei Domingos

Agora, frei Domingos, eu comprehendo
D'esta mulher a conversão. Não fôram
Vossas predicas, não. Se tal cuidastes,
Caístes no peccado da vaidade.
A sua conversão é uma astucia
Para o seu cumplice livrar da morte.
E assim nos illudia.

FREI DOMINGOS

A Providencia
Tambem do coração faz instrumento.
Não zombeis dos caminhos, que ella escolhe

Para dar cumprimento aos seus designios.

(A Fátima.)

Filha, na vossa fé eu acredito.

FÁTIMA, a Albuquerque

Crêde-me vós tambem, senhor. Sincera
Na vossa religião a minha crença.

(Prostra-se de joelhos.)

A morte para mim! E piedade,
Senhor! Piedade para Ruy Dias!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, em tom ferino e vingativo

Nunca!
O teu amante ha de morrer na forca.

FÁTIMA, erguendo-se

Oh! Malvadez! E d'este deshumano
Eu me rojei aos pés! N'elle esperava
Mover a compaixão com meus gemidos!
Compaixão! Para as feras carniceiras
O padecer alheio é um deleite!...
Mas do monstro eu expurgarei a terra.

(Tira um punhal do seio, e corre sobre Albuquerque. Frei Domingos interpõe-se entre os dois. Albuquerque conserva-se impassivel.)

FREI DOMINGOS

Fátima, o que fazeis? Que horrivel crime!

(Tira-lhe o punhal da mão.)

FÁTIMA, a Albuquerque

Espirito maligno em fórma humana!
Eblis jazeu com tua mãe:—do inferno
És filho! Algoz do misero Oriente!
Á vingança de Allah eu te dedico.
Sobre tua cabeça cáia o sangue
Que tens vertido! E as afflicções e as lagrimas
Das victimas do incendio e da rapina!
Nos annos de velhice que te restam,
Cáia sobre ti quanto mal tens feito!
Morras aborrecido e deshonrado!
E longas da tua morte as agonias!
Os teus ossos malditos ao monturo,
E o teu nome á execração dos seculos!
(Sae pela direita.)

SCENA IX

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, FREI DOMINGOS DE SOUSA

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, que se conservou por algum tempo embebido em meditação

As maldições, dictadas pela raiva,
Revertem sobre quem as pronuncia.
Vêde, padre, os applausos que recebem
Os que põem o seu fito na justiça.

FREI DOMINGOS

A justiça! onde a vêdes sobre a terra?
Nas prisões, no desterro, no patibulo;
—Suando em sangue, de espinhos coroada,
E pregada na Cruz sobre o Calvario...
E a vós, que a invocaes, eu vos pergunto:
Ante Deus attestaes que, na sentença
Contra Ruy Dias, sómente consultastes
Os dictames singelos da justiça?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

De mim vós duvidaes! Um juramento!
Fallaes com ousadia! Esquecestes
O acatamento á minha auctoridade!

FREI DOMINGOS

Sois meu governador, e não o esqueço.
Mas o habito, que eu visto, vos proclama
Que renunciei ao mundo e aos seus respeitos:
Que a verdade reside nos meus labios:
Que, de homem, só conservo a consciencia.
Quizera ser-vos grato. Mas eu tremo
Da sentença contra o impio sacerdote:
—Hypocrita, d'esse habito sagrado
O rebuço fizeste da mentira,
De mascara serviu-te o evangelho,
Sê reprobo por toda a eternidade.
Tudo vos devo, excepto a consciencia:

E aos vossos anteponho os seus mandados.
Se obedecendo ás leis, limpo de fraude,
E com santo terror de um desacerto,
Exerceis do Creador a potestade
De morte sobre a sua creatura,
Elle a vossa sentença ratifica.
Mas, se usurpaes a sua soberania,
Movido da paixão ou da maldade,
Ai de vós, que infamaes o Todo-Justo!
Ai de vós! Que a balança falseada
É a abominação do Senhor...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, com furia

Frade!

(Reportando-se.)

Em attenção ao vosso ministerio
Vos escutei... Cessae... Correis o risco
De acompanhar o vosso protegido
Não por seu confessor,—mas condemnado.

FREI DOMINGOS

O martyrio! É o fim do missionario.
Portugal não deixei, e o meu convento,
Para aqui residir entre vós outros.
Vim prégar o evangelho ás gentes da Asia.
Só por amor de vós, e por instancias
Vossas, senhor, me tenho demorado.
Agora que chegados outros padres,
Elles fiquem, que eu vou ao meu destino.
Lá, por ventura, entre os infieis me aguardam

A corôa e as palmas do martyrio.
De vós — bemdito Deus! — não o receio:
Sois christão, portuguez e grandioso.
Oh! mas tomae em bem os meus avisos,
Bem sabeis que dictados pelo affecto.
Breve passam vaidades d'este mundo.
A gloria! Vêde aquelle honrado velho,
Dom Francisco de Almeida, victorioso
Das frotas de Cambaya e do Egypto,
Morrer, em retirada, ás mãos dos cafres!
E lá jaz, sob o areial, o seu cadaver.
Favor do rei! Olhae Duarte Pacheco
Em ferros no castello de Lisboa!
Só os actos, que approva a consciencia,
São bens eternos.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Sim!... Dizeis verdade.
O vosso pensamento, remontado
Ás celestes regiões, recto avalia
Das tarefas humanas a baixeza.
Feliz vós! Que avançaes com segurança
Pelas quebradas e alcantís da vida,
Onde nós vagueâmos, sem baliza,
Com as carnes rasgadas nos penhascos...
Emquanto a Ruy Dias, se vos parece
A pena demasiado rigorosa,
Talvez eu possa...

(Ouve-se dentro um grande ruido de vozes.)

Que tumulto é este?

SCENA X

OS MESMOS. PERO DE ALPOIM, e logo atrás d'elle AYRES DA SILVA, BERNARDIM FREIRE, FERNÃO PERES, e os outros sete conjurados. Para o fim da scena, JOÃO RAMIRES.

PERO DE ALPOIM, a Albuquerque

Ayres da Silva, Bernardim Freire e outros
Não recebem de mim as vossas ordens,
E pretendem aqui entrar de força.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, aos conjurados que vêm entrando

Entrae, senhores. De importancia grave
O negocio a que vindes, quando as portas
Forçaes d'este aposento.

PRIMEIRO FIDALGO, á parte para outro

Que é da Moura
Que o Timoja nos disse estar com elle?

SEGUNDO FIDALGO

Fugiu provavelmente quando entrámos.

PRIMEIRO FIDALGO

E o que está este frade aqui fazendo?

SEGUNDO FIDALGO

O frade é o terceiro dos amores.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, aos conjurados
que estão visivelmente perplexos

Fallae, pois. Porque assim alvoroçados?
Ha traição na cidade? E os exercitos
Do Hidalcão se avizinham das muralhas?
Ou tivestes rumor de alguma armada
Que o Turco contra nós envia, e vindes
Avisar-me, e offertar vossos serviços?
Fallae, que eu vos escuto.

AYRES DA SILVA

Não sabemos
De perigo que agora nos ameace.
Se o houvesse, assás vos temos já provado
Que sempre nos achaes obedientes.
E como trataes vós a taes soldados?
Ora o vemos na sorte de Ruy Dias.
Por uma leve culpa de mancebo,
Á forca condemnaes um cavalleiro!
Mas tendes vós d'el-rei sobre os fidalgos
Alçada de castigo até á morte?

Não o cremos. Mostrae-nos os poderes
Que tendes sobre nós!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Em som de guerra
Vindes, pois, contra mim! —Ayres da Silva,
Conheci vosso avô: — leal e bravo
Em Ouguella foi morto, pelejando
Para expulsar do reino os castelhanos.

(A outro Fidalgo.)

E o vosso avô tambem, Duarte de Almeida,
—Que de tres gerações eu já sou velho: —
Foi o alferes que em Tóro desfraldava
A bandeira real: arremessando-se
Na espessura das lanças inimigas,
Succumbiu, de feridas retalhado;
Mas ao peito estreitando o estandarte,
Só nas mãos decepadas lh'o arrancaram.
Bernardim Freire, em vosso escudo a banda
Vermelha, com as serpes, apregoam
Que em batalhas campaes se assignalaram
Vossos antepassados.

(Dirigindo-se a todos os conjurados.)

Cavalleiros
Sois todos. Vossa espada foi benzida,
E a Deus e ao rei por vós foi consagrada.
E sois vós que faltaes á lealdade!
Vós que, em terra de infieis e de inimigos,
Vos alçaes contra mim, o vosso chefe,

Do vosso rei tenente, e a quem na India
De Portugal confiados os destinos!
Contra o rei levantados...

AYRES DA SILVA

Levantados,
Nem contra o rei, nem contra vós, o somos.
Cremos que exorbitaes da vossa alçada:
—Que el-rei nenhum direito vos concede
De condemnar á forca um homem nobre.
Vós quebrantaes com deshumano arbitrio
Nossos fóros. Assim vos intimâmos
Que nos mostreis o vosso regimento.

FREI DOMINGOS, a Ayres da Silva

Meu senhor, moderae-vos nas palavras,
Não violeis o preito que jurastes...

AYRES DA SILVA, com altívez

Frade, nós somos nobres e soldados,
Melhor que vós sabemos os dictames
Do pundonor.
(Frei Domingos faz menção de querer replicar.)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Silencio, Frei Domingos.
(Aos conjurados.)
Impossivel, portanto, revocar-vos

Aos sentimentos do dever e da honra.
Renitentes na vil aleivosia,
Ao vosso capitão tentaes violencia!
Contra o Governador, que vos exhorta,
Contra mim apontaes aquellas armas,
Que vos foram cingidas em defeza
Da fé santa e da terra em que nascestes!
Insensiveis á voz da lealdade,
Ultrajaes, com doestos e ameaças,
Do rei de Portugal o delegado!

(Com energia e auctoridade.)

Baixae ás enxovias do castello:
Ali esperareis pelo castigo,
Que a justiça ordenar ao vosso crime.

(Pausa. Os conjurados permanecem immoveis.)

Se não me obedeceis n'este momento,
Rebeldes e traidores vos proclamo!
Réus convictos de lesa-magestade!
Portuguezes não sois! Sois renegados,
Que me cumpre destruir com esta espada!

(Desembainha a espada.)

Pero de Alpoim, sereis o meu alferes:
Ante o Governador hasteae as Quinas.

(Pero de Alpoim toma da banqueta o estandarte das Quinas, e colloca-se, com elle desfraldado, um pouco adiante e ao lado de Albuquerque. Á vista d'elle, os conjurados, alguns dos quaes tinham já levado a mão ao punho da espada, ficam como que assombrados.)

BERNARDIM FREIRE, a Ayres da Silva

Desisti. Morrer antes em tormentos
Que pelejar contra o pendão sagrado.
Demo-nos á prisão, como elle manda.

FERNÃO PERES, a Albuquerque

Senhor, nunca tivemos por intento
Desacatar a vossa auctoridade.
Viemos a rogar-vos pela vida
De Ruy Dias.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Baixae ao calabouço:
Á justiça dareis vossa defeza.

AYRES DA SILVA, fitando os olhos no estandarte

De Portugal ó Quinas veneradas,
A vós eu obedeço,—e não a este homem.

(Elle, e os demais conjurados, dirigem-se a saír pela direita. Pouco antes João Ramires tem apparecido d'esse lado.)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, a Ramires

Capitão, encerrae esses rebeldes,
Nos pés e mãos cada um agrilhoado.

(Os conjurados e Ramires saem.)
(A Frei Domingos.)

Frade, a indulgencia gera a indisciplina.
Nos claustros do convento não se aprendem
Nem artes do governo, nem da guerra.
Deixae essa tarefa aos entendidos.
Padre, rezae o vosso breviario.

ACTO QUINTO

A COLERA DE AFFONSO DE ALBUQUERQUE

A casa de despacho de Affonso de Albuquerque. — Á direita uma poltrona de couro cravejado, e uma larga banca coberta de papeis, com pennas e tinteiro. — Á esquerda uma porta. De cada lado d'essa porta uma panoplia: a do lado direito encimada de um guião de damasco branco com a Cruz da Ordem de Christo; a do lado esquerdo encimada pelo brazão de armas de Albuquerque, tal como se vê sobre o retrato do mesmo nas *Lendas da India* de Gaspar Correia. — No fundo, ao centro da parede, um vão de portada, que abre para um eirado, e de cada lado d'esse vão uma janella de peitoril. Suspensos n'essa parede, nos lanços intermedios, dois grandes mappas: o da esquerda representando o roteiro de Lisboa a Goa; o da direita um planispherio d'esse tempo.—As paredes são colgadas de pannos de raz. Sobre as paredes lateraes estão suspensos quadros de pintura de naus, com o seu nome em rotulo: — *Garça, Bota-fogo, Frol-de-la-mar, Frol-de-Rosa, Cyrne, Santa Clara,* etc.; e desenhos das fortalezas de Goa, Ormuz, Malaca e Cochim. — Em differentes sitios cartas de marear, astrolabios, balestilhas, bussolas, compassos.

SCENA I

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, PERO DE ALPOIM, DIOGO MENDES DE VASCONCELLOS, o Mestre dos calafates, o Piloto-mór, o Capitão de Goa.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, sentado á banca,
ao mestre dos calafates

Mestre, é preciso adiantar trabalho.
Em fevereiro, o mais tardar, saímos
Ao mar. Ajustae, pois, mais calafates,
—Quantos houver em Goa,— e carpinteiros.
Eu preciso uma armada apparelhada,
Onde possa embarcar quatro mil homens.
Ide.

(O mestre dos calafates corteja e sae.)
(Ao piloto-mór.)

Piloto-mór, o vosso mappa
Da costa arabica e do golfo persico
Deu-me grande prazer. Notei á margem
Ementas que eu tirei do meu roteiro.

(Dá-lhe o mappa.)

De duzentos pardaus mercê vos faço
Pelo vosso lavor: na feitoria
Os cobrareis por este meu escripto.

(Entrega-lhe um papel. O piloto mór corteja e sae.)

(Albuquerque levanta-se, e toma á parte o capitão de Goa, a quem falla em segredo.)

É mui provavel que, na minha ausencia,
O Hidalcão venha em guerra sobre Goa.
Ninguem ainda suspeita este successo,
E nem eu o desejo divulgado.
Mas a recusa de entregar ao Mouro
Uma prisioneira convertida,
Que o seu embaixador de mim reclama,
Torna impossivel o ajustar as pazes.
A lucta será dura e porfiada.
Nada, porém, receio, pois vos deixo
Aqui por capitão.—É conveniente
Preparar desde já a resistencia.
Hoje, se vos apraz, iremos juntos
Da ilha examinar passos e baluartes.
Eu vou já... não, logo depois da missa:
Esperae-me á saída da igreja.

(O capitão corteja, e vae para saír.)

Ah! esquecia dizer-vos que hoje a missa
Ao meio dia,—e não em Santa Catherina,
Mas de Nossa Senhora na capella.

(O capitão sae.)
(A Diogo Mendes.)

Senhor Diogo Mendes, sem detença
A descarga fareis das naus do reino.
Sua Alteza encommenda-me presteza
No despacho da armada. Conjecturo

Que o thesouro é vasio de dinheiro,
E requer provisão de especiarias.

DIOGO MENDES

É verdade, senhor. Muito se gasta
Nas obras de Belem e da Batalha:
E a fazenda soffreu grande vasante
No casamento da senhora infanta
Dona Beatriz.—Assim deis vossas ordens
Ao feitor de Cochim, que me prepare
Carga avultada, de que el-rei contente.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Descansae. Já nos armazens a carga,
E só por vós espera. É avultada,
Segundo a nota que o feitor me envia.
Aqui a devo ter, essa nota.

(Procura sobre a mesa entre os papeis.)

Eil-a.

(Olhando para a nota.)

Trinta e dois mil quintaes os da pimenta:
De cravo são quintaes mil e duzentos:
De canella duzentos: de gengivre
Dois mil trezentos: os da noz moscada
Setecentos cincoenta: drogas e almécega
Sessenta.

(Poisa a nota sobre a mesa.)

D'esta viagem Sua Alteza
Não terá contra mim razão de aggravo.
A carga é copiosa.—Um matelote,
Natural da India, levareis comvosco,
De feia catadura e monstruoso,
Mas que espero dará gosto a Sua Alteza.

DIOGO MENDES

E quem é elle?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

É um rhinoceronte.
—Entregarei tambem á vossa guarda
Uma offrenda de joias para a Rainha,
Minha senhora, a quem devo... A seu tempo
Estas lembranças. O que importa agora
É que á descarga deis aviamento.

DIOGO MENDES

A isso vou já, se Vossa Senhoria
De mim não determina outro serviço.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, despedindo-o com uma cortezia

Ao de Vossa Mercê sempre obrigado.

(Diogo Mendes sae.)

(A Pero de Alpoim.)

Para estes capitães das naus do reino
Toda a India se resume em grossas cargas.

(Medita por alguns momentos.)

Muito me faz scismar que n'esta armada
Nenhuma carta me escrevesse o Conde
De Villa Nova... Se tambem me falta
Esse valioso amigo! E sem defeza
Me deixa, no conselho, aos meus contrarios...
Não vos parece estranho?

PERO DE ALPOIM

Creio provavel,
Que o Conde vos mandasse as suas cartas
Em naus que se perderam na viagem.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Talvez.—E Ruy de Pina, a quem, por brinde,
Enviei uns preciosos diamantes,
D'elle tambem não recebi noticia.

PERO DE ALPOIM

Ruy de Pina, o chronista?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Sim, o mesmo.

(Com um sorriso.)

Chronistas são pintores, que retratam

Os nossos feitos. E eu de sombrias côres
Não quero o meu retrato denegrido.

(Vae a uma das janellas, d'onde por algum tempo olha para fóra.)

Pero de Alpoim, é a hora designada
Para ser justiçado o criminoso.
Vejo a forca e o algoz; mas onde os padres?

PERO DE ALPOIM

A est'hora, reunidos no Terreiro
Da Fortaleza, o pregoeiro e os padres,
E da Misericordia a confraria,
Só aguardam por mim, para levarmos
Á morte ignobil o infeliz Ruy Dias.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Contricto recebeu os sacramentos?

PERO DE ALPOIM

Com mui devoto e mui sereno espirito.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Ide, pois. Abreviae ao padecente
Os transes da agonia.

PERO DE ALPOIM

Irrevogavel
De Vossa Senhoria o julgamento?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Bem o sabeis: — e a prohibição expressa
De me fallarem mais em tal assumpto.

PERO DE ALPOIM

Não ignoro, que tendes recusado
Audiencia a quantos vos traziam supplicas
Pela vida de Ruy Dias. — Funesta
Ao mancebo a imprudencia, praticada
Hontem por seus amigos!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Imprudencia
Lhe chamaes vós! Dizei aleivosia.
Contra o Governador de mão armada!
Sem o favor do Ceu, hoje á igreja
Levarieis meu corpo amortalhado.

PERO DE ALPOIM

Eu, senhor! Deshonrado eu seguiria
O vosso sahimento! Tão somenos
Não sou. Se contra vós elles tentassem,
Só vos alcançaria a sua espada
Atravez do meu peito.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Fiel amigo!
Conheço a vossa fé inquebrantavel.

PERO DE ALPOIM

Mas nem vós ameaçado, nem ensejo
Para mim de ganhar vossos louvores.
Mancebos levianos vos fizeram
Requerimento em termos descortezes:
Quando advertidos, logo obedeceram,
E deram-se á prisão sem resistencia.
E agora que, vingada a auctoridade,
Ninguem mais ousará um desacato,
Seria digno da vossa alma grandiosa
O perdoar a Ruy Dias.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Impossivel.
É preciso um exemplo assignalado.

(Pausa.)

PERO DE ALPOIM

De ambição me julgaes talvez fallido,
Porque me achaes sempre obediente e mudo.
Enganaes-vos: eu sou ambicioso.
Mas conheço, que o meu humilde engenho
Incapaz de medir a vossa altura;
E odeio a ignorancia presumptuosa,
Que altiva vos affronta nos designios.
Eu prézo o lustre de meu nome, e almejo
Que elle seja lembrado dos vindouros.
Para o salvar do olvido, eu o entrelaço
Do vosso na memoria immorredoura.

Vêde, pois, quanto eu zélo a vossa gloria.
Não receiaes, senhor, que no futuro,
Quando a historia recorde os vossos feitos,
Seja o sol das victorias assombrado
Pela forca n'aquella praça erguida?
Na vossa fama não receiaes as nodoas
De sangue de um valente cavalleiro?...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Punir o crime é o dever supremo
De quem rege um imperio. O timorato,
O turvado de escrupulos e biôcos,
Põe em perigo a salvação do Estado
Para conforto do imbecil espirito.
Tal homem não sou eu.

PERO DE ALPOIM, enleiado

O vosso acerto
Eu nunca disputei.

(Depois de algum tempo de reflexão.)

Frequentes vezes
Tem Vossa Senhoria declarado,
Que aos meus serviços galardão devido
Não deu ainda.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

É verdade, e eu me envergonho
De vos ter descurado a recompensa.

PERO DE ALPOIM

Julguei-vos té agora encarecido
Na estima de meus meritos; mas hoje
Acceito o vosso computo, e por unica
Paga vos peço a vida de Ruy Dias.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Não vos sabia tão affeiçoado a elle.

(Conserva-se algum tempo silencioso.)

Estranho o vosso empenho: todavia
Não se dirá de mim, que desattendo
As rogativas de um leal amigo.
Ide, e formae ao condemnado o prestito,
Como se o houvesseis de levar á forca:

(Á parte.)

Ha de elle ao menos amargar o susto.

(Alto.)

E quando todos promptos no Terreiro,
E a ponto de saír da Fortaleza,
—Mas que ninguem suspeite este concerto —,
Alto dizei: —que tentareis ainda,
Antes de elles se pôrem a caminho,
Um derradeiro appello de clemencia
Ante o Governador. E vinde acima,
Que me achareis aqui. Um testemunho

Vos quero hoje dar, publico e estrondoso.
De quanto a vossa devoção me obriga.
Fazei como vos mando.

(Pero de Alpoim sae.)

SCENA II

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, só

Por que causa,
Em favor de um mancebo sem valia,
Contra mim todos elles se bandeam?...
Porque é joven... Imagem da esperança,
A juventude inspira a idolatria.
Juventude, florída primavera!...
A velhice é uma arvore caduca...
Mas que assim me aprouvesse, e eu despedaço
Todos esses risonhos attractivos!...
Eu sou o juiz, e elle é o criminoso:
O perdão estimula a rebeldia...
Embora! Quem apreciou, seguro
Da verdade, os arcanos do seu peito?
Quanta vez, sob as aguas espelhentas,
Se escondem revoltosas travessias!...
Seja! Escreverei, como elles querem,
A carta de perdão!

(Senta-se á banca a escrever.)

SCENA III

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, ANTONIO DA SILVEIRA, joven imberbe.

ANTONIO DA SILVEIRA

Podeis dizer-me
Onde o Governador se encontra?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, sem levantar mão da escripta

Agora
Não vos posso attender. Vinde mais tarde.

ANTONIO DA SILVEIRA

Para o Governador tenho negocios
De urgencia.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Esperae.

(Continúa escrevendo.)

ANTONIO DA SILVEIRA, á parte

Urso do mato!
É muito descortez este velhote:
É algum escrivão ou secretario.
Officiaes são sempre engrimponados.

Quando em Lisboa fui assentar matricula
Na casa da India, achei-os de igual feitio.
Parece que traziam o rei no papo.
Não são assim os naturaes de Goa:
Desde o caes até-qui, pelo caminho,
Não encontrei cabeça com turbante
Que ante mim não baixasse té aos joelhos.
Nunca me vi tão honrado. É costume?
Ou pelo vice-rei me tomariam?

(Olha em volta da casa, e observa o mappa, suspenso na parede, que representa o roteiro de Lisboa a Goa.)

Eis da minha viagem a derrota!
Quanto mar eu passei! O mar das Indias,
—Moçambique,—o terrivel Promontorio,
—O Equador,—Cabo Verde,—e ali o Tejo.
—Lá está Santarem! Oh! que saudades!
Não me esqueço de ti, ó minha terra!
Por penhor de lembrança, tu me guardas
A adoravel Leonor...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, tocando-lhe no hombro

Mancebo, o vosso
Negocio dizei.

ANTONIO DA SILVEIRA

O meu negocio
Com o Governador, e não comvosco.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

É o mesmo. Dizei.

ANTONIO DA SILVEIRA

Não é o mesmo:
Levae-lhe vós o meu recado.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Viestes
Na nau hontem chegada?

ANTONIO DA SILVEIRA, á parte

Que maneiras
De Roldão! Deve ser o secretario.
(Alto.)
É verdade, na nau hontem chegada.
Quiz logo vir a terra, mas no fundo
Do porão a minha arca, que continha
Importantes papeis, e sómente hoje
Os pude haver á mão...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Foi boa a viagem?

ANTONIO DA SILVEIRA

Muita fome, doenças, e desfeitos
Temporaes. Ao dobrar o Cabo, estala

Tão rija sobre nós a tempestade,
Que sem rumo corremos á ventura.
Quando o tempo amainou, vimos a terra.
O capitão dizia que era Mascate,
O mestre da nau, que a ilha de Sumatra,
Por Ceylão o piloto porfiava.
E o piloto acertou. Mas, renitente
No seu dizer, o capitão vaidoso,
E intromettendo-se em mister alheio,
Fez-nos voltar ao sul. Em poucos dias
Tanto o gelo e o frio, que os marinheiros
Não podiam marear a nau...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Que dizem,
Em Portugal, de Affonso de Albuquerque?

ANTONIO DA SILVEIRA, com enthusiasmo

Um grande capitão! Ao despedir-me
Disse meu pae: vaes ver outro Alexandre,
Grande como o primeiro.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

O vosso nome?

ANTONIO DA SILVEIRA

Antonio da Silveira.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

E á India vindes
Por gloria?

ANTONIO DA SILVEIRA

Por paixão: sou muito pobre
Para Leonor.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, rindo

Mal empregaes o affecto
Em mulher cubiçosa.

ANTONIO DA SILVEIRA

Cubiçosa!
Ella! Oh! É uma candida açucena.
De seus paes a recusa ao casamento.
Afflicto fui contar as minhas maguas
A um fidalgo de grande poderio,
De quem sou afilhado. O seu conselho
Foi que eu viesse para a India, onde elle
Com o Governador tinha valia.
Perante o céu Leonor fez juramento
Que esperaria por mim até á morte.
E eu as offertas acceitei do Conde...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

O Conde? Qual Conde?

ANTONIO DA SILVEIRA

O de Villa Nova,
Que é meu padrinho. D'elle trago cartas
Para o Governador.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Dae-me essas cartas.
Porque não o dizieis? Entregae-m'as
Já.

ANTONIO DA SILVEIRA

Não a vós. Que me ordenou o Conde
Só ao Governador as entregasse.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

O Governador sou eu.

(Antonio da Silveira olha com espanto para Albuquerque, descobre-se, tira do seio um maço de cartas, que lhe entrega com profundo acatamento.)

ANTONIO DA SILVEIRA

D'este engano
Sua Senhoria me perdôe a culpa.

(Albuquerque abre com avidez o maço. Silveira retira-se para o eirado, onde desapparece.)

SCENA IV

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, só

Sem rasão suspeitava o honrado Conde
De me ter esquecido.

(Depois de ter lido uma das folhas do maço.)

Vacillante
A vontade do rei a meu respeito.
A Rainha e o Conde me defendem;
Mas o Barão de Alvito, que me odeia,
Não cessa contra mim suas intrigas.
Cortezão, que só vales pelas artes
De illaquear o throno nas tuas redes,
És tu que, nos saraus e nos banquetes
Dos palacios da Alcaçova e de Cintra,
Malsinas o soldado, cuja vida
É o baldão da guerra e das tormentas!

(Abre e percorre em silencio uma outra folha.)
(Lendo alto.)

«Sobretudo a el-rei muito abalaram
«Certos capitulos d'ahi mandados,
«Cujo traslado vos remetto incluso.»

(Fallando.)

Vejamos os capitulos.

(Desdobra um outro papel.)

São longos.

(Lê alto, e a espaços interrompe-se como lendo para si.)

«Capitulo primeiro, onde mostramos
«Que a cidade de Goa deve largar-se...
«Segundo,—Affonso de Albuquerque gasta
«Vossa fazenda em brigas de guerrilha...
«Nunca arriscou na guerra a sua pessoa...
«Maltrata a fidalguia...—Quinto,—escarnece
«De vossos reaes mandados...—Affirmâmos
«Que Affonso de Albuquerque rouba o Estado...
«Dos reis da India dadivas e peitas...
«Não cuida na pimenta...—Em rebeldia
«Intenta levantar-se, e comsigo a India...
«Affonso de Albuquerque é um devasso
«Cevado nos deleites de Mafoma...

(Fallando com indignação e assombro.)

Que audacia no despejo e na mentira!
E haveria quem firmasse estas calumnias
Com a sua assignatura?

(Percorre o papel.)

Eis os seus nomes.

(Lendo.)

«Manuel de Lacerda,

(Com intimativa.)

«Ayres da Silva,
«Bernardim Freire.»

(Fallando.)

Os que hontem me affrontaram!
Os caudilhos do bando conjurado
Em favor de Ruy Dias! Os seus amigos!
E eu que lhe perdoava! Ainda a tempo
Chega a noticia do conluio perfido.

(Toma de cima da mesa a carta de perdão, e rasga-a.)

Hoje vos mostrarei, que não me aterram
Nem as vossas ameaças, nem denuncias!
Que, emquanto eu governar, plebeus ou nobres,
Pagareis com a vida a rebeldia.

SCENA V

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, PERO DE ALPOIM, trajando uma béca de veludo preto, e com a vara branca da justiça na mão.

PERO DE ALPOIM

Ordenado a saír formei o prestito:
Agora que mandaes do condemnado?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Á forca.

PERO DE ALPOIM

Mas, senhor...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Levae-o á forca.

PERO DE ALPOIM

Esperanças me déstes de clemencia
Ha pouco.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Executae n'elle a sentença.

PERO DE ALPOIM

Mas considere Vossa Senhoria
A crueldade...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Á forca, vos repito.

PERO DE ALPOIM

Senhor...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Pero de Alpoim, obedecei-me.

PERO DE ALPOIM

Dae attenção, senhor, ás minhas supplicas!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, com um rugido de colera

Cumpri o vosso officio, ouvidor da India!
(Pero de Alpoim corteja e sae.)
(Albuquerque continúa a leitura das cartas.)

SCENA VI

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, ANTONIO DA SILVEIRA, que entra do eirado.

ANTONIO DA SILVEIRA, *á parte*

Pareceu-me que ouvi um alto grito...
Foi illusão. Só elle aqui, e vejo
Que ainda está embebido na leitura.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, *tendo terminado a leitura*

Antonio da Silveira, haveis-me feito,
Trazendo estes papeis, grande serviço:
Por vos fazer mercê, e pelo Conde,
Desde hoje vos nomeio meu alferes.

(Senta-se á banca a escrever.)

ANTONIO DA SILVEIRA

Generosa em excesso a recompensa
De Vossa Senhoria. As mãos lhe beijo.

(Á parte.)

Ó Leonor, como serás contente,
Quando o souberes! Que feliz estreia!...
Tres annos... Em tres annos volto rico
A Portugal. A quinta dos Salgueiros

Compro para solar do meu morgado.
E tu, minha mulher, terás espelhos
De enfeite, cuvilheiras, escudeiros,
Brocados, alcatifas, e cavallos,
Monteiros e falcões... Oh! que ventura!
O amor é uma estrella de bons fados,
Boa dita é o destino dos amantes...

CORO DE PADRES, dentro

Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam.

(Ouve-se um floreio de trombetas.)

UM PREGOEIRO, dentro

Justiça que manda fazer Affonso de Albuquerque, governador da India, em Ruy Dias, cavalleiro, condemnado á forca por infiel á lei de Deus e á d'el-rei nosso senhor.

ANTONIO DA SILVEIRA, á parte

Á forca um cavalleiro!... O que faria?...
(Chega-se a uma das janellas e olha para fóra.)
Infeliz! E caminha tão seguro!
Mais afflicto parece o bom do frade
Em prantos e soluços...

CORO DE PADRES, dentro

Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum, et in peccatis concepit me mater mea.

ANTONIO DA SILVEIRA, continuando a olhar da janella

O que vejo!
Uma mulher correndo ao seu encontro!...
Procura romper... Cae desfallecida...
Lá a levam em braços d'entre o povo...
É moura pelo trajo... Agora entendo:
O amor é o teu crime, ó desgraçado!

CORO DE PADRES, dentro

Averte faciem tuam a peccatis meis, et omnes iniquitates meas dele.

(Um floreio de trombetas.)

PREGOEIRO, dentro

Justiça que manda fazer Affonso de Albuquerque, governador da India, em Ruy Dias, cavalleiro...

(Ouve-se dentro um alarido de vozes, seguido de um rufar de tambores e de uma descarga de artilharia. Antonio da Silveira desvia-se da janella com um gesto de horror.)

PREGOEIRO, dentro

Justiça que padeceu Ruy Dias, cavalleiro, de quem Deus se amerceie, e tenha a sua alma em gloria.

CORO DE PADRES, dentro

Requiem eternam dona ei, Domine. et lux perpetua luceat ei.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, levanta-se da banca.
e entrega um papel a Antonio da Silveira

Este o alvará que vos confere o cargo.
Dae-me a vossa mão.

(Toma entre as suas a mão direita de Silveira. Este ajoelha.)

Preito e homenagem
Me juraes? Quer irado, quer pagado,
Sempre fiel me sereis e obediente?

ANTONIO DA SILVEIRA

Esse preito e homenagem eu vos juro.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Assim Deus vos mantenha, se o fizerdes.

(Antonio da Silveira levanta-se.)

SCENA VII

OS MESMOS. PERO DE ALPOIM, fidalgos, padres, frades, a confraria da Misericordia com a sua bandeira, povo de Goa.

PERO DE ALPOIM, a Affonso de Albuquerque

Foi cumprida a sentença da justiça.
Á presença de Vossa Senhoria

Vem a Misericordia da cidade
Pedir o corpo de Ruy Dias,—a que ella
Dará christan e honrada sepultura.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

O que pedis, concedo de bom grado.

(Aos circumstantes.)

Pela alma, que ante o tribunal divino
Compareceu, rezemos ao Eterno.

(Descobre-se e põe-se em attitude de oração. O povo ajoelha.)

NOTAS AO DRAMA

ACTO PRIMEIRO

SCENA I

Não! não quero polluir-me com a vista
E contacto das carnes que elles comem.

Para as classes superiores da India é peccado o comer carne de qualquer animal. E para todas as classes, altas e baixas, é não só peccado, mas flagrante impiedade, o comer carne de boi ou de vacca. Mesmo o estar na presença de um europeu, que come esta carne, é não só um peccado, mas produz no indio sentimentos de grande repulsão.

O boi e a vacca são animaes sagrados e inviolaveis.

O que é agora uma superstição, teve a sua origem em sensata previdencia. Se não fosse assim, o boi, que é o seu grande auxiliar nos trabalhos da agricultura, e a vacca, que lhes fornece o seu unico alimento animal, — o leite e a manteiga —, viriam a ser exterminados por occasião d'aquellas fomes geraes, que periodicamente devastam a India.

SCENA II

O indio é da terra, e os moiros são de fóra . . .

A ethnographia do alabardeiro, se bem que nebulosa, como é natural em um homem da sua esphera, no fundo é exacta. Da Arabia, da Persia e da Tartaria vieram os mussulmanos, que, desde o principio do seculo xi, invadiram e conquistaram a India.

SCENA III

Vós não sois brahmane, nem eu fidalgo,
Vós sudra, e eu villão.

Pelo codigo de Menu todos os indios eram divididos em quatro grandes castas—os Brahmanes, os Shatrias, os Veisyas, e os Sudras, isto é, a casta sacerdotal, a militar, a industrial e a servil. Com o decorrer dos seculos, estas quatro grandes castas disparcellaram-se e subdividiram-se n'aquelle infinito numero de castas, com seus respectivos nomes, profissões e costumes exclusivos, que os portuguezes encontraram na India, e que ainda lá subsistem. Todas estas castas, porém, se filiam nas quatro grandes divisões primitivas.

Qual fosse, precisamente, o nome e a graduação da casta, a que pertencia Timoja, não o dizem, nem

provavelmente o sabiam os nossos chronistas; os quaes só nos informam que elle era de *baixo sangue*, e que foi essa uma das rasões por que Affonso de Albuquerque o destituiu do cargo, que primeiro lhe conferira, de Tanadar das terras de Goa. Os gentios soffriam mal o serem governados por um homem de casta vil. Timoja, portanto, pertencia a alguma das castas sudras.

A hierarchia inextinguivel e a insulação insuperavel das castas eram uma idéa tão avessa ao genio da civilisação occidental, que os nossos antepassados, que primeiro entraram na India, a não podiam conceber, e, por isso, commettiam erros, que por vezes lhes trouxeram consequencias funestas. Outras vezes o equivoco não passava de comico; como quando Duarte Pacheco, querendo recompensar alguns poléas (uma casta vil do Malabar) pela sua bizarria na guerra, insistia e expostulava com o rei de Cochim, para que os elevasse á classe de Naires. O rei de Cochim com muita difficuldade lhe fez comprehender, que similhante mercê transcendia todos os seus poderes.

SCENA V

Que formosa caravella!
Quem fosse o capitão d'ella!

Esta trova encontra-se na Tragicomedia — *Nau de Amores* — de Gil Vicente.

SCENA VI

> Não são estes
> Os que hão de descobrir a ignorada arte
> De tomar as alturas de leste a oeste...

O meio de achar a longitude no mar era uma das grandes preoccupações d'este tempo, não só dos sabios, mas tambem do commum da gente, como o indicam as allusões a este empenho, que se encontram nas Farças de Gil Vicente; por exemplo, na *Farça dos Almocreves:*

> Se vós podesseis achar
> As alturas de leste a oeste.
> . . . .
> Por aqui era o medrar.

O mesmo Gil Vicente nos dá conta de um facto engraçado que succedeu por este motivo. Em 1519 veiu a Portugal um certo Philippe Guilhem, castelhano, que teve artes de persuadir a D. Manuel, e a alguns astronomos da côrte, que elle tinha resolvido aquelle difficil problema. Por isso o rei lhe fez mercê de cem mil réis de tença, do habito de Christo, e da corretagem da casa da India. Mas sendo chamado do Algarve o mathematico Simão Fernandes, este convenceu o castelhano de charlatão, e mostrou a falsidade das suas pretensões. O castelhano quiz então fugir de Portugal, mas foi preso em Aldeia Gallega:

e, por essa occasião, Gil Vicente lhe dirigiu as chistosas trovas que se encontram no volume III das suas obras.

> E assim o praticastes
> Em escrever a nota dos capitulos
> Que Bernardim, Lacerda e eu mandámos
> A el-rei contra Affonso de Albuquerque.

El-rei D. Manuel, que era de genio versatil e desconfiado, tinha por systema o acolher, e até premiava com mercês, todas as informações que da India lhe enviavam contra os governadores. Este empenho e favor do monarcha davam ao que era uma verdadeira espiagem a côr de leal obediencia e zêlo do bem publico. D'ahi todos os capitulos accusatorios que tanta inquietação davam ao espirito sobranceiro e dominador de Affonso de Albuquerque; e que, incessantemente repetidos, sem duvida acabaram por lhe fazer perder a graça do rei. Como estes capitulos de aggravo são a causa final do desenlace do drama, transcrevemos o que a respeito d'elles Affonso de Albuquerque escrevia ao rei:

«Vossa Alteza me culpa, me culpa, me culpa em algumas cousas de cá da India feitas contra vosso regimento, e creio que será por má informação, que vos de mim darão algumas pessoas, que, com inveja e odio de meus feitos e meus serviços, vos servem agora cá, como meus competidores, danando as cousas de vosso serviço e de todo bem da India, cui-

dando que danificam a minha: e crede-m'o, senhor, porque esta é a maior praga, que agora cá ha na India, porque a vida que faço, meus trabalhos, e minha limpeza culpa todos os homens, e obriga-os a muito; e porque a carga é muito grande e não podem com ella, não podem soffrer a execução de meus regimentos e determinações, que nos traz mettidos a todos em tanto trabalho, perigo e fadiga que não ha official, nem capitão, nem homem na India que me não deseje morto mil vezes e destruido; e aquelles que, por seus carregos, me podem danificar e empecer por tal que dê má conta de mim, não cessam de noite e de dia cuidar n'esta materia, e pol-o em obra quando lhe vem á mão.»

Cartas de Affonso de Albuquerque, publicadas pela Academia Real das Sciencias, carta 31.ª

«A outra (rasão de ser recompensado pelo rei, como elle lh'o promettia), senhor, é os trabalhos e perigos que minha honra e o galardão de meus serviços passaram entre pessoas cheias de credito, auctoridade e cargos, invejosos de meus feitos, os quaes me sempre ajudaram como meus competidores, e vos informaram de cá como homens danadores da minha honra, que foi singular mercê de Deus poder-vos fazer um bocado de bom serviço, cercado de tantos inimigos, mais perigosos que aquelles com quem temos continua guerra por vosso mandado.»

Ibid., carta 97.ª

Ruy Dias — Mas elle é protegido da Rainha.
Bernardim Freire — E nós o somos do Barão de Alvito.
Ruy Dias — Mais que o Barão de Alvito vale o Conde
De Villa Nova, que é seu grande amigo.

«Ao qual (Lopo Soares) el-rei D. Manuel deu a governança da India a requerimento do Barão de Alvito, e outros do conselho que n'isso metteu, e isto pelo grande odio que tinha a Affonso de Albuquerque... Do que a rainha D. Maria não soube nada, senão depois de el-rei ter dado a palavra, do que ella houve grande paixão. e muito o contradisse... D. Martinho de Castello Branco, védor da fazenda, que depois foi conde de Villa Nova, e Pero Correia, veador da casa da Rainha, que eram grandes amigos de Affonso de Albuquerque, com a Rainha, tanto fizeram com el-rei, que dava vinte mil cruzados a Lopo Soares e que largasse a India. O que Lopo Soares queria fazer, mas o Barão lh'o não consentiu.»

Gaspar Correia, *Lendas da India,* parte I, vol. II, pag. 462.

Chegaram do Hidalcão embaixadores.

Yusuf Adil Khan, que se revoltou contra o seu suzerano do Dekan, e fundou o estado de Bijapur (Visapor, como lhe chamavam os nossos), assumiu com a dignidade real o titulo de Adil Shah, que elle transmittiu aos seus successores, e pelo qual são conhecidos nas chronicas orientaes todos os soberanos d'esta dynastia.

Mas como era aquelle Yusuf Adil Shah, o que reinava quando Albuquerque tomou pela primeira vez a cidade de Goa, e elle era vulgarmente conhecido pelo seu anterior appellido de Adil Khan, os portuguezes continuaram a chamar-lhe Hidalcão, e não só a elle. mas tambem a todos os seus successores.

SCENA VII

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Cabe aqui o transcrever o esboço, em que João de Barros aponta os principaes lineamentos do caracter de Affonso de Albuquerque, e que o drama rigorosamente lhe conservou.

«Affonso de Albuquerque era homem de compassada estatura, rosto alegre e gracioso: ao tempo que se indignava tinha um acatamento triste. Trazia sempre a barba mui comprida, depois que começou a mandar gente, e, como era alva, dava-lhe grande veneração. Era homem de muitas graças e motes, e em algumas manencorias leves no tempo de mandar soltava muitos que davam prazer a quem estava de fóra. Fallava e escrevia muito bem, ajudado de algumas letras latinas que tinha. Era sagaz e manhoso em seus negocios, e sabia enfiar as cousas a seu proposito. Trazia grandes annexins de dictos para comprazer á gente, segundo os tempos e qualidade de pessoa de cada um.

«Era mui fragueiro e rixoso, se o não comprazia qualquer cousa. Cansava muito os homens no que lhes mandava fazer por ter um espirito apressado. Foi de muita esmola, e devoto; no enterrar dos mortos elle era o primeiro. Nas execuções foi um pouco apressado, e não mui piedoso. Fazia-se temer muito aos mouros, e tinha grandes cautelas, para d'elles levar o melhor.»

Barros, Decada II, liv. IX, cap. VIII.

Ha de emfim aprender a differença
Entre um mouro de paz e um mouro em guerra.

«E dizia (Affonso de Albuquerque) que, assim como elle, á custa do sangue e trabalho dos portuguezes, guerreava os mouros, por que nos houvessem medo, que assim tambem, á custa de quem aos mouros amigos fizesse mal, os havia de conservar e fazer bons amigos com força de direita justiça, e um pouco sobeja, por que lhe não dessem trabalho.»

Gaspar Correia, *Lendas da India,* parte I, vol. II, pag. 402.

Se n'esta terra não guardaes justiça,
Fortalezas não ha que nos defendam!...

A alguns fidalgos que lhe observavam que os muros da fortaleza de Ormuz, que elle andava construin-

do, não eram sufficientemente fortes, respondia Affonso de Albuquerque:

«Estes muros, assim como vedes, se os guardarem com verdade e sem tyrannia, são tão fortes que sobejam; mas se n'estas terras se não guardar verdade e humanidade, a soberba nos derrubará quantos muros tivermos, por mais fortes que sejam. Portugal é muito pobre, e os pobres cubiçosos se converterão em tyrannos. As cousas da India fazem grandes fumos: hei medo que pelo tempo em diante o nome, que agora temos de guerreiros, se torne em tyrannos cubiçosos.»

Gaspar Correia, *Lendas da India*, parte I, vol. II, pag. 439.

SCENA VIII

— Sobre Meca e Medina o fogo e o sangue...

«E pois que hi ha muitos e mui bons cavallos na terra do Preste João, com a ajuda de Nosso Senhor ligeira cousa é quinhentos portuguezes a cavallo embarcarem em boas taforeas e caravellas, desembarcarem da outra banda de Judá (Djeddah) e correrem a Meca, que é um dia de caminho, e a queimarem e fazerem em cinza; e parece-me, senhor, tão leve cousa de acabar, que a hei por feita.»

Cartas de Affonso de Albuquerque, carta 57.ª

A respeito do projecto para a destruição de Medina, vejam-se os commentarios de Affonso de Albuquerque, parte IV, cap. VII.

Todos os demais feitos, projectos e pensamentos, que n'este monologo se attribuem a Affonso de Albuquerque, são igualmente veridicos.

Como não é possivel estender demasiado estas notas, seja dito de uma vez, que não só os factos relatados, mas tambem os usos e costumes que se attribuem aos personagens do drama, e todas as demais minucias da vida publica e particular, são cabalmente authenticados pela historia.

ACTO II

Aposento das captivas mouras. É uma camara no estylo arabe.

Indicámos para os differentes actos os tres diversos estylos de architectura —indiano, arabico e europeu,— como obra e emblema das tres raças, que successivamente dominaram em Goa e na India.

SCENA I

FREI DOMINGOS DE SOUSA

Frei Domingos de Sousa foi o constante companheiro de Affonso de Albuquerque desde a sua primeira viagem á India.

Este frade sagrou a primeira fortaleza de Cochim, e a primeira da India, erguida por Affonso de Albuquerque e seu primo Francisco de Albuquerque. Depois, sabemos que elle acompanhou Affonso de Albuquerque nas duas conquistas da cidade de Goa, na tomada de Malaca, e na expedição ao Mar Vermelho. Foi elle quem ouviu a ultima confissão de Affonso de Albuquerque, quando este, já moribundo, aportou a Goa, vindo de Ormuz.

Era graduado em theologia, e foi o primeiro vigario geral da India.

D'elle diz Gaspar Correia, que era homem, *que bem servia a Deus.*

É tudo quanto de sua vida referem as nossas chronicas.

SCENA IV

Que encerram os sequazes do propheta
Nos seus templos, e ahi os queimam vivos!

«Depois queimei a cidade (de Goa) e trouxe tudo á espada, e por quatro dias continuadamente a vossa gente fez sangue n'elles: por onde quer que os podiamos achar, não se dava vida a nenhum mouro, e enchiam as mesquitas d'elles, e punham-lhes fogo. Aos lavradores e brahmanes da terra, mandei que não matassem. Achamos por conta serem mortas seis mil almas, mouros e mouras; e dos seus peões archeiros muitos d'elles falleceram... Os (mouros) que agora tomam vivos, mando-os assar.»

Cartas de Affonso de Albuquerque, carta 8.ª

— Carnes rasgadas, — rostos retalhados . . .

Uma das crueldades que os portuguezes aprenderam na India, e que frequentemente praticavam, era a de mutilarem os mouros, principalmente decepando-lhes o nariz e a lingua. É aos mouros, assim tratados, que João de Barros chama euphemisticamente *Mouros assignalados do nosso ferro.*

ACTO III

SCENA I

Mas o Governador sempre a tentar-nos
Com terras e palmares distribuidos
A quem com ellas casava . . .

«Poz em ordem (Affonso de Albuquerque) de casar alguma gente portugueza com estas mulheres da terra... dando-lhes á conta d'el-rei dezoito mil reaes para ajuda de tomar sua casa, e com isso palmares e herdades d'aquellas que na ilha ficaram devolutas com a fugida dos mouros...

«Finalmente com os mimos e favores, que Affonso de Albuquerque fazia a estes desposados, foi em tanto crescimento acerca da gente baixa este alvoroço de casar, que, acertando Affonso de Albuquerque uma noite de casar uns poucos em sua casa, quando se espediram d'aquelle acto do desposorio

levando cada um sua esposa, parece que com a multidão da gente, por não haver muitas tochas que os acompanhassem, perderam as mulheres; e, no buscar d'ellas, como a luz não era muito clara, trocaram as esposas. Peró quando veiu ao seguinte dia, caíndo no engano da troca, desfizeram este enleio, tomando cada um a que recebeu por mulher, ficando o negocio da honra tal por tal.»

João de Barros, Decada II, liv. V, cap. XI.

SCENA II

«Qualquer christão, que houver ajuntamento carnal com alguma moura, ou com qualquer outra infiel, morra por ello.»

Estas palavras são extrahidas textualmente das ordenações Manuelinas, liv. V, tit. XXI.

SCENA III

O capitão heroico
. . . .
É uma incarnação da Divindade,
— Deus elle mesmo, e em templos adorado.

A divinisação e o culto dos homens poderosos, que se suppõem ser *avataras,* isto é, encarnações dos deuses superiores, é um artigo de fé do brahmanismo.

Esta apotheose recebeu o proprio Affonso de Albuquerque depois da sua morte. Os indios iam espargir sobre a sua sepultura flores e hervas odoriferas, e ahi o adoravam e lhe endereçavam as suas orações. O que foi causa de que o seu successor Lopo Soares, cujo empenho era desfazer e desacreditar toda a obra do governo de Albuquerque, tentasse o desfazer-lhe a sepultura.

Se eu erguesse o estandarte da revolta,
Nem um só portuguez me seguiria.

Tambem assim o cremos. Mas el-rei D. Manuel, que não tinha absoluta confiança na fidelidade de Affonso de Albuquerque, arreceiava-se da muita affeição que lhe tinham os seus familiares, e sobretudo do grande prestigio que elle exercia sobre o animo dos indigenas.

«Affonso de Albuquerque, —diz Damião de Goes— fazendo pouco caso de muitos capitulos e mais informações, que d'elle mandavam a el-rei pessoas que, por sua virtude e esforço, lhe tinham inveja misturada com odio; confiado na bondade d'el-rei e nos muitos e estremados serviços que lhe tinha feito; lhe pediu por suas cartas que houvesse por bem lhe fazer mercê do titulo de duque de Goa, na qual cidade desejava de se aposentar e repousar de tantos trabalhos, quantos tinha tomado por seu serviço.

No despacho d'este requerimento póde tanto a industria dos contrarios de Affonso de Albuquerque, que não sómente desviaram el-rei da boa vontade que lhe tinha, mas ainda lhe deram a entender que um tal requerimento trazia comsigo suspeita de se querer fazer tyranno e alevantar-se com Goa, onde tinha muitos criados e achegados, moradores e officiaes, que lhe queriam como a pae, e que sobre tudo isto tinha a vontade dos naturaes da terra de quem era amado e querido; e de que, tendo esta cidade por si com os castellos e fortalezas da ilha, se alliaria com o Hidalcão e com el-rei de Narsinga e outros senhores do sertão e da costa: o que se fizesse, viria pouco a pouco a ser tão poderoso, que os da terra se ergueriam com elle, e os portuguezes, que lá andavam, obedeceriam mais a seus mandados que aos de Sua Alteza. Os quaes pareceres fizeram tamanha mudança em el-rei, que não tão sómente lhe quiz conceder o que pedia, mas antes assentou de o fazer vir para o reino, e mandar por governador Lopo Soares de Albergaria, parecendo-lhe que, na execução de fazer embarcar Affonso de Albuquerque, faria todas as diligencias necessarias, por saber que não era muito seu amigo.»

Damião de Goes, Chronica de D. Manuel, parte III, cap. LXXVII.

As informações de Goes são confirmadas pelas cartas de Affonso de Albuquerque.

SCENA IV

Inda vereis cumprida a ameaça
D'aquelle outro sultão, que promettêra
Que os seus cavallos comeriam a aveia
Sobre os altares de San-Pedro em Roma.

Este sultão foi Bejazeto I, que morreu em 1403. É de advertir que, nas noticias referidas n'esta scena, a chronologia foi sacrificada á necessidade da concentração dramatica. Os factos, relatados por Diogo Mendes, deram-se todos em tempos mui proximos d'esta epocha, mas não precisamente no tempo indicado no drama.

ACTO IV

SCENA I

...mas uma alliança
De guerra contra o reino de Narsinga
Poria em vossas mãos vastos dominios.

O reino de Narsinga ou Bijayanagar (Narsinga ou Bisnagá lhe chamavam os nossos) comprehendia n'este tempo quasi todo o sul da India. Era sujeito a uma dynastia de rajahs indigenas, e, como é natural, excitava a cubiça dos principes mussulmanos

do Dekan, com os quaes estava continuamente em guerra, principalmente com o Hidalcão.

Depois da tomada de Goa, tanto o Hidalcão como o rajah de Narsinga se empenhavam em grangear a amisade e a alliança de Affonso de Albuquerque.

SCENA IV

Ora deixae contar-vos um successo,
Que se deu com el-rei Dom João Segundo.

O referido successo é narrado por Garcia de Resende, chronica de D. João II, cap. XCVI.

Dizem da India as sagradas escripturas...

A lenda relatada por Timoja encontra-se no mais afamado dos *Puranas*, — o *Bhagavata-Purana*, liv. X, cap. LXXXIX.

SCENA V

Do padecer derivo os meus alentos.

«Não ha honra em Portugal —dizia Affonso de Albuquerque— que seja igual á da governança da

India. Póde em Portugal haver descanso do trabalho do corpo: mas o meu corpo que dias póde viver para gosar do descanso? E que mór póde haver para mim, que acabar meus dias, que ja serão mui poucos, nestes trabalhos, que são os que me avivam os espiritos?»

Gaspar Correia, *Lendas da India*, parte I, vol. II, pag. 452.

SCENA VIII

A Providencia
Tambem do coração faz instrumento.

«Frei Domingos de Sousa lhe respondeu (a Albuquerque) que elle tinha bem sabido que nunca christão se tornára mouro por bem querer a moura, mas ellas eram as que se tornavam christans por o amor que tomavam aos christãos.»

Gaspar Correia, *Lendas da India*, parte I, vol. II, pag. 114.

Eblis jazeu com tua mãe.

Eblis é o Satanaz dos mussulmanos.

SCENA IX

A gloria! Vêde aquelle honrado velho,
Dom Francisco de Almeida, victorioso
. . . .
Favor do rei! Olhae Duarte Pacheco...

D. Francisco de Almeida, vice-rei da India, que, nas aguas de Diu, alcançou sobre as esquadras do Egypto e de Cambaya a mais famosa batalha naval dos annaes portuguezes, no regresso ao reino foi morto, na aguada de Saldanha junto ao Cabo da Boa Esperança, em uma miseravel escaramuça dos portuguezes com os caffres. O seu cadaver foi enterrado no areial pelos seus companheiros, e lá ficou, sem que os seus herdeiros, como d'isso se queixa João de Barros, tivessem jamais o cuidado de mandar trazer ao reino os seus ossos. «E mais aproveita para memoria de seus trabalhos este nosso cuidado, que quantos tiveram seus herdeiros de mandar buscar seus ossos, e os tirar d'aquelle tão triste desterro. Mas parece que assim o permitte Deus para exemplo dos que vivem.»

João de Barros, Decada II, liv. III, cap. X.

Duarte Pacheco, cujas victorias sobre o Samorim são bem conhecidas, foi recebido no reino com grandes honras. El-rei D. Manuel levou-o, em solemne procissão, da Sé ao Mosteiro de S. Domingos,

onde o bispo de Vizeu prégou um sermão em seu louvor. Mandou tambem o rei que iguaes festas se fizessem em todo o reino: e escreveu a respeito dos seus feitos aos principes da Europa. «Mas o fim d'estas honras — refere Damião de Goes — foi de qualidade que se póde d'elle tomar exemplo para os homens se guardarem dos revezes dos reis, e da pouca lembrança que muitas vezes têm d'aquelles a quem são em obrigação; porque a maior mercê, que Duarte Pacheco alcançou pelo premio de taes serviços, foi a capitania da cidade de S. Jorge da Mina, d'onde, por capitulos que d'elle deram, o mandou el-rei trazer ao reino em ferros, e, sem lh'os tirarem dos pés, esteve muito tempo preso na cadeia. Até que, por se saber serem parte das culpas que lhe punham falsas, e as outras tão leves, que em um tal homem não podiam ter o nome de culpas, o soltaram tão pobre, como o era, quando foi para a Mina. E assim viveu todo o mais do discurso da sua vida, com muito desgosto, e em tanta pobreza, que seu filho legitimo, João Fernandes Pacheco, e sua mãe que ao presente vivem (em 1560), por lhes elle não deixar fazenda para se poderem manter como devem, passam tão estreita vida, que são constrangidos a viver, elle não como os seus proprios serviços, alem dos de seu pae, merecem, e ella do pouco que lhe elle póde dar, e esmolas que lhe fazem pessoas honradas.»

Goes, Chronica de D. Manuel, parte I, cap. C.

SCENA X

Ayres da Silva,
Conheci vosso avô: — leal e bravo
Em Ouguella foi morto, pelejando
. . . .
E o vosso avô tambem, Duarte de Almeida. . .
Foi o alferes que em Tóro desfraldava
A bandeira real. . .
. . . .
Bernardim Freire, em vosso escudo a banda
Vermelha, com as serpes. . .
. . . .

Na chronica de D. Affonso V, de Ruy de Pina, cap. CLXXXIII, é narrada a morte de João da Silva, avô d'este Ayres da Silva, que militou na India sob Affonso de Albuquerque.

A respeito do alferes Duarte de Almeida, de quem aqui se introduz, como personagem mudo, um neto imaginario, lê-se na mesma chronica, cap. CXCI:

«A qual (bandeira real) não foi aquelle dia tomada das mãos de Duarte de Almeida, alferes pequeno, até que primeiro lh'as não deceparam, com outras infindas feridas, que no rosto e em todo o corpo houve: de que escapou. E a tanto mal se estende o mau succedimento das cousas, que este alferes, a que tanta honra e riqueza apoz isto se devia, viveu depois aleijado e pobre, e não com galardão digno de tal serviço.»

O brazão, aqui descripto, de Bernardim Freire, fidalgo que tambem militou na India sob Affonso de Albuquerque, é aquelle que á familia dos *Freires* assigna a *Nobiliarchia* de Antonio de Villasboas.

De Portugal ó Quinas veneradas,
A vós eu obedeço, — e não a este homem.

Comparando o desenvolvimento d'esta scena, em que Affonso de Albuquerque constrange á obediencia os conjurados, com a narração do mesmo facto por João de Barros, a qual foi transcripta no *Prefacio,* alguem poderá talvez accusar o drama de ter desfigurado a verdade historica com falsos adornos.

Mas não é assim.

O que o auctor fez foi dar uma representação dramatica de uma narração historica, isto é, tornar patentes, visiveis e comprehensiveis ao publico moderno, os sentimentos reconditos, que animaram e moveram os personagens que figuraram em um successo passado no seculo XVI.

Se o auctor se limitasse a expor dialogalmente a textual narração de João de Barros, e meramente apresentasse em scena a Affonso de Albuquerque com a espada desembainhada, e os fidalgos e capitães, até-hi tão arrogantes, dando-se immediatamente á prisão, o espectador hodierno, que não tem obrigação de ser versado em psychologia historica,

concluiria que foi o medo, ou, pelo menos, o sentimento de disciplina militar, que assim domava a rebeldia dos conjurados.

Esta conclusão seria completamente falsa. E, d'esta maneira, é que o drama desfigurava a historia.

Os conquistadores da India não conheciam, nem o medo, nem o sentimento da disciplina militar. Os sentimentos, que n'esta conjunctura os subjugaram, foram aquelles que o auctor poz na bôca de Affonso de Albuquerque, e que symbolisou no estandarte das Quinas, desdobrado ante seus olhos.

Se, porventura, Affonso de Albuquerque lhes não fez a exhortação que se lhe attribue, é porque os sentimentos, n'ella expressados, estavam vivos e ardentes no coração de todos os conjurados. Se elle não mandou desfraldar diante de si o estandarte das Quinas, encimado da cruz de Christo, é que esse estandarte fluctuava na gavea de todas as naus, e, por amor d'elle, os conjurados tinham atravessado os mares e derramavam na India o seu sangue. Mas a espada desembainhada de Affonso de Albuquerque significava tudo isso: era um pregão solemne, uma intimação peremptoria de que, se elle governador, representante do rei e supremo defensor da fé no Oriente, não fosse obedecido, os rebeldes seriam traidores ao rei e á patria, e renegados da fé.

Esta significação era intuitiva para os homens d'aquelle tempo: mas não o póde ser para o publico de um theatro contemporaneo, para o qual importa vestir esses sentimentos de uma fórma corporea,

impressiva e facilmente comprehensivel, que é o mesmo que dizer, de uma fórma dramatica.

Assim a historia e o drama dizem a mesma cousa: com a distincção de que a historia narra as circumstancias materiaes do facto, ao passo que o drama, alem d'essas, representa tambem ostensivamente os movimentos intimos da alma, de que essas circumstancias são o resultado.

ACTO V

SCENA I

Trinta e dois mil quintaes os da pimenta...

Essa é a lista, perfeitamente exacta, do que em tempo de D. Manuel se considerava como uma carga satisfactoria de especiarias, vinda na armada da India.

É um rhinoceronte.

Este rhinoceronte, que foi o primeiro que foi visto na Europa medieva, causou n'ella grande assombro. No museu britannico existe um desenho d'esse rhinoceronte, feito por Alberto Dürer. O animal chegou a Portugal, e foi enviado de presente ao papa, mas morreu na viagem.

E Ruy de Pina, a quem, por brinde,
Enviei uns preciosos diamantes . . .

Affonso de Albuquerque não confiava sómente dos seus serviços a conservação da graça real: mas procurava firmal-a com presentes de joias e preciosidades da India, enviadas ao rei, á rainha e aos valídos da côrte.

O chronista Ruy de Pina foi tambem objecto da sua munificencia. Assim o publicam João de Barros e Damião de Goes, que, com ingenua franqueza, se queixam doridamente de que Ruy de Pina, que recebêra de Albuquerque os diamantes, nada escrevêra a respeito dos seus feitos, e de que elles, que nada tinham recebido, fossem os que tivessem de reparar o ingrato esquecimento do chronista beneficiado.

Fiel amigo!
Conheço a vossa fé inquebrantavel.

O caracter, com que Pero de Alpoim é personificado, é de todo o ponto veridico. Foi elle o amigo constante e submisso de Affonso de Albuquerque, durante todo o seu governo, e de tanta confiança que este o nomeou por seu testamenteiro.

A Pero de Alpoim attribuia Albuquerque a salvação da sua vida, quando, voltando de Malaca, naufragou na costa de Sumatra.

«O ouvidor Pero de Alpoim é tal homem, que. entre dois ou tres homens honrados e fidalgos que vinham n'essa nau, e que levou por força e contra sua vontade, vendo-me perder arribou sobre mim: e, se cada um d'aquelles fôra capitão, perdêra-me eu e cento e cincoenta portuguezes que vinham commigo.»

Cartas de Affonso de Albuquerque, carta 40.ª

SCENA III

. . . o capitão vaidoso,
E intromettendo-se em mister alheio . . .

N'aquelles tempos o capitão da nau era um fidalgo, o qual geralmente. mas nem sempre, era alheio a todos os conhecimentos nauticos. A navegação e derrota eram da competencia do piloto, e a mareação era da competencia do mestre da nau.

De erros de rumo, tão avessos como aquelle que é narrado por Antonio da Silveira, ha frequentes exemplos nas nossas chronicas.

SCENA IV

Vejamos os capitulos.

Os capitulos apontados são, de facto, os capitulos de accusação, que da India mandavam a el-rei contra Affonso de Albuquerque.

INDICE

